

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

ANNE RAMAYHARA MENDES GOMES

PSICOSE INFANTIL E SUA EXPERIÊNCIA COM OS LIVROS DIGITAIS

São Luís

2021

ANNE RAMAYHARA MENDES GOMES

PSICOSE INFANTIL E SUA EXPERIÊNCIA COM OS LIVROS DIGITAIS

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Roosevelt Lins Silva

São Luís

2021

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Gomes, Anne Ramayhara Mendes.
PSICOSE INFANTIL E SUA EXPERIÊNCIA COM OS LIVROS
DIGITAIS / Anne Ramayhara Mendes Gomes. - 2021.
110 f.

Orientador(a): Roosevelt Lins Silva.
Monografia (Graduação) - Curso de Biblioteconomia,
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2021.

1. Educação. 2. Inclusão. 3. Livros Digitais. 4.
Psicose Infantil. I. Lins Silva, Roosevelt. II. Título.

ANNE RAMAYHARA MENDES GOMES

PSICOSE INFANTIL E SUA EXPERIÊNCIA COM OS LIVROS DIGITAIS

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovada em: 14/09/2021

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Roosevelt Lins Silva (Orientador)

Departamento de Biblioteconomia
Universidade Federal do Maranhão

Prof.^a Dr.^a Cássia Cordeiro Furtado

Departamento de Biblioteconomia
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva

Departamento de Biblioteconomia
Universidade Federal do Maranhão

O Ser do homem não pode ser compreendido sem sua loucura, assim como não seria o ser do homem se não trouxesse em si a loucura como limite de sua liberdade.

Jacques Lacan

AGRADECIMENTOS

A concretização desta pesquisa não poderia ter acontecido sem a contribuição de todos os elos construídos com as pessoas citadas em meus agradecimentos, pois cada qual dentro da sua particularidade foi importante para o desenvolvimento e inspiração de cada detalhe deste trabalho de conclusão de curso.

Gratidão a Deus pela experiência de existir.

Gratidão à minha mãe Marinalva dos Santos Mendes, pelos cuidados e investimentos proporcionados à minha educação.

Gratidão ao Prof. Dr. Roosevelt Lins Silva que com sensibilidade aceitou o convite em orientar essa pesquisa e no decorrer do percurso me presenteou com esse magnífico método cartográfico.

Gratidão à banca examinadora Prof.^a Dr.^a Cássia Cordeiro Furtado e Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva que com esmero contribuiriam para os resultados deste trabalho.

Gratidão à professora Dr.^a Cássia Cordeiro Furtado, pelo incentivo, oportunidade em grupos de pesquisa e por ser a minha referência de pesquisadora na vida acadêmica.

Gratidão à todos os professores do departamento de Biblioteconomia pelos ensinamentos adquiridos durante a jornada de ensino, pesquisa e extensão na Universidade.

Gratidão às amigadas construídas durante o curso de Biblioteconomia em especial aos Bibliotecários Carla Jeane dos Santos, Silvestre Matos de Carvalho, Josane de Mesquita Lindoso, Edilson Reis e Willame Aquino.

Gratidão às Psicanalistas Thais Moraes Correia e May Guimarães Ferreira pelas implicações, progresso e conhecimentos proporcionados durante meu percurso de análise pessoal.

Gratidão à Psicóloga Ariadne Alcione, pela oportunidade e ensinamentos durante a vida e no estágio ocorrido no Hospital Nina Rodrigues.

RESUMO

A pesquisa trata da psicose infantil e sua experiência com os livros digitais. Aborda como se estrutura a psicose a partir da perspectiva psicanalítica; entende a importância dos livros digitais no processo de ensino-aprendizagem; percebe o comportamento de crianças com estrutura psicótica ao serem apresentadas às ferramentas de interação oferecidas pelos livros digitais; observa se há interação entre o texto literário e as crianças de estrutura psicótica; averigua se os Livros Digitais utilizados por crianças de estrutura psicótica se insere como proposta ao modelo educacional inclusivo. Cita autores da Biblioteconomia e tecnologia, a mencionar Furtado (2017), Bottentuit (2018), Oliveira (2011), Reis (2016) e Santos (2017), que já desenvolvem pesquisas que apontam sobre a importância da utilização dos recursos tecnológicos dentro do processo educacional, em especial no aparato infantil. As demais contribuições foram feitas com autores como Freud (1930), Anna Freud (1965), Winnicott (1957), Kupfer (2017), Klein (1929) Jerusalinsky (1997), Ferreira (2013) e o Lacan (1956) que fomentam o diálogo do trabalho. A pesquisa utilizou-se das fundamentações advindas do método cartográfico, o que possibilitou a abertura para uma comunicação com o leitor em primeira e terceira pessoa, que por vezes iremos encontrar durante o trabalho de pesquisa para não perder o processo de experiência vivido pela pesquisadora, a abordagem é qualitativa ao passo que tem por objetivo ser descritiva quando se preocupa com a natureza da atividade e em descrevê-la, sem realizar mediações ou métodos estatísticos. Os instrumentos utilizados foram as entrevistas estruturadas e semiestruturadas aplicadas aos pais e ao público alvo da pesquisa, a escuta teve carácter flutuante e atento á observação, utilizou-se de um diário de campo para anotações do percurso, assim como se usufruiu dos livros digitais interativos como mediadores do processo. A pesquisa mostra crianças que contiveram como critério de inclusão desenvolvimento atípico, com estrutura desencadeada na Psicose, o que em contrapartida entra como critério de exclusão as crianças de desenvolvimento típico. As bases de dados utilizadas para o levantamento das fontes bibliográficas foram a Scielo, Portal Capes, Revista on line Bibliomar, BDTD (Biblioteca Digital de Teses e Dissertações), Conselho Federal de Psicologia e Portal Mec. Conclui que o livro é eficaz ao proporcionar elos de mediação que fomentam o diálogo entre aluno, professor e família.

Palavras-chave: Educação. Livros Digitais. Inclusão. Psicose Infantil. Psicanálise.

ABSTRACT

The research deals with childhood psychosis and its experience with digital books. It addresses how psychosis is structured from a psychoanalytic perspective; understands the importance of digital books in the teaching-learning process; perceives the behavior of children with psychotic structure when they are introduced to the interaction tools offered by digital books; observes if there is an interaction between the literary text and children with psychotic structure; ascertains whether the Digital Books used by children with a psychotic structure are included as a proposal for the inclusive educational model. Cites authors from Librarianship and Technology, mentioning Furtado (2017), Bottentuit (2018), Oliveira (2011), Reis (2016) and Santos (2017), who are already developing research that points to the importance of using technological resources within the educational process, especially in the children's apparatus. The other contributions were made with authors such as Freud (1930), Anna Freud (1965), Winnicott (1957), Kupfer (2017), Klein (1929) Jerusalinsky (1997), Ferreiro (2013) and Lacan (1956) who foment the work dialogue. The research used the fundamentals arising from the cartographic method, which allowed the opening for communication with the reader in first and third person, which we will sometimes find during the research work so as not to lose the experience process experienced by the researcher the approach is qualitative whereas it aims to be descriptive when concerned with the nature of the activity and in describing it, without performing mediations or statistical methods. The instruments used were structured and semi-structured interviews applied to parents and the target audience of the research, listening was fluctuating and attentive to observation, a field diary was used for notes on the route, as well as interactive digital books as mediators of the process. The research shows children that contained atypical development as a criterion for inclusion, with a structure triggered by Psychosis, which in contrast includes children of typical development as exclusion criteria. The databases used to survey the bibliographic sources were Scielo, Portal Capes, Bibliomar online magazine, BDTD (Digital Library of Theses and Dissertations), Federal Council of Psychology and Portal Mec. It concludes that the book is effective in providing mediation links that foster dialogue between student, teacher and family.

Keywords: Education. Digital Books. Inclusion. Infantile Psychosis. Psychoanalysis.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Crianças encarceradas em berços dentro do Colônia.....	17
Figura 2 - Ambientes educativos e Zona de Desenvolvimento Proximal.....	39
Figura 3 - Crianças atendidas pelo Hospital Nina Rodrigues utilizando smartphones.....	47
Figura 4 - Livro digital “Piter a caminho do espaço” da página Janela Mágica.....	62
Figura 5 - Livro digital “O gatinho que não sabia miar” da página Tecteca.....	64

LISTA DE ABREVIATURAS

CAPSi - Centro de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil

CAPS- Centros de Atenção Psicossocial

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

HTP - House, Tree e Person

SUS - Sistema único de Saúde

THB - Transtorno de Humor Bipolar

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TALE - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

ZDP - Zona de Desenvolvimento Proximal

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	COMPREENSÕES ACERCA DA REFORMA PSIQUIÁTRICA.....	17
3	BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA SOBRE A INFÂNCIA.....	22
4	PSICOSE INFANTIL: NÃO FICA MALUCO QUEM QUER.....	27
5	LIVROS DIGITAIS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS IMERSAS NA ESTRUTURA PSICÓTICA.....	37
6	METODOLOGIA.....	43
7	A APROXIMAÇÃO COM AS CRIANÇAS DO CAMPO DE ESTUDO.....	46
7.1	A estrutura familiar e suas vivências: João.....	49
7.1.2	Embarcando no diálogo com o João.....	53
7.2	A estrutura familiar e suas vivências: Maria.....	55
7.2.1	O espaço de fala e interrogações da Maria.....	60
8	COMPORTAMENTO DAS CRIANÇAS AO SEREM APRESENTADOS AOS LIVROS DIGITAIS.....	63
8.1	A experiência de João com o livro digital.....	64
8.2	A experiência de Maria com o livro digital.....	66
8.3	A interação exercida entre a criança e o texto literário.....	67
8.4	O livro digital como mediador no diálogo entre criança e professor do modelo educacional inclusivo.....	69
8.5	O surgimento da transferência e contratransferência no trabalho de pesquisa.....	74
9	CONCLUSÃO.....	80
	REFERÊNCIAS.....	83
	APÊNDICES.....	90
	ANEXOS.....	96

1 INTRODUÇÃO

No contexto escolar contemporâneo tem-se o recurso da leitura digital que torna-se interessante porque não é linear e nos traz a possibilidade de ter contato com vários elementos da interface gráfica do livro digital ao mesmo tempo (vídeo, áudio, imagem e texto), na qual compõe em seu aparato, movimento e interatividade entre o usuário (SANTOS, 2017).

Cauduru (2013, p. 9) destaca sobre “a importância de entender as mídias como fonte de conhecimento, objeto de estudo e forma de expressão para qualificar a educação, a partir de uma perspectiva crítica, criativa e responsável”. Assim esses dispositivos com seus hipertextos e suportes do registro do conhecimento apresentam novidades, pois mudam a forma de acesso, conteúdo, paginação, visualização, estímulo, interação, transmissão, mediação, pertinência, descobertas e concepção do ato de ler (CAUDURU, 2013).

Os estudos de Furtado (2017) relatam que a introdução do artefato leitura digital possibilita criar laços sociais entre professor, aluno e familiares, assim como corrobora com o pensamento Martins (1994, p.31) quando retrata que a leitura “[...] é um espaço de interação consigo e com os outros cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos”.

A formação de leitores possibilita a composição de indivíduos ativos dentro do contexto social, elemento esse que deve ser incentivado desde a primeira infância, a se pensar na contação de histórias aos bebês nessa fase de constituição, complementa Freud (1930, p.18) sobre a questão de que “o bebê lactante ainda não separa seu Eu de um mundo exterior, como fonte das sensações que lhe sobrevêm. Aprende a fazê-lo aos poucos, em resposta a estímulos diversos [...]”.

Ao dialogar com a esfera educacional, familiar e social encontramos crianças acometidas pela estrutura psicótica, onde podemos apontar inicialmente os esquizofrênicos e bipolares.

As famílias que possuem crianças dentro da estrutura psicótica se sentem na maioria das vezes sobrecarregadas e desorientadas quando o assunto corresponde à educação desses filhos que fogem aos padrões socialmente esperados. Segundo Vasques (2009) “[...] esses alunos impõem grandes desafios aos processos inclusivos, já que as características consideradas típicas de seus quadros são de difícil gestão no âmbito do grupo”. Pais que vivem essa realidade buscam seguras alternativas no âmbito educacional e esperam que a sala de aula ofereça atrativos e recursos estimulantes.

É nesse contexto de busca por recursos interativos, que a leitura digital torna-se

interessante, pois corrobora Reis (2016) ao considerar que os livros digitais possibilitam ao usuário acessar blogs, vídeos, sites, jogos e redes sociais através dos links disponibilizados nos textos. Essa experiência do usuário com as interfaces do livro digital de acordo com Veras (2008) são determinantes para desencadear as interpretações, cognitivas e significativas, sobre o artefato.

Desta maneira o fomento do trabalho surgiu a partir da participação no projeto de pesquisa “Livros Digitais, Sistemas Hipermediáticos e Partilha Literária para Leitores Infantis” e em paralelo estagiava no ambulatório infantil do Hospital Nina Rodrigues, o que possibilitou ter aproximação com o público da proposta do trabalho em questão, ocorrendo em complemento a esse processo teve-se a escuta das famílias com filhos em desenvolvimento atípico, onde as mesmas expressavam sobre a forte aflição enfrentada dentro do âmbito educacional público, o que por ventura não as proporcionam segurança quanto aos escassos recursos e a inclusão, a citar dos livros, que não encontram-se adaptados para atender a demanda educacional dos filhos.

Então, foi em meio a esse contexto de pesquisa e escuta, que ocorreu a pretensão em experimentar a tecnologia dos livros digitais, já trabalhados com crianças do ensino regular público, com aquelas que estão acometidas pelo desenvolvimento atípico.

O objetivo da pesquisa consiste em compreender que tipo de relação é estabelecida entre crianças com estrutura psicótica e os livros digitais percorrendo os objetivos específicos que incumbem em conhecer como se estrutura a psicose a partir da perspectiva psicanalítica; entender a importância dos livros digitais no processo de ensino-aprendizagem; perceber o comportamento de crianças com estrutura psicótica ao serem apresentadas às ferramentas de interação oferecidas pelos livros digitais; observar se há interação entre o texto literário e as crianças de estrutura psicótica; averiguar se os livros digitais utilizados por crianças de estrutura psicótica se insere como proposta ao modelo educacional inclusivo.

As fundamentações vieram do método cartográfico, o que possibilitou abertura para uma comunicação com o leitor em primeira e terceira pessoa, que por vezes iremos encontrar durante o trabalho para não perder o processo de experiência vivido pela pesquisadora.

O trabalho foi embasado teoricamente com autores que contribuíram de forma significativa para o diálogo, dentre eles Furtado (2017), Bottentuit (2018), Reis (2016), Oliveira (2011) e Santos (2017), que já desenvolvem pesquisas que apontam sobre a importância da utilização dos recursos tecnológicos dentro do processo educacional, em especial no aparato infantil. Assim como autores da área da Psicanálise como o Freud (1930), ao desvelar o complexo de Édipo, a Anna Freud (1965) que teve sua vasta experiência na

clínica infantil, o D.W. Winnicott (1957), que aponta toda a sua obra dentro da análise destinada às crianças, a Kupfer (2017) que tem projetos voltados para crianças psicóticas, a Klein (1929) com sua história pautada no atendimento de crianças, o Jerusalinsky (1997) com vasta atuação na área infantil, Ferreiro (2013) que vem trazendo uma desconstrução da metodologia de ensino, e o Lacan (1956), fomentando com suas contribuições acerca da Psicose.

As temáticas apresentadas no decorrer do percurso fornecem subsídios para compreendermos acerca dos envolvidos na pesquisa que vai desde as crianças, familiares e a própria pesquisadora que não deixa de ser afetada pelo meio. Então fazer o percurso pela Reforma Psiquiátrica no Brasil e Maranhão foi importante para adentrarmos nos manicômios e compreendermos o nascimento da clínica ampliada que surge como proposta ao modelo que necessitava de mudanças, visto que somos seres que sofremos influência do meio que nos cerca, do âmbito familiar ao grupo na qual estamos inseridos. A proposta engloba o apoio da equipe multidisciplinar, composta pelos profissionais atuantes na saúde mental, ou seja, o sujeito recebe atendimento de ambas as esferas, não focando sua saúde somente nas mãos dos médicos ou diagnósticos fechados, respeitando e passando pela importância de toda a equipe e abordagens envolvidas.

Haja vista que a temática trata da psicose infantil, então foi elaborado um resgate histórico da infância que datam da idade média à contemporaneidade, pois há registros na Grécia de infanticídio, assim como era comum executarem as crianças que nasciam com certa deficiência.

Na época das navegações portuguesas as crianças eram recrutadas para trabalhar, pois proporcionavam menos custos, enquanto que as meninas geralmente eram abusadas pelos senhores da tripulação, assim como as filhas dos escravos.

Por seguinte outro problema se instalou após a criação da Lei do Ventre Livre, os filhos de escravos passaram a não ter moradia e a viverem a margem da sociedade, assim também como os filhos nascidos fora do casamento que eram abandonados para proteger a imagem da família tradicional e após lutas e resistências foi criado o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) que atualmente fornece amparo e resguardo às crianças com direitos a serem garantidos pelo Estado, pela sociedade e pela família. Portanto “é dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor” (ECA, 2019).

Ao dialogarmos sobre a infância versaremos sobre os ruídos que uma criança com

desenvolvimento atípico¹ causa na família, escola e comunidade ao demandarem de cuidados que na maioria das vezes são permeados por dúvidas, os familiares, a escola e a comunidade geralmente sentem-se confusos sobre como devem proceder e acabam de certa forma impedindo que a criança desenvolva certas habilidades por acharem que seja impossível.

A participação da família nesse processo de aprendizagem e desenvolvimento na infância discutem o desenvolvimento psicossocial do sujeito a partir das fases do nascimento, estágio oral, estágio anal, estágio fálico, período de latência e adolescência, o que compete dizer que apesar desse processo natural a influência dos pais sobre a criança é bastante significativa, corroborando para a formação da personalidade (BALDWIN, 1973).

Investigando sobre a participação familiar, compreendemos que o processo de construção da estrutura psicótica perpassa pela tríade edipiana, o que de antemão é um sofrimento psíquico que se estrutura na infância por conta de fatores relacionados a forclusão² do Nome-do-Pai na existência do sujeito, alguns casos se desenvolvem logo na infância enquanto outros podem aparecer na fase adulta a exemplo disso temos o caso clássico do Schreber estudado por Freud que ao ser indicado para ocupar lugar de autoridade, que desempenha a lei, o nome-do-pai, ele inicia seu processo de adoecimento com desencadeamento da psicose.

A mola propulsora dos trabalhos analíticos consistem no aparecimento do fenômeno transferência e contratransferência que não deve ser atribuída aos encantos da própria pessoa, colabora FREUD (1917, p. 586) que “em primeiro lugar, deixemos claro que a transferência surge no paciente desde o início do tratamento e que, por algum tempo, representa a mola propulsora do trabalho”. E o educador pode utilizar-se desse fenômeno a seu favor, para despertar na criança, o provimento de pistas para fomentar a leitura, aprendizagem ou a sua descoberta enquanto pessoa.

Levando em consideração que iremos abordar sobre a “Psicose infantil e sua experiência com os livros digitais” é viável perpassarmos pelos contributos da leitura e a importância dos livros digitais nesse processo de ensino-aprendizagem para logo em seguida trazermos os resultados decorrentes da vivência experimentada pelas crianças aos serem

¹ O desenvolvimento atípico corresponde ao atraso no desenvolvimento referente a fala, ao não se comunicar com os pais através do olhar, do atraso no desenvolvimento de gestos mais complexos e com significados sociais mais evidentes. LIBERALESSO, Paulo. **Desenvolvimento típico e atípico da fala com crianças com TEA**. Rio de Janeiro: 200?. Disponível:<<https://www.institutopriorit.com.br/desenvolvimento-tipico-e-atipico-da-fala-em-criancas-com-tea-parte-1/>>. Acesso em: 15 out. de 2021.

² A forclusão do Nome-do-Pai: trata-se da não introdução da figura paterna no campo do simbólico, nessa relação edipiana estabelecida entre a figura materna e paterna. CELANI, Patrícia Gomes e LAUREANO, Maecella. **Da forclusão do nome-do-pai: a leitura lacaniana de Schreber**. Disponível em:<<https://www.rel.uniceub.br/cienciasaude/article/view/1065>>. Acesso em: 03 de Jun. De 2021.

apresentadas aos livros digitais.

No entanto a presente pesquisa será de grande relevância aos moldes educacionais inclusivos, pois pensar na introdução dos livros digitais como mediadores do processo educacional inclusivo é possibilitar abertura da ressignificação subjetiva dessas crianças acometidas por psicose para além do transtorno, visto que, há uma demanda no processo educar quando se trata de crianças acometidas pela estrutura psicótica, tanto por parte da estrutura educacional quanto por parte da família, que por vezes encontram-se fragilizados frente às dificuldades presentes no âmbito biopsicossocial.

2 COMPREENSÕES ACERCA DA REFORMA PSIQUIÁTRICA

A área de saúde mental atravessa por muitos anos diversos desafios, a enveredar pela reforma psiquiátrica, que surgiu como resposta aos índices de maus tratos e descasos com que eram tratados os doentes mentais em seu cotidiano.

O sistema agregava caráter degradante, e as pessoas que não se enquadravam aos padrões da sociedade eram destinadas aos hospícios, a citar as mulheres da noite, os homossexuais, os revolucionários, as pessoas que sofriam de tristeza, as mulheres que traíam seus maridos, dentre outras instâncias (ARBEX, 2013).

As crianças com deficiência física ou mental, geralmente eram abandonadas pelos familiares no hospício, ficavam em uma ala específica e encarceradas nos berços. “Havia berços onde crianças aleijadas ou com paralisia cerebral vegetavam. Ninguém os retirava de lá nem para tomar sol” (ARBEX, 2013, p. 79).

Figura 1– Crianças encarceradas em berços dentro do Colônia



Fonte: Foto cedida por Jairo Toledo e encontrada em Arbex (2013)

Assim, à medida que as internações ocorriam, os pacientes eram deixados em ambientes insalubres, bebiam água de esgoto, alimentavam-se mal, dormiam ao relento, andavam nus e a consequência frente a essas atrocidades pautou-se na morte de 60 mil pessoas no maior hospício do Brasil, na cidade de Barbacena (ARBEX, 2013).

Fome e sede eram sensações permanentes no local onde o esgoto que cortava os pavilhões era fonte de água. Nem todos tinham estômago para se alimentarem de bichos, mas os anos no Colônia consumiam os últimos vestígios de humanidade. Além da alimentação racionada, no intervalo entre o almoço e o jantar, servidos ao meio-dia e às 5 horas da tarde, os pacientes não comiam nada. (ARBEX 2013, P.42):

Portanto, a permanência no hospício não priorizava a humanização no atendimento,

mas, representava um descaso à saúde mental do sujeito, pois muito daqueles que estavam internados não possuíam transtornos mentais, mas acabavam adquirindo traumas devido aos momentos de angústia vivenciados, o que era para ser um trabalho de recuperação e escuta, tornou-se um mercado que gerava proventos financeiros. Sendo que, “ao morrer, davam lucro, visto que os corpos eram vendidos para dezessete faculdades de medicina do País, sem que ninguém questionasse” (ARBEX, 2013, p.14). A omissão, e a passagem ao ato, diante do genocídio generalizado, remetem as considerações de (FREUD, 1930, p.77-78) quando afirma:

[...] as pessoas gostam de negar que o ser humano não é uma criatura branda, ávida de amor, que no máximo pode se defender, quando atacado, mas sim que ele deve incluir, entre seus dotes instituais, também um forte quinhão de agressividade. [...] Homo Homini lúpus [O homem é o lobo do homem]; quem, depois de tudo o que aprendeu com a vida e a história, têm coragem de discutir essa frase?

Desse modo, o ponto de partida para a compreensão da introdução dos Centros de Atenção Psicossocial na comunidade emerge das demandas vivenciadas pelos doentes mentais até a Reforma Psiquiátrica, por volta da década de 90. O Centro de Atenção Psicossocial, sustentado pela lei nº 10.216 surge como proposta ao degradante modelo manicomial que mantinha os usuários do sistema submersos a insalubres condições de tratamento, correspondendo, na verdade, a uma máquina de maus tratos e mortes, complementa Arbex (2013, p. 208) ao tratar que “[...] a reforma psiquiátrica é, de certa forma, a abolição da escravidão do doente mental, seu fim como mercadoria de lucro dos hospitais fechados, da exploração do sofrimento humano com objetivos mercadológicos.”

A menção refere-se ao genocídio em massa ocorrido nas instituições psiquiátricas, pois não necessariamente era preciso estar acometido por transtorno mental; os sujeitos que se encontravam à margem da sociedade - ou qualquer pessoa que incomodasse o aparato social - eram encaminhados aos manicômios para serem extorquidos até a morte.

Logo após as denúncias, leis foram se estabelecendo para garantir dignidade aos doentes mentais e reintegrar esses sujeitos à comunidade e à família, a citar o SUS (Sistema Único de Saúde), o que confere o Ministério da Saúde (BRASIL, 2004, p. 13):

O SUS, instituído pelas Leis Federais 8.080/1990 e 8.142/1990, tem o horizonte do Estado democrático e de cidadania plena como determinantes de uma “saúde como direito de todos e dever de Estado”, previsto na Constituição Federal de 1988. Esse sistema alicerça-se nos princípios de acesso universal, público e gratuito às ações e serviços de saúde [...]

Desse modo, o SUS trouxe um novo modelo ao contexto da Saúde, considerando-a como direito de todos e dever do Estado em garantir qualidade e eficiência no atendimento, assim como revitalizou o conceito de Saúde, não limitando-a ao patamar de ausência de doença, mas ampliando-a em uma contextualização biopsicossocial, em que se pense ser

necessário uma infraestrutura, saneamento básico, acesso ao trabalho, esporte, lazer, transporte, além de uma vida emocional equilibrada, educação, segurança, dignidade, dentre outros fatores subjetivos que cooperam para o estabelecimento da saúde e bem estar da sociedade.

Dentro da prerrogativa do SUS, no âmbito da Saúde Mental, tem-se a criação dos CAPS, e dentre eles, o CAPSi (Centro de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil), sendo que o pioneiro veio a surgir em 1986, na cidade de São Paulo. A proposta do CAPS vem na contramão das internações dos Hospitais Psiquiátricos, está voltada ao âmbito de reinserção desses sujeitos ao aparato social, a partir de novas oportunidades que compõem emprego, lazer, grupos sociais, familiares e alternativas pensadas conforme a história de vida de cada usuário.

Enquanto que no Maranhão os sujeitos que sofriam por transtornos mentais estavam a andarilhar pelas ruas e os mais bravos eram direcionados a Santa Casa de Misericórdia, compartilhando in(cômodos) com os outros pacientes da casa, “[...] não havia nenhum tipo de acolhimento aos enfermos mentais” (RAPOSO, 2014, p.1).

No decorrer dos anos, na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, foram recebendo tratamento ressignificativo, participando de oficinas, assim confirma Raposo (2014, p.2) quando diz que “[...] os alienados mais calmos eram inseridos em oficinas de manufatura de calçados, artesanato, alfaiataria, aprendizado em carpintaria e marcenaria, tipografia e pintura.”

No Maranhão, as mudanças não foram tão expressivas quanto as que ocorriam em outros Estados. A sociedade clamava por mudanças, pois os doentes mentais continuavam a perambular pelas ruas e os mais rudes sofriam abusos por parte da sociedade. Assim retrata Raposo (2014, p. 2):

O clamor da sociedade, que temia a presença dos loucos pelas ruas da cidade, exigiu do governo do Estado, exercido pelo Dr. Urbano Santos e posteriormente pelo Dr. Godofredo Viana, a detenção imediata dos doentes mentais que estivessem pelas ruas da cidade para Cadeia Pública do Jenipapeiro.

Então, após o Golpe Militar liderado por Getúlio Vargas, o Maranhão iniciou um processo de modernização e vastas mudanças sociais e estruturais no Estado, dentre elas inclui-se a construção do Hospital Nina Rodrigues, inaugurado no dia 25 de março de 1941, no qual o nome Nina Rodrigues é em homenagem ao maranhense e médico Raimundo Nina Rodrigues³. Na década de 1970, é fundada a Associação Maranhense de Psiquiatria, tendo

³ Tratar sobre o médico Raimundo Nina Rodrigues não compete ao escopo desta pesquisa, a pontuação referente ao seu nome refere-se em citar as origens da instituição psiquiátrica Hospital Nina Rodrigues. Não é acatado

como primeiro presidente o Dr. Alfredo Luís Bacelar Viana.

No início de 1990, São Luís, recebe a primeira psiquiatra da infância e adolescência; nesse período, entra em vigor a Reforma Psiquiátrica, trazendo um grande benefício para o campo dos atendimentos em Saúde Mental, atenta Raposo (2014. p. 5):

Neste período o Hospital Nina Rodrigues passa por uma profunda reforma física e administrativa no sentido de se adequar às novas regulamentações para a assistência psiquiátrica. Surgem os CAPS e hospitais dia tanto da rede pública como da rede privada e a primeira clínica privada para atendimento a dependentes químicos.

Com o advento da Reforma Psiquiátrica, alguns agravantes foram surgindo no Maranhão, a citar a escassez de médicos para atuarem no contexto Psiquiátrico. Então, devido a essa demanda, Raposo (2014 p. 5) relata que “[...] no dia 06 de março de 2014 fica implantada definitivamente, com matrícula realizada, a primeira turma de médicos residentes em psiquiatria.” O processo histórico começa a estruturar-se no Hospital Nina Rodrigues.

A Psicologia já era bastante atuante em outros Estados e mesmo após a regulamentação da profissão, tem-se um atraso enquanto a chegada desses profissionais ao Maranhão. Relata Araújo (2005, p. 149):

Lentamente, o campo psicológico foi se constituindo com a chegada de Psicólogos a São Luís (entre as décadas de 1970 e 1980) e bem mais tarde com a criação dos cursos. A entrada desses profissionais e o surgimento dos cursos (1991 e 1998), no Estado, ocorreram com considerável atraso em relação à regulamentação do exercício profissional amparado na Lei nº 4.119, de 27 de agosto de 1962. Na década de 70, os primeiros profissionais formados em outras instituições brasileiras chegaram a São Luís. No Brasil, no entanto, a atuação do Psicólogo já estava avançada, ocorrendo antes mesmo da regulamentação da profissão e dos cursos.

Portanto, os primeiros atendimentos no âmbito de saúde mental foram realizados no Hospital Nina Rodrigues, pioneiro no abrigo de sujeitos com transtornos mentais; logo em seguida, entra em vigor os grupos de Psicanálise que fazem esse trabalho de escuta, paralelo ao da equipe multidisciplinar.

Logo o conceito de Saúde não está mais relacionado à ausência de doença, assim como o atendimento não está mais focado somente no modelo medicalocêntrico, que vê o médico como principal responsável em atender a demanda na esfera da saúde. Portanto na contemporaneidade o sujeito está assistido por uma equipe que irá lhe acolher na esfera biopsicossocial, pois se observa que somente o medicamento não lhe causa efeito, caso não esteja amparado por condições favoráveis de infraestrutura, saneamento e bons relacionamentos interpessoais. Assim compartilha a cartilha do Ministério da Saúde (2009, p. 13):

neste trabalho os ideais racistas e eugenistas encontradas durante a atuação profissional do psiquiatra, onde o mesmo tratava em suas obras os índios, mestiços e negros como produtos das chamadas raças inferiores.

De modo geral, quando se pensa em clínica, imagina-se um médico prescrevendo um remédio ou solicitando um exame para comprovar ou não a hipótese do usuário ter uma determinada doença. No entanto, a clínica precisa ser muito mais do que isso, pois todos sabemos que as pessoas não se limitam às expressões das doenças de que são portadoras. Alguns problemas como a baixa adesão a tratamentos, os pacientes refratários (ou “poliqueixosos”) e a dependência dos usuários dos serviços de saúde, entre outros, evidenciam a complexidade dos sujeitos que utilizam serviços de saúde e os limites da prática clínica centrada na doença.

A Clínica Ampliada surgiu como proposta a um modelo que necessitava de mudanças, visto que somos seres influenciados pelos meios que nos cercam, do âmbito familiar ao grupo na qual estamos inseridos. A proposta engloba o apoio da equipe multidisciplinar, composta pelos profissionais atuantes na Saúde Mental, ou seja, o sujeito recebe atendimento de ambas as esferas, não focando sua saúde somente nas mãos dos médicos ou diagnósticos fechados, respeitando e passando pela importância de toda a equipe e abordagens envolvidas. Assim complementa a cartilha do Ministério da Saúde (2009, p.12):

O diagnóstico pressupõe uma certa regularidade, uma repetição. Mas para que se realize uma clínica adequada é preciso saber, além do que o sujeito apresenta de igual, o que ele apresenta de diferente, de singular, inclusive, um conjunto de sinais e sintomas que somente nele se expressam de determinado modo. Com isso, abrem-se inúmeras possibilidades de intervenção, e é possível propor tratamentos muito melhores com a participação das pessoas envolvidas.

Os Caps (Centro de Atenção Psicossocial) são amparados pela Clínica Ampliada, sendo os usuários submetidos ao tratamento humanista dos profissionais que trabalham na rede, recebendo atendimento diferenciado e humanizado que perpassam pela saúde mental do usuário, família e comunidade.

Haja vista que a temática da pesquisa irá tratar sobre crianças psicóticas dentro da experiência da leitura é imprescindível percorrer compreensões acerca da Reforma Psiquiátrica assim como torna-se necessário fazer uma breve contextualização histórica acerca da infância para logo em seguida entender a relação existente entre a forclusão do Nome-do-Pai e a construção da estrutura psicótica.

3 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA SOBRE A INFÂNCIA

Ao falar da infância é viável conhecer sobre sua contextualização histórica, sendo que as oscilações na decadência do campo de ordem simbólica está a mercê da cultura e da época na qual a família está inserida. No período que antecede a idade média o modelo de escola frisava que os indivíduos aprendessem na prática, o trabalho era o responsável por educá-los e trazer-lhes saber. Diz Harper et al (1986, p. 25) que “aprendia-se a partir da própria existência dos outros. Aprendia-se fazendo, o que tornava inseparáveis o saber, a vida e o trabalho”. Ao recapitular o ambiente da criança na Idade Média lembramos que as mesmas participavam do cotidiano junto com os adultos, não existia o apressado de que deveriam ser protegidas ou receberem cuidados peculiares por parte da família ou pelo Estado. Assim considera Silva (2009, p. 105):

Na Idade Média, não havia uma concepção de que a criança era um ser que precisava de proteção e de cuidados especiais. Cedo, ela participava da vida adulta. Como diz Postman (1999, p.29): “no mundo medieval não havia nenhuma concepção de desenvolvimento infantil, nenhuma concepção de pré-requisitos de aprendizagem sequencial, nenhuma concepção de escolarização como preparação para o mundo do adulto”.

Há registros na Grécia de infanticídio, assim como era comum executarem as crianças que nasciam com certa deficiência. Na época das navegações portuguesas as crianças eram recrutadas para trabalhar, pois proporcionavam menos custos, enquanto que as meninas geralmente eram abusadas pelos senhores da tripulação (DANTAS, 2017).

Os filhos dos escravos eram submetidos desde a infância a trabalhos e explorações que incluíam violências físicas e psicológicas e após a criação da Lei do Ventre Livre, essas crianças passaram a não ter moradia e a viverem a margem da sociedade, assim também como os filhos nascidos fora do casamento que eram abandonados para proteger a imagem da família tradicional (DANTAS, 2017).

Assim é acentuado o quanto nesse período as crianças viviam a mercê da sua própria existência sem receberem por parte da família os cuidados necessários pertencentes à formação e constituição enquanto sujeitos que necessitavam dos afetos iniciais para desenvolver-se, o que de certo modo repercute na fase adulta.

Após esse período e a partir de resistências essa realidade começou a transforma-se, o trabalho se separava da escola, isso em partes. Assim como já se dava início a divisão entre os filhos dos nobres e os filhos dos plebeus. O filtro já começava a surgir desde então, pois apenas a elite adquiria conhecimentos, enquanto os filhos dos operários, lavradores e pobres ainda são obrigados a se dividirem entre o trabalho e a escola. Os filhos dos ricos possuíam

dedicação exclusiva para viagens, conhecerem outras culturas e apenas estudar (HARPER ET AL, 1986).

A partir da Revolução Industrial houve a necessidade de mais mão de obra para compor as fábricas, e foi necessário que os filhos de operários tivessem um pouco de instrução para compor o efetivo. Foi nesse instante que o espaço foi aberto para que os mesmos estudassem, de fato que não com a mesma qualidade que os nobres, pois as indústrias precisam do maior número de mão de obra braçal à cargos de chefia ocupados pela elite.

Porém mesmo com pouco conhecimento a classe abastarda que era a maioria, começou a se unir e lutar por direitos, exigindo condições de estudos iguais, que os dessem possibilidades de ascensão na pirâmide econômica, crescimento. Então surge nesse momento reivindicações por escolas públicas, com melhor oportunidade, para igualar o conhecimento entre as classes (HARPER ET AL, 1986).

O modelo sobre os cuidados destinados às crianças já vão tomando novos rumos, pois inicia-se um avanço voltado à medicina com a introdução dos profissionais da pediatria aclamado junto ao valor da escolarização o que descreve SILVA (2009, p. 106) ao relatar que nessa época ocorreu:

a necessidade da escolarização; o avanço da medicina que resulta em tratados pediátricos e higiênicos, a concepção de família nuclear burguesa e o desenvolvimento de uma sociedade industrializada são fatores determinantes para a consideração da criança e de uma nova infância orientada pelo Estado.

Nota-se que ao final do século XIX e início do século XX o número de crianças e adolescente nas ruas passou a ser uma situação corriqueira, até receberam o título de menores infratores cabendo ao Estado mantê-los afastados. Enquanto que durante a ditadura militar é despertado na população sentimentos de resistência e luta por direitos. Dentre os grupos de manifestantes tem-se o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de rua que vão as ruas com o propósito de conquistarem direitos referentes ao amparo das crianças e adolescentes.

Por seguinte a partir dessas manifestações surge o maior avanço em políticas públicas voltado para a proteção de crianças e adolescentes designado de ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), Lei no 8.069/1990 ao contribuir DANTAS (2007, p.79) quando trata que “crianças e adolescentes começaram a serem vistos como pessoas e cidadãos com direitos a serem garantidos pelo Estado, pela sociedade e pela família”. Vejamos o que diz o Estatuto da Criança e do Adolescente no Art 3:

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Logo em seguida complementa a respeito da asseguração o parágrafo único do ECA (1990):

Parágrafo único. Os direitos enunciados nesta Lei aplicam-se a todas as crianças e adolescentes, sem discriminação de nascimento, situação familiar, idade, sexo, raça, etnia ou cor, religião ou crença, deficiência, condição pessoal de desenvolvimento e aprendizagem, condição econômica, ambiente social, região e local de moradia ou outra condição que diferencie as pessoas, as famílias ou a comunidade em que vivem. (incluído pela Lei nº 13.257, de 2016)

Desse modo a criação do ECA surge para dar visibilidade a respeito aos cuidados e proteção que devem ser destinados às crianças e adolescentes que outrora viviam a mercê da violência e abuso urbano, o que implica em educá-las de forma que acompanhe as suas fases de desenvolvimento. Sendo assim, com os direitos reservados às crianças elas passam a ganhar importância e dignidade frente a tantos abusos sofridos no decorrer dos anos.

A partir da contemporaneidade a criança é acompanhada a esse novo processo de brincar e interagir ao meio educacional e social o que se deve aos avanços tecnológicos imersos no cotidiano da família.

As crianças sejam elas de desenvolvimento típico⁴ ou atípico já absorvem de modo peculiar os aparatos tecnológicos, muitos utilizam-se do whatsapp, possuem blogs na internet e suas páginas pessoais. Alguns utilizam-se dos recursos lúdicos como o celular de brinquedo que é capaz de emitir sons e interagir junto à imaginação infantil aquilo que repercute no real, a pontuar que a indústria infantil é composta por brinquedos que representam objetos da realidade, dentre eles temos os *smartphones* geralmente estando entre os preferidos, para que as crianças deixem de mexer no celular dos pais e passem a brincar com o celular de brinquedo. Ponderação essa observada na temporada que passei trabalhando em uma loja de brinquedos, pois tanto os pais de crianças com desenvolvimento atípico quanto típico eram adeptos na aquisição do celular de brinquedo aos filhos.

Desse modo é viável pontuar que diversas críticas são apontadas sobre o uso dos recursos tecnológicos pelas crianças, dentre elas tem-se o fato de não perceber ou nem parar para ler o que está sendo transmitido, mas são questões que se devem tão somente a utilização inadequada dos aparatos disponíveis e por conseguinte da falta de mediação, assim enfatiza Levin (2001, p. 48-49):

⁴ Crianças de desenvolvimento típico, desde as primeiras semanas de vida, devem se “comunicar” com os pais através do olhar, mas somente ao redor de 6 a 9 meses eles iniciam o balbúcio de múltiplas sílabas de forma mais organizada [...]. Pouco antes de um ano, o bebê deve ser capaz de gestos mais complexos e com significados sociais mais complexos. LIBERALESSO, Paulo. **Desenvolvimento típico e atípico da fala com crianças com TEA**. Rio de Janeiro: 200?. Disponível: <<https://www.institutopriorit.com.br/desenvolvimento-tipico-e-atipico-da-fala-em-criancas-com-tea-parte-1/>>. Acesso em: 15 out. de 2021.

[...] Passar de uma imagem para outra, de um jogo para outro sem nenhuma mediação, sem se deter ativamente em nada, é um dos efeitos mais devastadores da produção tecnológica da imagem. A criança olhando tudo nada consegue ver. Algumas crianças incorporam o zapping (as denominadas “hipercinéticas” ou “instáveis”), enquanto outras respondem com sintomas “atencionais”. Também a indústria do conto infantil começou a produzir zapping na leitura, fazendo uma limitada e restrita síntese dos relatos para que sejam lidos mais rápido, acarretando a vertiginosa morte da letra e da escrita pela mão da síntese tecnologicamente aceita.

Anterior a esses adeptos das tecnologias tem-se a geração *Baby Boomers*, que correspondem aquele grupo de pessoas que nasceram na década de 40, período em que estava finalizando a Segunda Guerra Mundial, muitas mulheres engravidaram e houve um crescente nascimento de crianças, por isso essa geração ficou denominada como *Baby Boomers*, época também do tropicalismo, jovem guarda, *rock and roll*, os indivíduos que nasceram nessa época valorizavam a experiência e preferem ficar por mais tempo em determinado cargo, atualmente aqueles que se sobressaíam estão ocupando cargos de chefia nas empresas.

Segundo Novais (2005) *Baby Bombers* são pessoas que nasceram durante a explosão demográfica, após a segunda guerra mundial. A grande importância dessa geração, em países como o Brasil, deve-se ao fato de serem um grande contingente populacional (quase um quarto da população brasileira), e de influenciarem, fundamentalmente, as relações sociais com o seu modo de vida peculiar.

Após esse crescente nascimento de crianças, chegou a geração X, que correspondem ao conjunto de indivíduos que nasceram entre 1960 a 1980. Essa geração acompanhou a chegada da tecnologia. De acordo com Costa e Ladeira (2014, p. 7) a geração X corresponde a:

[...] essa geração tem jovens de características e estilos de vida diferentes, entre eles existem: os revolucionários – aqueles interessados em política que manifestavam seus ideias em movimentos estudantis, ou em movimentos “hippies” buscando direitos iguais; os musicais – num primeiro momento manifestavam através da música seus valores e posições políticas, mais tarde passaram a buscar a liberdade de escolha e encontravam nas danceterias os filhos que descendem de pais que conseguiram impor a disciplina a que estavam acostumados, esses jovens buscaram estabilidade financeira para rapidamente constituírem família, são tolerantes e cuidadores em suas escolhas e submetem-se de forma passiva a regras [...].

Por conseguinte a geração Y veio composta por indivíduos que nasceram entre 1980 e 2000, época em que chegou a internet, com pessoas mais individualistas, aceitam com dificuldades a ideia de terem chefes, são impulsivos, querem crescer rápido na carreira, trocam de emprego com facilidade e possuem pressa para terem reconhecimento. Segundo Costa e Ladeira (2013, p. 12) “é a geração que esteve sempre em contato com as informações da internet e o avanço tecnológico. Uma geração que, por força das circunstâncias e da evolução dos tempos, acelerou o desenvolvimento intelectual, o que a tornou mais exigente quanto ao seu trabalho e a sua qualidade de vida”.

Ao adentrar o século XXI encontramos os indivíduos da geração Z, são pessoas que nasceram na década de 90 em diante. E são considerados nativos digitais, os bebês que desde cedo já tiveram contato com *video games*, celulares, *smartphones* ou *tablets*, seres humanos que abstraem pensamentos com muito mais facilidade, que não vivem sem a internet e seus aparelho telefônicos tem funções variadas, servem até para fazerem ligações. A inserção das tecnologias compõe a estrutura dessa geração, cada vez mais práticos, fazem várias coisas ao mesmo tempo, e imersos as redes sociais, como *whatsapp*, *facebook*, *instagram*, *twitter*, *blogs*, *e-books*, programas de tv fechada, *sites* diversificados, jogos, ou seja, estão atrelados a esse leque de oportunidades da *web 2.0*, complementa Ceretta e Froemming (2011, p. 19) sobre esse novo sujeito, que “sua maneira de pensar foi influenciada desde o berço, pelo mundo complexo e veloz que a tecnologia engendrou”.

Diante do exposto acerca do percurso das gerações a tendência é surgirem novos artefatos, a exemplo dos livros digitais, que sendo utilizados frente à mediação adequada da família ou escola são capazes de contribuir de maneira construtiva para o desenvolvimento cognitivo da criança. Com base nessa perspectiva, Furtado e Oliveira (2011, p. 69) afirmam que:

As novas tecnologias proporcionam ambiente de comunicação e partilha de informação, notadamente com a formação de redes sociais. O ambiente de partilha e cooperação que abrange as redes sociais proporciona novas oportunidades para criação e manutenção de comunidades de leitores-autores.

Esta nova geração, de pessoas que nasceram na década de 90 em diante, está imersa no cenário com forte presença de tecnologia de informação e comunicação, impera a *web 2.0* oportunizando a interação e partilha. De acordo com Coscarelli (1999, p. 8):

Quanto ao uso da informática na sala de aula, não basta o aluno usar o computador apenas para ficar “chateando”, navegando na Internet sem propósito ou brincando com joguinhos que em nada contribuirão para o seu desenvolvimento intelectual. Assim como não adianta o professor usar o computador como um quadro negro mais sofisticado ou transferir para ele as tarefas tradicionais de leitura (como os exercícios de cópiação) e produção de texto. Isso em nada vai contribuir para o processo de ensino-aprendizagem.

À vista desse contexto torna-se necessário que os mediadores conheçam e se apropriem dos recursos disponíveis na *web*, visando aumentar a diversidade nas técnicas de ensino e aprendizagem ainda mais quando se trata da demanda de crianças com desenvolvimento atípico. Logo, para melhor compreensão da temática proposta foi indispensável fazermos essa explanação acerca da infância para logo em seguida conhecermos como se estrutura a psicose infantil a partir da perspectiva psicanalítica.

4 PSICOSE INFANTIL: NÃO FICA MALUCO QUEM QUER

Enquanto você se esforça pra ser
 Um sujeito normal
 E fazer tudo igual
 Eu do meu lado aprendendo a ser louco
 Um maluco total
 Na loucura geral
 Controlando a minha maluquez
 Misturada com minha lucidez
 Vou ficar, ficar com certeza maluco beleza
 Eu vou ficar, ficar com certeza maluco beleza
 E esse caminho que eu mesmo escolhi
 É tão fácil seguir por não ter onde ir
 Controlando a minha maluquez
 Misturada com minha lucidez
 Eu Controlando a minha maluquez
 Misturada com minha lucidez
 Vou ficar Controlando a minha maluquez
 Misturada com minha lucidez
 Vou ficar, ficar com certeza maluco beleza
 Eu vou ficar, ficar com certeza maluco beleza
 Eu vou ficar, ficar com certeza maluco beleza
 Beleza, eu vou ficar, vou, vou ficar com toda certeza
 Maluco, maluco beleza Beleza, eu vou
 Maluco beleza
 (Raul Seixas)

Raul Seixas apresenta em sua canção alguém que deseja ficar maluco, sendo um caminho que ele mesmo escolheu e capaz de controlar sua maluquez, portanto, diferente do maluco apresentado na letra do Raul, já disse certa vez o Psiquiatra e Psicanalista Lacan ao escrever na parede do hospital psiquiátrico *Sainte-Anne* a seguinte expressão: “não fica maluco quem quer”, e de fato essa celebre frase abre caminhos para pensarmos acerca da psicose, conhecidos rotineiramente no senso comum como malucos. Se não fica maluco quem quer,

então como se estrutura a psicose?

A Psicose é um sofrimento psíquico que se estrutura na infância por conta de fatores relacionados a não introdução do nome-do-pai na existência do sujeito, alguns casos se desenvolvem logo na infância enquanto outros aparecem na fase adulta, a exemplo disso temos o caso clássico do Schreber estudado por Freud que ao ser indicado para ocupar lugar de autoridade, que desempenha a lei, o nome-do-pai, ele inicia seu processo de adoecimento. Comenta Celani e Laureano (2010, p.22):

A grande crise que veio sistematizar o delírio de Schreber aconteceu depois de ser nomeado presidente da Corte Suprema em que se vê diante da situação de ter que liderar homens mais experientes que ele. A função que cabe a Schreber exercer é similar à função paterna. Daí de onde ele foi convocado a assumir uma posição de autoridade, falta-lhe um significante do qual ele não dispõe – a função paterna – levando-o ao desencadeamento da crise psicótica.

Então é possível observar a partir do caso Schreber que a constituição psíquica do indivíduo é formada por meio das experiências vividas durante o processo existencial. Corroborando para a temática Dor (1994, p. 24):

É em função dos amores edípicos que se constitui, para todos, a entrada em cena de uma estrutura psíquica, ou como assinalava Freud, a “escolha” da sua própria neurose. Esses amores edípicos nada mais são que o desenvolvimento, com estardalhaço, da relação que o sujeito trava com a função fálica, ou seja, com a função paterna.

Desse modo, Freud, ao elaborar a constituição familiar edípica, designou ao pai um papel de soberania que, ao ser mediado pela palavra da mãe, torna-se, no contexto, o grande Outro, que tem o sentido de nortear esse sujeito, quebrando o incesto, e introduzindo-o na cultura. Contribui para a perspectiva Vanoli e Bernadino (2008, p. 2):

Para Lacan, a forma como o significante Nome-do-Pai opera para cada sujeito, ou seja, a forma como este se defende do trauma, é o que determinará a sua estrutura psíquica: a neurose resultante do recalque; a psicose, se houver forclusão; e a perversão, se a castração for renegada.

Por conseguinte, tratar do complexo de Édipo⁵ e da castração⁶, é pensar sobre a importância do pai no desenrolar dessa estrutura, pois será o seu papel que irá definir o viés

⁵ Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob a sua forma dita positiva, o complexo apresenta-se como na história de Édipo-Rei: desejo da morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto. Sob a sua forma negativa, apresenta-se de modo inverso: amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto. FONTES, Martins. **Vocabulário da Psicanálise Laplanche e Pontalis**. São Paulo:2000.Disponível: <https://www.academia.edu/24575918/Vocabul%C3%A1rio_da_Psican%C3%A1lise_Laplanche_e_Pontalis>. Acesso em: 02 out. de 2019.

⁶ O complexo de castração deve ser referido à ordem cultural em que o direito a um determinado uso é sempre correlativo de uma interdição. Na “ameaça de castração” que sela a proibição do incesto vem encarnar-se a função da Lei enquanto institui a ordem humana [...]. FONTES, Martins. **Vocabulário da Psicanálise Laplanche e Pontalis**. São Paulo:2000.Disponível:<https://www.academia.edu/24575918/Vocabul%C3%A1rio_da_Psicanalise_Laplanche_e_Pontalis>. Acesso em: 02 out. de 2019.

do indivíduo entre a neurose, a psicose ou a perversão, ressaltando que não necessariamente precisa ser o pai biológico, e sim, qualquer pessoa que desenvolva essa função simbólica diante da criança. Assim pontua (LACAN, 1956, p. 23):

no sujeito normal, falar-se com o seu eu não é nunca plenamente explicitável, sua relação com o eu é fundamentalmente ambígua, toda assunção do eu é revogável. No sujeito psicótico ao contrário, certos fenômenos elementares, e especialmente a alucinação que é a sua forma mais característica, mostram-nos o sujeito completamente identificado ao seu eu com o qual ele fala, ou o eu totalmente assumido através do modo instrumental.

A compreensão da estrutura psicótica perpassa por essa ligação que não foi quebrada pelo pai, entre a criança e a mãe, então, com o psicótico; portanto, o Nome-do-Pai não funciona, e o sujeito substitui essa falta com a criação de um delírio, na tentativa de substituí-lo. Em consonância, Vanoli e Bernadino (2008, p. 2) ressaltam:

A causa da psicose seria, para Lacan (1998), um acidente ocorrido durante a elaboração do Complexo de Édipo, que teria impedido a inscrição do Nome-do-Pai, significante fundamental para barrar o desejo da mãe, e instaurar a falta (castração) promovendo assim o desejo no sujeito. Desta forma, fica impedida a ordenação simbólica, deixando o sujeito à mercê do puro gozo.

O sujeito na Psicose é marcado pela forclusão do significante Nome-do Pai, o que não necessariamente corresponde a sua ausência física, mas perpassa por uma representatividade falha que não introduz a lei, acarretando a permanência de um inconsciente a céu aberto, desvinculado do véu que encobre o sujeito na neurose. Contribui Rêgo (2011, p. 35):

Para Lacan o sujeito é inserido em uma estrutura psicótica a partir da forclusão do significante do Nome-do-Pai, ou seja, a não simbolização da Lei edípica, a não inscrição da realidade da castração no sujeito. Ao fazer uma releitura da teoria freudiana a partir do registro da linguagem, a castração se torna simbólica, ou seja, representa a simbolização da Lei edípica.

Enquanto que na neurose o indivíduo goza a partir da repetição, e aquilo que foi recalado retorna a partir dos sonhos, atos falhos, chistes e sintomas, em contrapartida, o gozo do psicótico desdobra-se no próprio delírio, nessa tentativa de substituir a falha da função paterna que, na perspectiva lacaniana, toma dimensões simbólicas, a se pensar na figura paterna, que pode ser ministrada a partir das novas constituições familiares ou em uma ocupação que faça essa separação entre mãe e bebê. Contribui para a temática abordada Albuquerque (2006, p. 61):

Sigmund Freud, ao inventar a psicanálise, faz da função paterna um fenômeno essencial e estruturante do psiquismo. Descreveu o Complexo de Édipo com a presença de um Pai potente que representa a lei, possibilita a identificação e abre caminhos para o desejo. Ele intervém na relação dual mãe-filho, privando a mãe de seu desejo e colocando um limite o gozo desmedido.

Dessa forma, é designado ao pai uma função simbólica, “O Nome-do-Pai na metáfora paterna, enquanto operação de substituição significativa, portanto, é o que vem ordenar a estrutura” (RÊGO, 2011, p. 37), essa substituição pode ser atribuída a qualquer constituinte que faça o papel de introdução da lei; sendo assim, qualquer atributo pode representar para essa mulher fonte de desejo, a se pensar o trabalho, a academia, ou seja, posições pulsionais, e não constituições biológicas.

A mãe nessa triangulação edipiana consiste em permitir a palavra ao pai para a promoção da quebra do incesto o que porventura dependendo da significação ofertada nesse processo podem proporcionar aos filhos caminhos estruturais diferentes. A mãe do neurótico no período do parto consegue ressignificar o nascimento da criança como um indivíduo que não faz parte do seu corpo, o elabora para o mundo, enquanto que a mãe do psicótico o vê como um pedaço pertencente ao seu próprio corpo, não permitindo que o sujeito se elabore no decorrer da vida. O delírio do psicótico nada mais é do que a tentativa de tamponar essa falta deixada pela não simbolização do pai no seu contexto.

O Pai que seria o principal responsável em impor limites, ser a referência, e mediador do filho, tem sofrido conflitos e tornando-se enfraquecido na estrutura familiar e os motivos conjecturam-se pelas vias de fatores internos e externos a citar o mercado que impõe rotineiramente quais são as novas tendências em roupas, comida, sexo, remédios, entretenimento, estética, vida feliz e dentre outras oportunidades. Esse Pai tem enveredado diante de papéis cada vez mais invertidos, e o Estado sozinho parece não conter tantos indivíduos submetidos ao mundo do excesso imensurável de gozo. Contribui para a temática abordada Judith Albuquerque (2006, p. 61):

Sigmund Freud, ao inventar a psicanálise, faz da função paterna um fenômeno essencial e estruturante do psiquismo. Descreveu o Complexo de Édipo com a presença de um Pai potente que representa a lei, possibilita a identificação e abre caminhos para o desejo. Ele intervém na relação dual mãe-filho, privando a mãe de seu objeto e colocando um limite no gozo desmedido. Retira então, seu filho da posição de assujeitamento ao desejo caprichoso da mãe de proibidor e privador, o Pai corresponde à finalização do Complexo de Édipo, passa a ser permissivo e doador, porque permite à criança encontrar nele o seu ideal, provocando no menino a identificação e, do lado feminino, marcando o lugar onde a mulher sabe que poderá buscar o falo.

Em instâncias tratar da decadência da autoridade nos remete a desarticulação da imagem do pai perfeito que se desdobra frente àquilo que sobra, que é inominável, que escapa, que não flui, que não tem lei, e que retorna sendo nomeado como pulsão de morte, ocasionando o ciclo da repetição nos neuróticos, por uma busca jamais atendida de uma satisfação completa. Por outro viés encontramos os psicóticos indivíduos narcísicos por natureza, em substituição do objeto perdido através do seu delírio.

Entretanto diante daquilo que resiste, cada sujeito irá responder de modo díspar ao seu sintoma. O neurótico tem a inserção do nome-do-pai, mas passa a vida inteira tentando dar consistência àquele Pai que não é perfeito e idealizado por ele e sofre quando o projeto não corresponde às expectativas e com suas indagações constantes, enquanto que para o psicótico o nome do Pai não funciona, e o sujeito substitui essa falta com a criação de um delírio, na tentativa de substituí-lo, sendo que o perverso passa pelo complexo de Édipo, tem a incursão do nome do Pai, mas o rejeita, não aceita o amor que a lei do Pai propicia e se estabelece no gozo, o perverso é aquele que desafia o Pai e que se satisfaz sempre com o gozo que dele escapa.

Complementa Albuquerque (2006) discorrendo sobre “onde há real, não há pai porque ambos são excludentes. No real há um sem sentido para além do pai, para além do Édipo, há um lugar sem sentido, aonde o pai não chega”.

Lacan retoma contribuindo de que a subjetividade é constituída a partir de diálogos entre o Real, Imaginário e Simbólico. O campo do Real corresponde ao que foge do nosso controle, e nada pode ser feito pelo ser humano para intervir, é ao que de certo modo também é essencial a nossa sobrevivência, desde as necessidades básicas, às mais árduas. Vejamos o que comenta Oliveira (2010):

O Real não precisa dos outros campos, pois ele basta a si mesmo. O campo do real é o campo da “coisa”, daquilo que não é nomeável, daquilo que escapa a simbolização, isto é, não pode ser descrito por palavras. [...] O real escapa a subjetividade humana, escapa ao desejo de o ser humano ter domínio completo sobre si mesmo. O instinto de sobrevivência pertence ao real. Assim, a sobrevivência do indivíduo insere-se no real e inclui as necessidades de sobrevivência: alimento, moradia, sustento, descanso, dinheiro. [...] o instinto de sobrevivência da espécie – o sexo, a função sexual, o instinto sexual – são necessidades contidas no âmbito do real. Quando não satisfeitas, o oposto da satisfação da necessidade chama-se privação. A satisfação leva ao prazer.

O campo do imaginário descrito por Judith Albuquerque (2006, p.62) se estabelece da seguinte forma:

É o lugar das relações amorosas e das rivalidades, um lugar que envolve enganos e decepções. É diante do espelho, que o olhar do Outro reflete, que o sujeito se identifica a uma imagem, passando a ser aquilo que o Outro diz que ele é. É um depósito de Mal-entendidos, onde tudo pode ser transformado em sombras, reflexos e enganos.

Lacan (1953-1954) diz que se acredita apreender ali um ponto de junção entre o animal que passa sem estruturar as situações, e o homem, que habita um mundo simbólico. Logo em seguida Simão (2014, p.04) continua o pensamento falando que o simbólico corresponde ao conjunto ou corpo de significantes que insere o indivíduo numa ordem simbólica, preestabelecida e veiculada pela linguagem. As leis da cultura e da linguagem onde

o indivíduo se insere. Nesse sentido, o simbólico é a cultura, que é anterior ao indivíduo. A articulação cultura/indivíduo é fundada e constituída pela dimensão simbólica. Para (Lévi-Strauss, 1950):

Toda cultura pode ser considerada como um conjunto de sistemas simbólicos, à frente dos quais situam-se a linguagem, as regras matrimoniais, as relações econômicas, a arte, a ciência, a religião. Todos esses sistemas visam a exprimir certos aspectos da realidade física e da realidade social, e, mais ainda, as relações que esses dois tipos de realidade mantêm entre si e que os próprios sistemas simbólicos mantêm uns com os outros.

Algumas crianças antes de nascerem já fazem parte do desejo singular dos pais, articuladas pelo nó estabelecido entre o real, simbólico e imaginário da família, que não necessariamente precisa ser constituída pelo homem, mulher ou pelo casal, pois a inserção do nome do Pai se dar de modo simbólico dentro dessa estrutura. Afirma Abdon (2015):

A função materna e paterna começa, portanto, antes mesmo do nascimento do filho. A família, seja ela homo parental (composta por casais homossexuais), patriarcal (onde a figura do pai ainda é a mais forte), recomposta ou não, nasce de um desejo, da demanda de um compartilhamento, de continuidade e de reconhecimento. O ser humano demanda um outro. A criança, então, nasce na égide do narcisismo dos pais. Ela é antecedida de um desejo dos pais. À luz dos estudos do psicanalista Jacques Lacan, podemos pensar o filho enquanto “fruto da metáfora do casal”.[...] A presença do pai, bem como a carência em relação ao mesmo, segundo Lacan, não está necessariamente ligada a sua presença ou ausência física, sendo função simbólica. Poderíamos enfatizar dizendo que o maior papel do pai está no desejo da mãe, ou seja, o desejo materno destinado a um homem que ocupa o lugar do pai. Poderíamos acrescentar que o pai é como um suporte para a mãe. Segundo Miller (apud Faria, 2003, p. 153) “o desejo da mãe deve se dirigir para um homem e ser atraído por ele”.

Segundo Lacan a família é um mal necessário para contribuir a formação desse indivíduo, uma vez que a condição humana é prematura; o homem nasce prematuro, incapaz de se desenvolver só, sem o outro. Portanto, ao mesmo tempo em que o sujeito surge de uma demanda da família, a família também existe enquanto demanda do sujeito, uma vez que é ele que a “alimenta” e a mantém viva.

Freud (1930) penetrou na psicose a partir do acompanhamento do caso Schreber, abraçou uma análise significativa através dos escritos deixados pelo próprio Schreber, materiais registrados pelo Dr. Franz Baumeier. Tornou-se seu caso clássico, que o permitiu alavancar significativas considerações destinadas à estrutura psicótica.

Desse modo vale ressaltar que a psicose se apresenta no cotidiano familiar e escolar, ambas envolvidas nesse processo de inclusão social da criança acometida por transtorno psíquico, dado como já visto pela ausência simbólica do Nome-do-Pai.

E no contexto familiar a criança perpassa pelo viés do desejo dos pais que ao fugirem dos padrões de desenvolvimento esperados acabam que por proporcionarem na família sentimentos de angústia e por ventura estresse, pois a família na maioria das vezes não

encontra-se preparada para atender a demanda referente a uma criança com desenvolvimento atípico assim esclarece Kroeff (2012, p.2):

O nascimento de um filho com deficiência já não pode ser assim conceptualizado. Essa possibilidade até poderia ter sido alguma vez aventurada, mas em geral é algo afastado rapidamente da mente dos pais. O casal não está preparado para esse acontecimento, nem desejado, nem esperado.

Os cuidados com uma criança de desenvolvimento atípico na maioria das vezes são permeados por dúvidas, os familiares geralmente sentem-se confusos sobre como devem proceder e acabam de certa forma impedindo que a criança desenvolva certas habilidades por acharem que seja impossível. Vejamos a reflexão de Kroeff (2012, p. 9):

Uma oposição temática que pode surgir em famílias com pessoas com deficiência, e que deve ser superada, é entre proteção versus superproteção. Bastante frequente, a superproteção pode ter várias motivações, a mais comum partindo de um desejo sincero de ajudar a pessoa com dificuldade, sem perceber que a proteção exagerada acaba por trazer empecilhos adicionais ao desenvolvimento da pessoa com deficiência.

Como visto a proteção em excesso é exercida pelos pais como uma forma de auxiliar aquele filho em atividades na qual acreditam não serem capazes de realizar, o que de fato, dependendo do caso, pode ser visto como um mito, pois a criança, com o passar do tempo vai emitindo sinais da sua subjetividade e do seu modo de comunicar-se com o próximo, sendo que é desnecessário aceitar características incapacitantes tais como, não ter vida social entre o trabalho, amigos, diversão e relacionamentos afetivos (KROEFF, 2012).

A dependência da criança em relação a família é contínua, se estendendo para a fase adulta. E ao tentarem buscar auxílio na escola, com o Estado ou a sociedade acabam se frustrando ao perceberem que estão imersos a um sistema que ainda tem muito que progredir no acolhimento de pessoas com deficiência. Assim colabora Kroeff (2012, p. 4):

Há ainda um longo caminho a ser percorrido para a inclusão integral destas pessoas à sociedade. Quanto a isto, considerar o que diz Buscaglia (1993, p.182): “Em nossa sociedade, moderna e esclarecida, dois terços do mundo não possuem serviços médicos ou educacionais especiais para os deficientes; o outro terço ainda os rotula e segrega física, educacional e emocionalmente, do resto da população”.

Na família acontece de certa forma um luto pelo filho que não nasceu conforme acreditado, ocorrendo na maioria das vezes desentendimento entre o casal, uma procura por culpados e responsáveis, nível de sentimentos degradantes que envolvem a vida da família em busca de respostas que podem ser elaboradas a partir do auxílio de profissionais especializados para colaborar com o caso, aponta KROEFF (2012, p.6) ao dizer que “o sistema casal pode ser grandemente afetado pelo nascimento de um filho com deficiência. Em geral não se sabe lidar com o acontecimento”.

Enquanto que no ambiente escolar as dúvidas acerca do processo de educação

destinadas à crianças com deficiência também perpassam pelo contexto destes educadores que na maioria das vezes não foram preparados para atender a demanda e isso deve-se a um currículo habilitado para trabalhar com a normalidade e quando a criança foge aos padrões acostutados, que não correspondem as exigências do êxito intelectual anunciados na contemporaneidade, acabam que deliberando certo sentimento de angústia e despreparo pelos atores envolvidos nesse enredo educacional (LEITE, 2006).

É importante ressaltar que as barreiras enfrentadas na educação de crianças com deficiência não limita-se somente a formação curricular do professor, autores como MANTOAN (2004, p.7) considera “que na maioria das vezes referem-se a problemas rotineiros, mas que se agigantam, pela insegurança, pelo medo de enfrentar o novo” (...).

Então além das considerações curriculares ou referentes à resistência é preciso abrir para o viés político que inclui a falta de recursos, aos modelos de avaliação do aluno que estratificam conforme seu índice acadêmico e a concepção que a sociedade ou a família tem do sistema educacional, na maioria das vezes acabam que incubando a escola por todo o processo de educação da criança não atentando que o atendimento da demanda precisa ser vista como uma via de mão duplo.

Sendo assim incluir parte de uma perspectiva humanista que deve ser continuamente repensada e elaborada pela família, escola e comunidade, assim colabora Leite (2006, p. 50) ao atentar sobre as principais medidas que devem ser tomadas dentro do processo de inclusão:

Os principais requisitos para a efetivação da inclusão são os seguintes: filosofia educacional de base construtivista, pois considera as diferenças na aprendizagem dos indivíduos; tomada de consciência da comunidade (alunos, pais) de que os educandos com necessidades especiais não vão atrapalhar o processo de ensino aprendizagem mas, sim, ajudar construindo sentimentos de solidariedade e respeito às diferenças; presença de uma equipe preparada para o novo, o inusitado; matrículas dos alunos com necessidades especiais considerando a sua idade cronológica e não dá prioridade à aprendizagem de conteúdos em detrimento da aprendizagem da vida.

No entanto, diante da sua singularidade, a criança com desenvolvimento atípico encontra-se na sociedade para ensinar sentimentos primitivos de amor, inclusão, aceitação, solidariedade, respeito ao próximo, novos modos de comunicação e de que é possível conviver e desmistificar as crenças, paradigmas de normalidade estabelecidos pela sociedade e que além disso existe um ser humano em sofrimento além da patologização na qual os querem inclui-los.

Desse modo a Psicanálise freudiana discute o desenvolvimento psicossocial e de aprendizagem do sujeito a partir das fases que competem ao nascimento, estágio oral, estágio anal, estágio fálico, período de latência e adolescência, o que compete dizer que apesar desse processo natural a influência dos pais sobre a criança é bastante significativa, corroborando

para a formação da personalidade. “[...] o fato é que o comportamento de quem cuida da criança e as circunstâncias específicas existentes na época dos principais estádios psicosssexuais têm muita influência no desenvolvimento da personalidade” (BALDWIN, 1973, p. 328).

Ao compreender o nascimento, têm-se o primeiro período de angústia vivenciado, quando é cortado o cordão umbilical e o conforto de estar protegido no ventre. Nesse momento, a criança “[...] pode aprender alguns mecanismos adaptativos, que a protegem dessa torrente inicial de estímulos. Os mesmos recursos adaptativos podem tornar-se habituais em situações posteriores da angústia” (BALDWIN, 1973, p. 329). Dessa forma, a criança introduz reações adaptativas para sobreviver frente aos novos estímulos apresentados após o nascimento, o que de certa forma repercute ao alavancar na idade, podendo se proteger em momentos de angústia sentindo sono ou escondendo-se em locais quentes e tranquilos que se aproximem da primeira experiência que é estar no conforto da gestação da mãe.

Após o nascimento, a primeira fase experimentada pela criança é a oral, momento em que o bebê, ao mamar e satisfazer suas necessidades básicas da alimentação, sente prazer, assim como é comum que leve pela mão outros objetos à boca, por isso diz-se que se nasce narcisista, pois o bebê acaba por centrar-se em um processo de choro que corresponde às necessidades desejadas; a cada choro, uma interpretação feita pelos pais.

Por conseguinte, tem-se a fase anal, a criança é parabenizada por fazer as necessidades fisiológicas adequadamente, e é castigada quando realiza nos locais inadequados. “Os pais recompensam e aprovam a criança por uma defecação no local e no momento adequado, mas procuram desestimular a criança pela mesma atividade em circunstâncias erradas” (BALDWIN, 1973, p. 336). Parte desse período constitui a formação da personalidade. É quando criança acaba por relacionar amor com presentes, amor com posse, ou desenvolver um controle pela limpeza, nos estágios subseguintes; da mesma forma que, caso sofra algum constrangimento nessa fase, relacionado ao fato de urinar ou defecar em situações inconvenientes, é possível que ocorra o aparecimento da vergonha.

Logo, na fase de latência “[...] o indivíduo está voltado para as habilidades, valores e papéis culturalmente aceitos. O superego está sempre presente, mas durante esse período torna-se mais organizado e mais ligado a princípios” (BALDWIN, p. 344, 1973). Sendo assim, o processo de aprendizagem é uma via de mão dupla, à medida que os filhos crescem, conseqüentemente os pais progridem também; não se aprende a ser pai ou mãe por predestinação ou mérito, e sim porque o processo vai sendo construído entre ambos, aprende-se a ser pai ou mãe com os filhos, assim como absorve-se conhecimentos pelo processo de

sustentação do *self* pelo viés da identificação transferencial, pais e filhos colaboram nessa construção. “A medida que seu filho cresce e muda, o mesmo ocorre com você. As crianças não se desenvolvem sozinhas. Os pais também passam pelo processo de desenvolvimento” (MISHNE, 1999, p. 15).

Por outro lado, observa-se que esse mediar de identificação entre a criança e seu principal responsável é a peça chave para o limiar no desenvolvimento educativo e pessoal do sujeito, haja vista que é a partir da transferência com o outro que o processo de desenvolvimento se estabelece, ou seja, “[...] aprender por amor para chegar a um amor pela aprendizagem” (MISHNE, 1999 p. 14).

5 LIVROS DIGITAIS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS IMERSAS NA ESTRUTURA PSICÓTICA

A leitura como artifício indispensável para a aquisição do conhecimento e cultura é o principal caminho para o processo do letramento informacional; nesse contexto, Martins (1994) confirma que a leitura acontece quando se começa a organizar os conhecimentos adquiridos e a estabelecer relações entre a experiência e a resolução dos problemas apresentados.

Quanto maior a leitura, maior é o nível de conhecimento e mais criativo fica o leitor; para Perissé (2004) quem “[...] lê criativamente, com inteligência, vivendo o que lê, tem a capacidade de interagir [...], de ler o mundo, as pessoas, a história do mundo, a biografia das pessoas, de interpretar, de compreender, de considerar, de superar obstáculos, limitações e prisões”.

Diante desta assertiva, vale ressaltar a relevância da leitura no processo de desenvolvimento e formação do leitor, tendo os instrumentos das tecnologias de informação e comunicação como recursos para maior aproximação das novas gerações.

O ambiente escolar, no processo de aprendizado, deve fazer com que a sala de aula seja atrativa e estimulante para o desenvolvimento intelectual dos alunos. Com base nessa perspectiva, Furtado e Oliveira (2011, p. 69) afirmam que:

As “novas” tecnologias proporcionam ambiente de comunicação e partilha de informação, notadamente com a formação de redes sociais. O ambiente de partilha e cooperação que abrange as redes sociais proporciona novas oportunidades para criação e manutenção de comunidades de leitores-autores.

Em um mundo tecnológico, integrar novas tecnologias à sala de aula ainda é pouco frequente e um grande desafio. Desse modo, Furtado e Oliveira (2011, p. 82) afirmam que “[...] o advento das ferramentas sociais de tecnologia web, a leitura estreita sua relação com as novas gerações e com a escrita, onde a diversidade e heterogeneidade textual proporcionam um novo estilo de leitura e escrita”.

Apesar da nossa atual sociedade viver na era da interação e partilha online, a leitura continua a ser uma prática individual, quer se trate de textos em suporte digital, ou no tradicional papel. Hoje vivenciamos as transformações que ocorrem numa velocidade tamanha e inevitável e, como consequência, as práticas de leitura sofrem influências da inclusão das novas tecnologias e seus suportes na sociedade.

Com a Internet os leitores estão sendo desafiado por um novo tipo de leitura, proporcionado pela navegação em hipertextos, as informações são apresentadas através de

uma rede de nós, interconectados por links, que podem ser acessados livremente (RAMAL, 2002).

Alguns autores acentuam que a leitura digital torna-se interessante porque não é linear e nos traz a possibilidade de ter contato com várias mídias ao mesmo tempo (vídeo, áudio, imagem e texto).

Para Paulino (2009) a interação dos indivíduos com a tecnologia é o responsável pelo processo de transformação do sujeito, induzindo os comportamentos e reações novas diante de situações já conhecidas. Esse processo vem ocorrendo na leitura do livro eletrônico. Segundo Pan e Vilarinho (2008, p. 4):

Os textos eletrônicos apresentam facilidades e desafios ao leitor; eles podem causar grandes impactos sobre a capacidade de compreender aquilo que se lê. As competências em leituras se tornam cada vez mais complexas, pois nos encontramos em uma fase transitória: da cultura alfabética à emergência da cultura baseada na percepção auditiva e icônica.

Nesse contexto, os novos dispositivos virtuais com seus hipertextos e suportes do registro do conhecimento apresentam novidades com relação às práticas de leitura, mudam a forma de acesso, conteúdo, paginação, visualização, estímulo, interação e transmissão, mediação, pertinência, descobertas e concepção do ato de ler.

Logo, a partir da perspectiva de introdução de recursos para o aparato educacional, Furtado (2013) em seu estudo empírico relata que a introdução da leitura possibilita criar laços sociais entre professor, alunos e familiares, assim como considera Martins (1994, p.31) quando retratam que a leitura “[...] é um espaço de interação consigo e com os outros cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos”.

Ainda nessa linha de pensamento, Bottentuit (2016, p. 9) acrescenta que não basta apenas ter poder aquisitivo para obter recursos tecnológicos, mas, além disso, é necessário saber utilizá-los, pois: “[...] entendemos que a presença de equipamentos tecnológicos – sejam eles recém desenvolvidos ou aqueles já ultrapassados por tecnologias digitais –, no espaço físico da escola, não assegura, nem certifica o sucesso da educação [...]”.

O que nos faz refletir sobre a utilização dos livros digitais no contexto da educação inclusiva. Caso os envolvidos não consigam manuseá-los, a proposta de utilização no contexto escolar acaba por tornar-se inválida; portanto, além de ter o recurso, é preciso saber utilizá-lo.

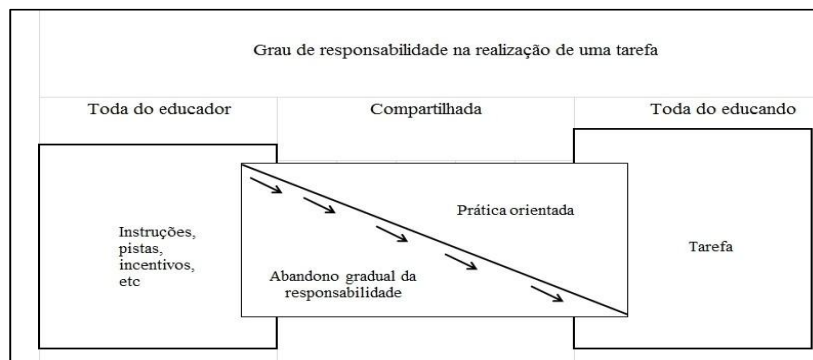
Por outro lado, enfatiza Oliveira (2010) retratando a concepção de Vygotsky que a criança não tem condições de percorrer sozinha o caminho do aprendizado, e que esse

processo acontece a partir da intervenção de outras pessoas, no caso da escola, na relação professor-aluno. Ferreira et al (2010, p. 57) menciona que:

Tarefas que uma criança não consegue desempenhar sozinha podem ser resolvidas com a ajuda de um adulto ou de outra criança mais experiente. A distância entre o desenvolvimento real (o que a criança pode fazer sozinha) e o desenvolvimento potencial (o que ela realiza com a ajuda do outro) é denominado por Vygotsky de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). A potencialidade do sujeito se efetiva com a ajuda do próximo.

O grau de responsabilidade é o meio e o fim é compartilhar as tarefas com o educador ou o colega mais experiente até alcançar a capacidade de executar ou realizar determinada atividade individualmente. Vejamos como esclarece as considerações de Vygotsky no quadro abaixo:

Figura 2 – Ambientes educativos e Zona de Desenvolvimento Proximal



Fonte: Ferreira et al (2010)

O Psicanalista Winnicott (1957) contribui quando afirma que o processo educacional da criança desdobra-se muito antes do seu nascimento, consiste no âmbito do desejo, fator que será determinante na construção desse sujeito frente a sua história de vida. Vejamos de que forma colabora o Winnicott (1957, p. 216):

Só quando os cuidados iniciais da mãe forem bem sucedidos e quando, além disso, os pais continuarem a fornecer os elementos essenciais de um bom ambiente, é que as professoras da escola maternal podem dar à sua função de assistência, um segundo lugar, em relação à instrução pré-escolar propriamente dita.

Compete à escola, frente a essa conjuntura, não ser peça substituta da função parental, e sim, funcionar como recurso a mais, para complementar a função que é de extrema responsabilidade da família, o que acaba, por vezes, tendo papéis invertidos diante da fragilidade do atuar no sistema educacional.

No caso da Psicose as famílias que possuem crianças dentro dessa estrutura se sentem na maioria das vezes sobrecarregadas e desorientadas quando o assunto corresponde à educação desses filhos que fogem aos padrões socialmente esperados; assim pontua Mannoni (1981, p. 175) em pesquisas realizadas com os pais:

Diálogo muitas vezes impressionante com os pais postos em causa pela sua descendência, pais a quem muitas vezes nos permite dizer: “não há nada a fazer”. (...) Os pais não tem possibilidades de fazer viver o filho que, desde o início, está condenado a um certo estado de desesperança.

Então, devido à estrutura psíquica, esses sujeitos apresentam comportamentos estereotipados, o que leva os pais e a escola a desacreditarem que é possível incluí-los no âmbito social, a partir da educação. Segundo Vasques (2009, p. 30) “[...] esses alunos impõem grandes desafios aos processos inclusivos, já que as características consideradas típicas de seus quadros são de difícil gestão no âmbito do grupo”.

Logo, é possível perceber os muitos desafios enfrentados pelas famílias de crianças acometidas por psicose, pontuando Minetto, Crepaldi, Bigras (2012, p.119): “[...] este desafio para algumas famílias torna-se maior quando descobrem que um de seus filhos é diferente e tem alguma anormalidade, como a deficiência intelectual, o que pode gerar mais insegurança e dúvidas na tarefa de educar.” Pais que vivem essa realidade buscam seguras alternativas no âmbito educacional, espera que a sala de aula ofereça atrativos e recursos estimulantes, como os livros digitais, pois compõem, em seu aparato, movimento e interatividade entre o usuário. Assim dialoga Santos (2017, p. 80):

Os *book apps* infantis resultam do livro ilustrado convencional e permitem relacionar outras mídias e interatividade. Nota-se que o projeto destes artefatos digitais impulsona o aprendizado infantil, desde que os elementos interativos utilizados tenham congruência na narrativa e com a interface que os abriga [...].

A partir do ponto de vista de Santos (2017) é importante ressaltar que Freud já pensava sobre o tema da inclusão de aparatos tecnológicos em seu livro *O Mal-Estar na Civilização* na qual mostra-se futurista acerca das novas demandas:

Com os óculos ele corrige as falhas da lente de seu olho, com o telescópio enxerga a enormes distâncias (...). Com o auxílio do telefone ele ouve bem longe, de distâncias que seriam tidas por inalcançáveis até mesmo em contos de fadas; a escrita é, na sua origem, a linguagem do ausente, e a casa, um sucedâneo do útero materno, a primeira e ainda, provavelmente, a mais ansiada moradia, na qual ele estava seguro e sentia-se bem. (FREUD, 1930, p.51)

Freud (1930), a partir das suas considerações, tratou de modo prospectivo sobre os recursos utilizados na contemporaneidade, pensaram do mesmo modo também Fett e Nébias (2005), quando experimentaram o computador com uma criança psicótica, tendo por resultados o seguinte:

Chegou-se à conclusão de que as mediações do computador aliadas à mediação da psicopedagoga contribuíram no desenvolvimento das funções psicológicas superiores do sujeito dessa pesquisa, principalmente as de atenção, memória, emoção e linguagem.

Sendo assim, pensar em formar uma criança, em especial aquelas que fogem dos

padrões esperados pelos pais, redobra a atenção no quesito educar, que depende de muitos papéis incluídos, a citar uma equipe multidisciplinar, empenhada junto com os pais nesse processo de inclusão e enfrentamento das demandas, por ventura apresentadas subjetivamente, pois para cada caso, uma situação diferente. Pensa sobre a questão Anna Freud (1965, p. 203) ao tratar que:

As crianças intelectualmente retardadas sofrem, usualmente, de modo agudo, de pavores arcaicos. Em virtude da imaturidade de suas funções do ego, falta-lhes orientação e domínio tanto do mundo interno como externo, e a própria intensidade da ansiedade impede, por sua vez, que o ego se desenvolva.

Em acordo ao tema exposto a Constituição da Organização Mundial de Saúde (OMS) de 1946, define que “saúde é o estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença”, ou seja, o conceito se expande pensando a partir do contexto biopsicossocial, considerando que o bem-estar está pautado em itens que competem à saúde física, mental e social; logo, ter acesso à educação de qualidade enquadra-se frente aos proventos de saúde social, possibilitando oportunidades que a escola é capaz de proporcionar, como a interação com a subjetividade do próximo, a educação, etnia, cultura e gênero.

Por conseguinte, a Constituição Federal de 1988, Art. 227, pontua sobre as leis que amparam a criança na sociedade, colaborando sobre a importância da família e do contexto social na constituição de sua formação, ponderando que: “[...] é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização [...]” (BRASIL, 1988, p. 144).

Assim como retrata sobre as leis que resguardam a família, alertando-os sobre os direitos e deveres, o que dentre eles é possível ponderar sobre a educação infantil em que de acordo com a Constituição Federal, Art. 227, (BRASIL, p.144), “a educação é direito de todos e dever do Estado e da família, e é promovida com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa [...]”; logo em seguida, o inciso III do Art. 208 complementa que é imprescindível que tenha “[...] atendimento educacional aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino” e que a pesquisa tecnológica, Art.218, “[...] voltar-se-á preponderantemente para a solução dos problemas brasileiros e para o desenvolvimento do sistema produtivo nacional e regional” (BRASIL, 1988, p. 140).

Em conformidade, a Política de Educação Especial (2017) aponta sobre o decreto 6.571/2008 (BRASIL, 2008, p.1), acerca dos objetivos propostos para o atendimento educacional especializado, destacado no Art. 2º, inciso IV sobre “assegurar condições para a continuidade de estudos nos demais níveis de ensino”, considerando que é de suma

importância proporcionar recursos para que as crianças acometidas por psicose prossigam no ambiente escolar, o que em paralelo a pesquisa em questão é apontada sobre a possibilidade de inclusão dos livros digitais no parâmetro educacional da psicose infantil, levando em consideração a proposta de inclusão social.

6 METODOLOGIA

A pesquisa utilizou-se das fundamentações advindas do método cartográfico, o que possibilitou a abertura para uma comunicação com o leitor em primeira e terceira pessoa, que por vezes iremos encontrar durante esse trabalho de pesquisa para não perder o processo de experiência vivido pela pesquisadora. Assim colabora para a questão (Passos et al, p. 122):

Aqui a metodologia de terceira pessoa tem que, necessariamente, ser complementada com a metodologia de primeira pessoa: “O insight fundamental da abordagem da atuação [...] é ver nossas atividades como reflexos de uma estrutura, sem perder de vista nossa experiência direta”.

É classificada quanto aos procedimentos como uma pesquisa-intervenção. Corroboram com a questão Passos et al, (2009, p. 170) ao tratar que:

Toda experiência cartográfica acompanha processos, mais do que representa estados de coisa; intervém na realidade, mais do que a interpreta; monta dispositivos, mais do que atribui a eles qualquer natureza; dissolve o ponto de vista dos observadores, mais do que centraliza o conhecimento em uma perspectiva identitária e pessoal.

No entanto apesar da cartografia proporcionar abertura para uma pesquisa sem necessariamente regras estabelecidas, ela não se trata de uma ação sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem renunciar à orientação do percurso da pesquisa (PASSOS, 2009).

Quanto a classificação do objetivo foi de ordem exploratória o “[...] que auxiliou na formulação de hipóteses para posteriores ações [...]” (CARTONI, p. 29), consistiu em ser descritiva porquê “[...] tem por objetivo definir melhor o problema, descrever o comportamento dos fenômenos, definir e classificar fatos e variáveis, sem a pretensão de explicá-los [...]” (CARTONI, p. 30) e logo galgou pela busca de referenciais teóricos que contribuíram na constituição da temática em questão, sendo que, foi imprescindível, ater-se de referenciais que forneceram subsídios para diálogos e sustentação da temática. Assim como pontua Amaral, (2007, p. 1):

A pesquisa bibliográfica é uma etapa fundamental em todo trabalho científico que influenciará todas as etapas de uma pesquisa, na medida em que der o embasamento teórico em que se baseará o trabalho. Consistem no levantamento, seleção, fichamento e arquivamento de informações relacionadas à pesquisa.

Autores embasaram teoricamente a experiência no campo e contribuíram de forma significativa para o diálogo estabelecido na pesquisa, dentre eles o Psicanalista Freud (1930), ao desvelar o complexo de Édipo, a Psicanalista Anna Freud (1965) que teve sua vasta experiência na clínica infantil, o Psicanalista D.W. Winnicott (1957), que aponta toda a sua obra dentro da análise destinada às crianças, a Psicanalista Kupfer (2017) que tem projetos

voltados para crianças psicóticas, a Psicanalista Melanie Klein (1929) com sua história pautada no atendimento de crianças, O Psicanalista Jerusalinsky (1997) com vasta atuação na área infantil, a Psicóloga e Pedagoga Ferreiro (2013) que vem trazendo uma desconstrução da metodologia de ensino, e o Lacan (1956), fomentando o trabalho a partir de uma releitura a respeito de Freud.

As demais contribuições foram feitas com autores da área da Biblioteconomia e tecnologia a citar Furtado (2017), Bottentuit (2016), Oliveira (2011), Santos (2017), que já desenvolvem pesquisas na área e contribuíram para o diálogo que implementa a importância da utilização dos recursos tecnológicos dentro do processo educacional, em especial no aparato infantil, desdobrando-se para a investigação e dúvida, proposta na pesquisa denominada: “Psicose Infantil e sua experiência com os livros digitais.”

A abordagem foi qualitativa, pois “[...] esta requer procedimentos mais abertos ao mesmo tempo mais inventivos [...]”. Os instrumentos utilizados foram compostos de entrevistas estruturadas e semiestruturadas à serem aplicadas aos pais e ao público alvo da pesquisa, foram também gravadas, a escuta teve carácter flutuante e atento a observação. Utilizou-se de um diário de campo para anotações do percurso assim como se usufruiu dos livros digitais interativos como mediadores do processo.

O local de realização da pesquisa ocorreu na residência das crianças, na escola em que estudam, no hospital psiquiátrico que fazem tratamento e em espaços públicos frequentados por elas.

A pesquisa trabalhou com duas crianças que contiveram como critério de inclusão desenvolvimento atípico, com estrutura psíquica desencadeada na Psicose, o que em contrapartida entra como critério de exclusão as crianças de desenvolvimento típico.

O trabalho atentou-se para a utilização do Termo de compromisso livre e esclarecido (TCLE), que elucida na Resolução 466/12 - II.5 anuência do participante da pesquisa e/ou de seu representante legal, livre de vícios (simulação, fraude ou erro), dependência, subordinação ou intimidação, após esclarecimento completo e pormenorizado sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar.

Apresentou ao participante o Termo de assentimento livre e esclarecido (TALE), em que aponta na Resolução 466/12 - II.2 que as crianças ou adolescentes participantes devem ser esclarecidos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa lhes acarretar, na medida de sua compreensão e respeitados em suas singularidades.

Foi garantido o sigilo quanto a identificação das informações obtidas, exceto aos responsáveis pelo estudo, e a divulgação das mencionadas informações foi realizada entre os profissionais estudiosos do assunto. Os nomes utilizados das crianças e responsáveis do estudo são fictícios, portanto não será identificada em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

Dessa forma a pesquisa foi respaldada por documentos éticos que autorizam a sua realização pelos participantes, assim como, propõe preservar as identidade e desistência da participação quando assim desejarem.

7 A APROXIMAÇÃO COM AS CRIANÇAS DO CAMPO DE ESTUDO

A aproximação com o campo de estudo e o anseio em experimentar os livros digitais com crianças psicóticas ocorreu a partir da oportunidade que a autora da pesquisa teve em estagiar no ambulatório Infante-Juvenil do Hospital Nina Rodrigues, com a Psicóloga da casa e a equipe multidisciplinar.

A demanda que chega ao ambulatório infantil é encaminhada pelos médicos residentes, a proposta é realizar anamnese para avaliar se precisa ser encaminhado para outros profissionais da saúde ou se o caso corresponde de fato a um pleito psiquiátrico.

Os quadros que necessitam de acompanhamento Psicológico e Psiquiátrico são enquadrados na agenda e aqueles que não conseguem vaga de imediato são inclusos na lista de espera, para serem atendidos semanalmente ou mensalmente, visto que existem pacientes que residem no interior.

O ambulatório infantil possui um quadro grande de atendimentos, composto por crianças e adolescentes que sofrem por pensamentos suicidas, depressão, anorexia, bipolaridade, esquizofrenia, retardo, autismo, neuroses obsessivas, perversão e neurose histérica, elencando que esses dados refletem cada vez mais a importância da aplicação de projetos voltados a esse público.

Há uma atenção pela ressignificação na vida da família e daqueles que sofrem de transtornos mentais e o contato direto com os transtornos possibilitaram desenvolver articulações entre a teoria e a prática clínica.

A equipe multidisciplinar do ambulatório infantil do Hospital Nina Rodrigues é assistida por Psicólogo, Psicanalista, Psiquiatra; Residentes de medicina; Enfermeiras, Téc. de enfermagem, Instrutor de culinária, Nutricionista, Assistente social, Terapeuta Ocupacional, Apoio, Atendente, Arquivistas, Recepcionistas e Porteiros.

Entretanto, observa-se, que após a Reforma Psiquiátrica, a estrutura e os recursos humanos dos Hospitais Psiquiátricos estão atendendo ao processo de humanização, no fornecimento de profissionais e estrutura adequada para o empenho de um atendimento diferente do que lhes foram fornecidos ao período anterior a reforma, é visível, que ainda existe muito a se progredir, mas, a área de saúde mental já alcançou muitos resultados após a reformulação desse novo olhar no acolhimento ao sujeito que possui sofrimentos psíquicos como a psicose.

Logo a seguir apresento-lhes na figura 3 cenas que foram fundamentais para o despertar do meu interesse e curiosidade em trabalhar com o livro digital destinados à

crianças acometidas pela estrutura psicótica, pois ao observar essas crianças interagindo com o celular, a primeira jogando e a segunda escutando música, ocorreu-me um *insight* acerca dos livros digitais, o que em seguida me levou ao problema da pesquisa que consiste em desvelar se é possível agregar os livros digitais ao contexto escolar das crianças com estrutura psicótica.

Figura 3 – Crianças atendidas pelo Hospital Nina Rodrigues utilizando *smartphones*



Fonte: Gomes (2018)

Durante a ocasião tive o ensejo de conhecer os familiares, a maior parte era composta por mães que apresentavam suas questões de modo bastante singular, a citar a mãe do paciente “A”, com olhar cansado, apreensivo, nos primeiros atendimentos apresentou dores de cabeça e de dente, exibindo, portanto, somatizações⁷. Seu filho foi diagnosticado como *boderline*, na prática da automutilação, pensamentos suicidas, e desde que começou a apresentar os sintomas, tornou-se bastante irredutível na escola, no convívio social e com a família.

O ciclo de pacientes que perpassam pela emergência do Hospital é constante, o local é destinado à crianças e adultos em crise. Dentre os casos analisados, se tem o paciente “B”, de 7 anos, chegou ao hospital apresentando convulsões, foram realizados exames e observações para averiguar se o caso tratava-se de uma esquizofrenia, no decorrer dos dias, muitos exames foram feitos, e todos os resultados apresentavam-se negativos, desse modo, chegou-se a conclusão, entre a equipe multidisciplinar, que a criança estava encenando as convulsões.

⁷ Somatização é a tradução de angústias e conflitos psicológicos em sintomas físicos ou doenças corporais. BERNADO, André. **A ciência da somatização**. Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/mente-saudavel/aciencia-da-somatizacao/>>. Acesso em: 17 out. de 2021.

Na emergência, acompanhou-se, o paciente “C”, de 26 anos, caso grave de Psicose, no decorrer da sua história chegou a amputar os dedos das mãos com a boca, comunica-se rugindo, reside no interior de São Luís, encontrava-se agitado, amarrado na cama e ao lado da mãe que tentava alimentá-lo.

Os pacientes encaminhados pelos médicos residentes até a Psicóloga passavam pelo processo de anamnese, e dentre os casos apresentados escutou-se a mãe da paciente “D” que em seu discurso afirmava não ter desejado a filha, sentia-se culpada por não proporcionar a devida atenção e amor nessa relação, sendo encaminhada ao Hospital com o discurso de que a filha de 5 anos não mostrava bom desempenho na escola e certo retardo nas atividades desempenhadas, portanto, no decorrer do diagnóstico com a Psicóloga, foi-se observado que a criança não apresentava a demanda de retardo e que estava vivenciando apenas a fase da infância, mas, que a mãe necessitava passar pelo processo terapêutico com a Psicanalista para se escutar e compreender suas instâncias.

Em seguida, teve-se a anamnese do paciente “E”, de 16 anos, chegou à clínica seguido por sua tia e avó, que estavam suspeitando de possível autismo, portanto, o adolescente ainda estava em processos de entrevista e avaliação, pois pouco se comunica, e possui a mania de averiguar as horas no relógio, mesmo não o tendo no pulso. Até o momento, o diagnóstico ainda não teria sido fechado, mas, a possibilidade de autismo foi descartada pelos profissionais.

A psicóloga utilizava-se nas avaliações o teste projetivo HTP (House (casa), Tree (árvore) e Person (pessoa), empregado como ferramenta para avaliar o que está a nível do inconsciente no sujeito, durante os testes eram observados expressões, o modo como o paciente se comportava, assim como traços e aspectos apontados no desenho. A utilização da arte era de grande valia para analisar a experiência de sentimentos como a raiva, angústia, alegria, abusos e dentre outros aspectos subjetivos.

O hospital é acompanhado por muitos projetos e dentre eles participei da oitava edição do “Ritmos da Vida”, no Teatro da Cidade, com alusão ao setembro amarelo, do “Encontro Familiar”, com crianças acometidas pela psicose, na Lagoa da Jansen, assim como do “Piquenique *Teen*” desenvolvido pela Psicóloga do ambulatório aos adolescentes, com elaborações de dinâmicas, tratando-se de intervenções que manifestam, o olhar atuante do Hospital Psiquiátrico Nina Rodrigues diante dos pacientes e a comunidade. Vejamos a seguir a história e vivência de duas crianças psicóticas ao serem apresentadas ao livro digital durante a experiência de campo.

7.1 A estrutura familiar e suas vivências: João

O João é da cidade de Bacabal e para conhecer o espaço e a escola em que compartilha seus dias, decidi por viajar até sua cidade, são quatro horas de viagem. Estava de malas prontas, reservei hotel, comprei as passagens e tentei me deslocar até sua cidade sem avisar que estava a caminho. Queria conhecer o processo, muito mais que a casa arrumada, um encontro com o real proporcionado pela pesquisa cartográfica, estava aberta para as surpresas e de fato fui surpreendida quando cheguei na cidade de Miranda.

O ônibus parou para o motorista descansar e os passageiros irem ao banheiro ou fazerem um lanche. Então sentei no banco e encaminho mensagem para a mãe da criança perguntando como estavam e ela respondeu: “não estamos muito bem, o João entrou em crise e tive que retornar à São Luís em caráter de urgência para agendar nova consulta.” (informação verbal⁸)

Fui surpreendida pela frustração de não conseguir ir até o destino esperado e pela dúvida que me assolava: continuo o percurso até Bacabal e durmo na cidade, haja vista que já havia reservado o hotel ou aproveito que o ônibus Bacabal – São Luís está a posto e retorno para a capital? Tinha exatamente cinco minutos para decidir e foram os cinco minutos mais difíceis que já vivi. Foi nesse momento que percebi que os instantes e segundos fazem a diferença, mudam a trajetória, o percurso. Decidi por voltar à São Luís, dormir no aconchego de casa, porém, fiquei pensando no caminho o quanto paguei a passagem para viver a experiência do percurso, do trajeto, dos ossos do ofício e das pistas São Luís – Bacabal.

Ao retornar do percurso, do meio do caminho ou talvez o caminho completo era o retorno, às vezes é preciso retornar para continuar, e assim o fiz. Combinamos um novo encontro, às 8h no Hospital Nina Rodrigues. Cheguei pontualmente, encaminhei mensagem à mãe da criança avisando que já havia chegado, ela demora a responder, mas avisa que já está a caminho.

Aproximava-se das 9h e a mãe ainda não havia chegado ao local e horário combinado, já estava começando a sentir-me apreensiva já imaginando que por ventura havia desistido da nossa conversa pessoalmente. Enquanto isso dividia o tempo conversando com os pacientes que chegavam ao hospital para se consultar, conversava com um, depois conversava com outro, os pacientes começavam a chegar e logo o hospital era ocupado por muitas pessoas em sofrimento psíquico, inclusive eu em estado de angústia pela espera.

O Hospital é composto pelas salas de atendimento, corredores e por áreas arborizadas,

⁸ Relato da mãe ao ser perguntada como estavam se sentindo.

sentei na área próximo as árvores e logo em seguida se aproxima uma garota com sua mãe, estão vindo do interior para o tratamento da filha, a mesma tem surtos psicóticos e utiliza-se de materiais ponteados para cortar os braços, tem pensamentos suicidas. Fiquei a escutar a história dessa mãe que também está em sofrimento junto com a filha, me disse que tem insônia e que sente dificuldades em acompanhar a demanda da filha. Logo em seguida a chamaram para a consulta, olho para o relógio e já se aproxima das 10h e ainda encontro-me a esperar.

Nesse dia conheci o Carlos e sua mãe, adolescente de 12 anos, bastante calado, não pronuncia nenhuma palavra, mas a sua mãe inicia a conversa dizendo que encontra-se com dores de cabeça e cansada, pois passa a noite trabalhando e as vezes precisa trazer o filho para tratamento durante o dia, fiquei a escutar sobre suas angustias e em seguida os chamaram para atendimento, mas senti que a minha escuta naquele momento para aquela mãe cansada foi significante.

O cansaço começa a apertar, olho para portaria e vejo a mãe do João descendo as escadas, meu coração ficou em estado de alívio e alegria. Novamente o momento me ensina que a experiência do percurso é tão significativa quanto alcançar o fim. E assim iniciamos nossa conversa, às 11h, antes tarde do que nunca.

O encontro com a mãe do João de 9 anos ocorreu entre os corredores do Hospital Nina Rodrigues, nesse dia ela foi até o hospital sozinha para agendar a próxima consulta do filho. Inicialmente relatou que mora com os pais, possui 30 anos, tem o ensino médio completo, diz não trabalhar por ter que cuidar do filho único. Relata que a criança é desafiadora, que vivem bem na medida do possível, mas, que as dificuldades surgem geralmente nos momentos de crise da criança.

Segundo Dias (2018, p.110) “existe então um ser posto no mundo e absolutamente dependente de sua mãe, formando uma composição “dois-em-um”, uma extensão do seio, configurando assim o estágio de dependência absoluta.” Estando assim à criança inteiramente entregue aos cuidados dos responsáveis diretos, em muitos casos, acabam que por se anularem para proporcionarem assistência continua aos filhos, o que de certa forma desperta atenção para os cuidados da saúde mental de todos os atores envolvidos nesse processo.

A mãe da criança aponta que teve uma gravidez de risco, emergindo a partir de um parto prematuro, que não foi um filho planejado, desde já, não desejado, ressalta que a amamentação ocorreu até os dois meses, que o contato com o pai foi interrompido logo na infância, por volta dos sete meses de vida, e sem ocorrências de aproximação desde esse período, ficando por conta da mãe o processo educacional e de introdução desse sujeito na

cultura.

É visto neste caso a ausência de desejo da mãe pela criança e a anulação paterna no processo de construção psíquica, principal responsável em introduzir a lei, dar amparo e fazer o processo de separação mãe-bebê, o que por ventura a sua anulação torna-se responsável em desencadear diversos problemas na formação da constituição da criança que competem desde ordens sociais a transtornos psicopatológicos. Corroborando sobre a perspectiva da função paterna o Emidio e Hashimoto (2012, p. 5) ao tratar que:

O pai é quem faz a mediação entre o desejo da mãe e do filho, dá continuidade à proibição do incesto, exercendo o papel do terceiro que interdita a relação. É ele o representante do pai simbólico que precisa ser também simbolizado como o objeto da falta e desejado por essa mãe, levando-a a direcionar o seu desejo para outros objetos que não são o filho.

A mãe do João prossegue relatando sobre as dificuldades enfrentadas na relação durante a gravidez e após o nascimento, pois, o pai da criança cobrava ciúmes da mãe referente aos cuidados dedicados ao filho, chegando a dizer que viveu situações difíceis e que não teve os mesmos caprichos que o filho. A mãe interpreta as pontuações da palavra do Pai como ciúmes o que na relação edipiana é ele o principal responsável em introduzir o não nessa dualidade existente entre a mãe e o bebê, mas para que a lei seja estabelecida é necessário que ocorra também a permissão da mãe frente a palavra do pai, caso os pares não contribuam dificilmente ocorrerá a introdução do Nome-do-Pai o que de certa forma coopera para o desenvolvimento atípico voltado para construção de um eu fragmentado. Assim pontua Lacan (1957-58, p. 174) acerca da função paterna:

O pai intervém em diversos planos. Antes de mais nada, interdita a mãe. Esse é o fundamento, o princípio do complexo de Édipo, é aí que o pai se liga a lei primordial da proibição do incesto. E o pai, recordam-nos, que fica encarregado de representar essa proibição. Às vezes, tem de manifestá-la de maneira direta, quando a criança se deixa levar por suas expansões, manifestações e pendoros, mas e para, além disso, que ele exerce esse papel. E por toda a sua presença, por seus efeitos no inconsciente, que ele realiza a interdição da mãe.

O desenvolvimento da criança incide com a percepção da mãe acerca da mudança de comportamento do filho, que iniciou os primeiros passos com um ano e três meses e ao manter relacionamentos interpessoais costumava agredir os colegas com mordidas, o descrevendo como imperativo, assim como apontou sobre suas idas constantes para lavar as mãos, que ao andar solicitava a mãe para passar pelos pisos de cores iguais e nas noites tinha crises de choro, solicitando que a mesma ficasse em pé na sua frente.

Por seguinte, devido aos comportamentos estereotipados, a mãe optou por procurar acompanhamento psiquiátrico ao filho. Apontou que recebeu inicialmente diagnósticos de depressão, mimos, até avançar para a suposta bipolaridade.

O desencadeamento da psicose na criança mostrado a partir dos sintomas apresentados inicialmente faz suplência à inexistência do nome-do-pai ao complementar RÊGO (2011, p.43) quando pontua que “a metáfora delirante, portanto, é o que vem fazer suplência à metáfora inoperante do Nome-do-Pai na psicose”.

Apesar dos sintomas diz que o filho tem autonomia, opinião própria, costuma ser argumentativo, mas que a mãe o freia quando se trata de algo que não é o melhor. Tem linguagem clara, esboçou as primeiras palavras aos 7 meses, chamando pela mãe.

Iniciou a frequência na escola aos três anos, numa instituição pública da cidade, não teve problemas quanto reprovações, mas sente-se irritado por ter que passar horas sentado. Enquanto a leitura, a desenvolve soletrando, a mãe retrata que não é muito adepto, mas acompanha as revistas em quadrinho, e costuma criar suas próprias histórias a partir das imagens apresentadas, tem afinidade por tecnologias, deseja fazer um curso de informática, tem acesso ao *tablet* e ao celular, conectado na internet, assim como gosta de assistir filmes e desenhos no *youtube*.

Na escola tem dificuldades com a disciplina de português, mas gosta da matemática, e ao relacionar-se possui a libido aguçada, chegando a beijar as colegas de turma. Aponta Moraes et al (2007, p. 20) que:

O THB pode causar graves prejuízos ao desenvolvimento emocional e cognitivo da criança. Seu diagnóstico está associado a taxas alarmantes de suicídio, a problemas escolares, a comportamento de alto risco (promiscuidade sexual e/ou abuso de drogas), a altas taxas de recorrência e a baixas taxas de recuperação.

Ao tratar sobre a visão da mãe acerca do preparo dos professores para atender crianças com a especificidade do seu filho, descreve que na atual escola existem professores preparados, mas, que enquanto nas outras, ainda deixam a desejar, pois já passou por situações relacionadas à falta de acolhimento e suporte.

Os envolvidos nesse processo de educação das crianças com desenvolvimento atípico acabam que na maioria das vezes sentindo-se desorientados acerca desse compromisso de tentar incluir aqueles que participam de um sistema público escasso em recursos o que deixa os professores de certa forma tentando reinventar-se com os materiais que possuem em mãos.

A criança faz amigos com facilidade, da mesma forma que desfaz, pois tem dificuldades com ordens, não gosta da atual companheira da mãe, a mesma descreve que ambas as partes possuem ciúmes dela. Logo, retomou a fala relatando que a criança a deseja, quando diz que a mãe será dele e que ele não vai deixá-la casar. Costa (2010, p. 15-17) descreve que:

é comum encontrar nos filhos o desejo de morte em relação ao pai e, nas filhas, esse

mesmo desejo frente à mãe. [...] Freud afirmou ter descoberto em si mesmo o fenômeno da paixão pela mãe e do ciúmes por seu pai, e agora considera este um acontecimento universal do início da infância.

Por fim, descreve seu filho como um garoto incrível. Contribuindo para a experiência da mãe como responsável pelo acolhimento direto da criança, iremos conhecer nos parágrafos seguintes a história de vida narrada pelo próprio João sobre suas vivências que vem da trajetória familiar ao percurso escolar.

7.1.2 Embarcando no diálogo com o João

Era 23 de Outubro, estávamos há dois meses sem contato, então encaminhei uma mensagem para mãe da criança perguntando-lhe se estavam em São Luís ou Bacabal, pois já estava pensando em uma possível viagem até a cidade novamente, mas dessa vez resolvi perguntar a localização. Disse que encontravam-se em São Luís, pois veio trazer a criança para as suas consultas realizadas de praxis no Hospital Nina Rodrigues, mas já estavam de viagem marcada para retornar no mesmo dia por volta de 1:30h da tarde.

A mãe disse que se tivéssemos que nos encontrarmos teria que ser na rodoviária de São Luís por volta das 12:30h. Não tive muito tempo para pensar, era a oportunidade que possuía para conhecer e entrar em contato com a criança e assim lhe apresentar os livros digitais.

Quando os avistei, a mãe segurava pelas mãos da criança em direção a plataforma de embarque, logo acenei avisando-lhes sobre a minha presença nesse encontro que teve como representatividade o primeiro contato com a criança.

João mostrou-se curioso por saber quem eu era e o que estava fazendo na rodoviária aguardando-os, apresentei-me como aluna do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão e disse-lhe que estava desenvolvendo uma pesquisa com livros digitais e se ele tinha interesse em conhecer, no mesmo momento recitou que sim, então o convidei para irmos até a lanchonete mais próxima mostrar-lhe o material. Tive sentimentos de alegria ao observar a empolgação da criança ao mexer nos livros digitais. A mãe nesse momento tirava fotos, filmava, mostrava-se contente com o acontecimento desse encontro casual entre a gente.

Durante o encontro com o João ele inicia seu diálogo pontuando que: “o seu gostar em ir à escola é mais ou menos, pois sempre diz a sua mãe que acha cansativo, seu dedo dói e também fazem textos grandes e ele não gosta de fazer textos grandes, mas a sua mãe diz a ele que toda criança tem que se conformar em fazer texto grande, pois quando for para o ensino superior ninguém vai ajudá-lo a copiar. Na faculdade quer fazer o curso que constrói

brinquedos e caso não consiga esse quer montar uma barraquinha para vender brigadeiros, bolos e salgados.” (informação verbal⁹)

Mostrou que conhece as letras do alfabeto, e as pronunciou de modo a demonstrar que sabe: a, b, c, d, e, f e g. Falou que gosta de dois professores, o professor que dar todas as matérias e a professora que é a cuidadora. Sobre as aulas que mais gosta é a de matemática e do inglês e a que menos gosta é português.

Ao dialogar acerca do âmbito escolar a criança expressou suas dificuldades: “tenho dificuldades em entender o assunto passado pelos professores em sala de aula. Possuo poucos amigos, sou conversador e que sua mãe já disse certa vez que ele bebe água de chocalho porque ele conversa muito, às vezes mente porque tem medo que sua mãe bata nele, mas como ele tem confiança de que ela não vai bater, então ele fala a verdade para ela. Prometeu para a mãe que agora não vai mais pesquisar na internet, agora só vai pesquisar nos livros. Gosta do livro de Adão e Eva que possui em casa, de celular e computador, mas pouco usa e da última vez que usou acabou molhando com perfume e quebrou, assim como já foi expulso de vários reforços porque era teimoso e atentado.” (informação verbal¹⁰)

Segundo MORAES, SILVA E ANDRADE (2007, p. 20) na bipolaridade “(...) a criança é muito ativa, impulsiva, explosiva, fala em excesso e tem pouca necessidade de sono. Pode acreditar ter habilidades especiais ou poder fazer coisas impossíveis”.

Corroborar com a questão MORAES, SILVA E ANDRADE (2007, p. 1) ao comentarem que “são indivíduos com taxas maiores de sintomas psicóticos, depressão, problemas escolares, hospitalização, ansiedade e comportamentos destrutivos.”, comenta sobre a questão a KUPFER (1996, p. 1) ao atentar que são sujeitos que “fazem rápidas passagens pelas instituições escolares, “transferidas” – de fato, expulsas – de uma para outra, pois produzem um desassossego que não chega a ser nomeado pelos educadores. O que se diz sobre elas é que são “estranhas”.

É comum crianças de desenvolvimento atípico apresentarem estereotípias, tiques ou comportamentos que na maioria das vezes não conseguem ser ministrados pela equipe escolar, são indivíduos que na maioria das vezes exibem atitudes desordenadas ou entram em profundo estado de catatonia chegando a não responder a mensagem do emissor o que leva a instituição livrar-se daquilo que não conseguem manusear ao invés de acolhê-los dentro da sua subjetividade.

Costuma usar a internet para pesquisar sobre teimosia, comportamento. Nunca

⁹ Relato do João ao tratar acerca da sua experiência na escola.

¹⁰ Relato do João ao expressar acerca das suas principais dificuldades no âmbito escolar.

frequentou a biblioteca da cidade, mas já disse para a mãe levá-lo, falou não conhecer livros na internet, mas que tem interesse em conhecer. O que de certa forma observa-se é que apesar de não ter acesso as bibliotecas, demonstra a partir da sua fala um desejo em utilizar-se da leitura para conhecer acerca dos seus sintomas, denominado por ele como teimosia.

A criança vai abrindo espaço e nos mostrando pistas dos seus possíveis interesses literários, dentre eles o de conhecer a etiologia do seu próprio comportamento enquanto criança diagnosticada com bipolaridade. Logo a seguir a Maria e sua mãe entram em cena, contando a partir das suas falas suas experiências existenciais.

7.2 A estrutura familiar e suas vivências: Maria

Era sexta-feira, dia da família ir ao supermercado fazer as compras da semana. Foi nesse local que marcamos o primeiro encontro, avistei a Maria e sua mãe na fila do supermercado, acenei mostrando que já estava a espera delas. A Maria deliciava-se das uvas e fazia esse desfrute caminhando de um lado para o outro. Fiquei observando a movimentação na porta do supermercado, era o nosso primeiro encontro e para todo primeiro encontro fui acometida por um frio na barriga que amenizou logo após nos apresentarmos. Fui até o caixa buscar as salocas, colocar no porta malas do carro e as levar até sua residência. No caminho fomos conversando sobre o projeto, quais eram os objetivos e que nós iríamos construir juntas os resultados.

Moram na periferia da Cidade, numa casa de canto com muitos vizinhos ao redor, ao adentrar fui convidada para sentar na cozinha, me ofereceram um delicioso café com beijú, aceitei, e o experimentei da mesma forma que degustei o nosso diálogo naquela manhã.

Enquanto dialogava com a mãe, a Maria vez ou outra entrava na conversa para participar, ela falava dos colegas da escola, colocava a música preferida para tocar no celular, pedia para mãe um trocado para comprar cremosinho, visto que a mãe descartou a possibilidade, então me fez o pedido.

Haja vista que também tenho apreço por cremosinho não descartei a possibilidade de irmos ao comércio e fomos logo após a conversa que estava mantendo com a mãe da criança. Os vizinhos também participavam desse encontro, vez ou outra adentravam na casa, tomavam café e conversavam com a mãe da Maria. Aprendi neste dia que o ato de pesquisar nem sempre te leva a descobertas inusitadas, mas também te aproxima de dados singelos: ela gosta do cremosinho do bairro.

A mãe da criança inicia comentando acerca do pai da filha que: “ao conhecer ela

morava na casa da irmã e não queria namorar com ele, pois ele era muito mulherengo, mas acabou cedendo aos encantos e aceitando a proposta de namoro. Estava grávida de um filho resultante do ex relacionamento, ele disse não ter problemas com a situação e que a assumiria, mas acabou perdendo o bebê. Então engravidou novamente de um garoto e ao ficar gestante da Maria o garoto já tinha seus 4 anos quando tomou remédio para perder a Maria, portanto, não deu certo, então nesse breve momento apesar de ter desejado perder a Maria, ela é tudo de bom.” (informação verbal¹¹)

Morou 13 anos com o pai da criança, quando ela nasceu fez o teste do pezinho, sempre muito inteligente, saudável, ela fazia ballet. E após a separação e morte do seu irmão, passou-se 2 anos, logo depois de 1 mês, aos 7 anos de idade, a Maria começou a ficar triste, parou de brincar. Quando a criança nasceu trabalhava em um restaurante localizado na orla da praia em São Luís e teve que conversar com a patroa para sair do emprego porque precisava cuidar da filha. Discorre Calabri (2010, p.1) a respeito:

Um dos grandes aliados e de fundamental importância no tratamento da esquizofrenia, chama-se família. Estes quando detectam a doença, atuam de forma concisa, ajudando este na sua reintegração no tocante ao acompanhamento médico e social.

Ela sempre levava a filha nos médicos e recebia o diagnóstico de que tudo estava bem, certo dia a indicaram o Nina Rodrigues, sua patroa que indicou o Psiquiatra do hospital. Logo ao se consultar a filha recebeu o diagnóstico de esquizofrenia e começou a tomar o medicamento risperidona no tratamento de sintomas como alucinações e delírios”. Prossegue Kupfer (2000, p. 98) a respeito:

Para Lacan, o significante Nome-do-Pai é um significante primordial, cuja ausência provoca um “furo” no campo das significações. Lacan acrescenta ainda que os significantes Nome-do-Pai, excluídos da cadeia, da rede simbólica da qual emergem as significações, não simbolizados portanto, retornam sob forma alucinatória. Desse modo, pode-se entender o delírio do psicótico como um fato de linguagem, um modo particular da relação de um sujeito com a linguagem.

Assim que iniciou o tratamento, os seios da criança começaram a crescer e até o momento no hospital não haviam médicos que recebiam o público infantil, mas avisaram que estava para chegar na instituição a médica psiquiátrica especialista no atendimento com crianças. A mãe pontua sobre a sua necessidade em frequentar um Psicólogo, mas diz não ter tempo, ao considerar que: “ou eu vou ao Psicólogo ou meus filhos passam fome, um dos dois.” (informação verbal¹²)

Atualmente a Maria faz acompanhamento psicológico. O diagnóstico da filha é

¹¹ Relato da mãe da Maria ao tratar acerca do seu relacionamento familiar.

¹² Fala da mãe da Maria ao tratar acerca do processo de descoberta do transtorno esquizofrênico da filha.

esquizofrenia, ela ver imagens, escuta vozes e fala sozinha, teve um tempo em que até mesmo esqueceu o seu nome, não se vestia, mas atualmente já vai à escola. Está no quarto ano. Dessa forma esclarece LACET (2004, p. 2) que “os significantes foracluídos, diferentemente do que ocorre no recalque, no qual são reintegrados ao inconsciente via simbólico, retornam de fora pela via do real, como é o caso dos fenômenos alucinatórios” e fomenta a temática Calabri (2010, p. 1):

A esquizofrenia se apresenta de várias formas, e afeta as diversas áreas do funcionamento psíquico. Sendo os sintomas principais: delírios; alucinações; alterações do pensamento; alterações da afetividade; diminuição da motivação; dificuldade de concentração; alterações da motricidade; desconfiança excessiva e indiferença.

A Maria estuda na escola pública do bairro pela manhã, próximo ano pretende trocar o horário. Na escola só desenha e risca. Em casa não quer fazer nada. A mãe da criança é vendedora, trabalha atualmente no horário da tarde em uma loja de roupas localizada no shopping da cidade, mora com a filha de 13 e o filho de 18 anos. A mãe relata que a criança era muito apegada ao pai, pois quando trabalhava o dia todo sempre que chegava em casa o pai já havia colocado a filha para dormir, enquanto que o garoto era mais apegado com a mãe.

A Maria tem três irmãos mais velhos por parte de pai. Tem uma boa relação com os familiares e ama ir para casa da avó dela em Itapecuru. Assim complementa a mãe: “como a filha está de férias, inclusive faltou aula hoje por dormir demais, já mandou mensagem para o pai ir buscá-la para passar as férias em Itapecuru.” (informação verbal¹³)

Durante o dia ela passa a maior parte do tempo com a mãe e o irmão. No período da gestação fez o processo do pré-natal, mas afirma que não foi uma gravidez planejada. O pai nunca foi tão presente na gestação do filho, mas no da Maria se mostrou mais presente.

A gravidez não foi de risco, seu parto foi cesáreo, a criança nasceu de 9 meses com 2,300 kg e não apresentou doenças e nem passou por nenhum episódio marcante durante a gravidez. Não teve complicações pós-parto e nem histórico de doenças genéticas. Relata que o filho mais velho foi várias vezes ao hospital, enquanto que a Maria dificilmente adocece, não gripava, mamou mais vezes que o filho, até aos 9 meses, enquanto que o garoto aos 3 meses já largou o peito.

A criança sempre fez acompanhamento médico, inclusive o teste do pezinho e o resultado não apresentava problemas. Ela por três anos faz uso de medicamentos, utiliza-se do clozapina, um antipsicótico, em que os efeitos colaterais resultam em sonolência. Já foi internada por 1 mês no Hospital Nina Rodrigues em observação para fazer a troca do

¹³ Relato descrito pela mãe da Maria durante o diálogo aberto com a pesquisadora.

medicamento, pois todos os dias tinha que tirar sangue, o médico tinha que olhar. Possui uma boa alimentação, mas a mãe retirou o café da sua dieta, prefere alimentá-la com achocolatado ou suco. A resistência que teve na alimentação foi quando era pequena, queria ser modelo, a mãe sempre a atentava que era necessário se alimentar para não adoecer, pois ela era bem magrinha.

A mãe descreve que a criança faz as refeições no horário exato e que a Maria ainda exige que o almoço esteja pronto ao chegar da escola, a mãe considera essa atitude como de alguém exigente. A criança sempre dormiu com a mãe no quarto, mesmo na época de casada queriam ir para o quarto dormir com os pais. Aos sete anos a filha começou a ficar triste, o irmão avisou a mãe que ela poderia está doente, pois não queria mais brincar. A criança ficava na casa da vizinha enquanto a mãe trabalhava, a vizinha falou para a mãe que a criança estava apresentando comportamento diferente, que vez ou outra gritava.

Nesse dia propôs sair com a filha e nesse momento percebeu que a criança estava falando sozinha. Avisou o compadre e ele respondeu que era comum crianças falarem sozinha por conta da imaginação, mas a mãe percebeu que estava constante esse diálogo da criança sozinha. A criança começou a se isolar a não falar mais com a mãe, nesse momento foi levada ao Paulo VI para fazer exames eletros, logo em seguida passou a apresentar comportamentos agressivos com tentativas de suicídios, quebrou as janelas, a mãe entrou em desespero. Ela corria na rua e ao tentar contê-la geralmente a mordida.

A mãe retrata durante o diálogo sobre como se desenvolveu a infância da filha ao considerar que: “aos 2 meses já sustentava a cabeça, ela foi preguiçosa, andou com 9 meses, o filho andou com 7 meses, ficou em pé sozinha com 8 meses. Atualmente a Maria é autônoma, já veste a farda, já fritou algo para comer, não passa fome, banha sozinha. Não faz as coisas, é preguiçosa.” (informação verbal¹⁴)

A criança esboçou os primeiros sorrisos aos 2 meses, a primeira palavra foi Papai. Possui linguagem clara, sempre foi muito desenvolvida. A mãe nesse momento chama a Maria e pergunta se ela sabe escrever o nome dela, ela responde que sim, pois a professora a ensina. Começou a frequentar a escola com 1 ano, mas o pai começou a dizer que era muito cedo, pois ela não queria acordar, diz ser curiosa. Sempre teve amigas na escola e é de fácil relacionamento. Quando ela adoeceu, as amigas não acreditaram. Nunca repetiu de ano.

A Maria entra na entrevista e pede para mãe dinheiro para comprar bombom caseiro e geladinho. Fala que vai viajar para Itapecuru nas férias com o pai, pois gosta de banhar no rio e sair com o pai. A mãe pergunta se ela vai esquecê-la, responde que não. A criança começa a

¹⁴ Relato da mãe durante diálogo aberto com a pesquisadora.

relatar que já brigou na escola com um colega, ele a empurrou e deu língua, ela revida dizendo que iria matá-lo.

Acerca do seu relacionamento com os professores a Maria afirma: “tenho um bom relacionamento com os professores, e gosto da professora de matemática e português, pois todo dia tem dever de casa. Não gosto da disciplina de matemática, mas gosto da disciplina de desenho. Não tenho rotina de estudo e não estudo em casa.” (informação verbal¹⁵)

Diz que gosta de internet, usa muito a da mãe e geralmente pesquisa música, desenho. Fala que gosta da música “vamos fazer o julgamento do dedinho, juntar o seu dedinho com o meu dedinho”, nesse momento pergunta por que o meu celular estava ligado, respondo que ele está gravando a entrevista para depois escutar. A Maria diz que não sabe ler, mas que gosta de livros de histórias, desenhos, verdades ou mentira. Diz ter livros em casa, gosta da Barbie, Cinderela, Aurora, Rapunzel, e Ariel.

A mãe diz que acha interessante a introdução da tecnologia na escola, que serve como incentivo, não tem computador em casa, mas a filha usava o tablet. A Maria intervém perguntando se tenho dois reais para comprar bombom e geladinho, que quer comprar quatro, digo que daqui a pouco podemos ir ao comércio fazer essa compra.

Na escola não tem computador, a mãe acha que a escola não está preparada para atender a demanda de crianças especiais, a Maria fala que vai ao banheiro com as amigas. Diz que prefere brincar com os colegas. Começou a falar de dois coleguinhas que querem namorar com a amiga dela, ela diz que gosta de brincar com os colegas da idade dela. Que faz amizades com facilidade, possui uma amiga na escola, mas que ela a provoca ameaçando-a em batê-la, certa vez até mesmo insultou a professora.

Relata ter um bom relacionamento com os irmãos, começou a falar sobre os outros irmãos, que se dar bem com eles. A mãe diz que a filha é obediente, enquanto isso Maria entra no diálogo e continua a falar sobre sua amiga que certa vez a derrubou. A mãe diz que a filha apresenta comportamentos agressivos que quando ameaça bater, ela sai correndo, xingando e gritando.

A Maria fala que os colegas vivem correndo na escola e que certa vez: “uma amiga disse para a professora que o colega a chamou de filha da puta, que sua amiga é saliente e que ela bateu em outra colega a fazendo chorar.” (informação verbal¹⁶)

Logo em seguida fui ao comércio comprar bombom caseiro com a Maria, o comércio estava fechado, então resolvemos ir até outro comércio comprar geladinho, no percurso à

¹⁶ Relato da Maria ao tratar sobre seu relacionamento com professores e amigos da escolar.

entrevista se reverteu e a criança começou a me fazer algumas perguntas, quis saber se eu tinha filhos, assim como pai e mãe vivos, respondi que: “não tenho filhos, mas tenho um sobrinho que o considero como se fosse e que ainda tenho minha mãe viva, mas que meu pai já havia falecido” (informação verbal¹⁷), então esboçou um leve sentimento por minha perda.

Nesse momento percebi que ser entrevistada por vezes é tocar em detalhes da nossa existência que despertam emoções profundas, ainda mais quando o tema é sobre família. E a Maria ao me questionar conseguiu me trazer essas emoções.

Após termos feito uma breve explanação histórica sobre o contexto familiar da criança, no parágrafo a seguir iremos averiguar como se dar a experiência das crianças ao lhe serem apresentadas os livros digitais.

7.2.1 O espaço de fala e interrogações da Maria

No percurso encontrei resistência, errei o caminho da casa da Maria por duas vezes, pois chegar sem avisar proporcionou-me certo frio na barriga, percebi que a surpresa é uma via de mão dupla, é surpreendido quem te recebe e quem chega despreziosamente, ambos se espantam. É um ato que foge do convencional, foge do preparo, do improvisado, da casa arrumada é o espanto com o desarrumado, um encontro com o real, com os detalhes que são escondidos ao avisar que se está chegando.

Encostei-me na janela da cozinha e logo a frente encontrei a mãe da Maria lavando as louças, ela esboçou um sorriso e me convidou para entrar. A Maria também veio me receber, disse ter acordado há pouco tempo, falei que queria apresentar-lhe alguns livros e perguntei em qual lugar da casa poderíamos ficar, sugeri ficarmos na cozinha, por ter melhor iluminação.

A mesa possuía duas cadeiras que encontravam-se em posição frontal e ao iniciar nosso diálogo ela logo pegou uma caneta minha que havia ganhado de presente de uma professora que a trouxe de Portugal e a colocou na boca, fazendo movimentos de sucção. Falei da origem da caneta, que tinha vindo de Portugal, me perguntou se era possível irmos de trem até Portugal, disse que talvez era possível fazer esse percurso entre as cidades vizinhas. Após ter guardado a caneta logo se interessou por meus óculos e o colocou na boca fazendo o mesmo movimento realizado na caneta, até conseguir quebrá-lo. Costa (2010, p.24) aponta que:

ao analisar esse primeiro ato sexual – chupar o dedo –, Freud afirma que aí estão

¹⁷ Resposta da pesquisadora ao ser questionada acerca da vida familiar.

presentes todos os componentes da sexualidade. Na fantasia do bebê, o dedo é o substituto do seio materno e assim, ele passa a não depender mais do Outro para a sua satisfação.

O seio materno é o primeiro objeto perdido pela criança, então o sujeito passa a vida inteira em busca de substitutos externos para esse momento de gozo vivido na infância. A entrevista continua, a criança quis saber onde minha mãe estava, disse-lhe que estava no trabalho, pois trabalha em uma loja, quis saber se ela vende brinquedos e citou a boneca *barbie*, respondi que sim e logo expressou felicidade, continuou perguntando se eu tinha filhos, disse-lhe que não, mas que pretendia, perguntou quantos irmãos eu possuía, falei que possuía sete irmãos, atentou para o corte que fiz no cabelo, para a tela quebrada do meu celular que por sinal se parecia com a mesma tela de celular da mãe, ambas quebradas, por fim quis saber se meu pai já havia morrido e se ele me amava, disse-lhe que achava que sim, pois infelizmente não poderia responder pelos sentimentos dele.

A criança desde o primeiro encontro fazia-me perguntas e a seguir também lhes fazia outros questionamentos. Assim se prosseguia nosso diálogo, ocorrendo trocas, uma mão dupla de perguntas ou entre um processo de transferência e contratransferência. Em seguida disse-lhe que também tinha algumas dúvidas e se poderia iniciar meus questionamentos, então, deu-me permissão.

A Maria fala que gosta de ir à escola, que não conhece as letras do alfabeto, mas que conhece as cores e começou a pronunciar para demonstrar que reconhece pontuando o amarelo, verde, vermelho, rosa, preto, marrom e lilás. Disse que gosta de fazer as atividades e os deveres passados pelos professores em sala de aula, falou que tem dificuldades em entender o que é passado pelos professores e logo em seguida alternou o assunto para falar de algo ocorrido na hora do recreio, conhecido por hora da merenda: “uma vez o Josivaldo estava brigando com Oriel e bateu no nariz de Oriel.” (informação verbal¹⁸)

A criança descreve que tem muitos amigos na escola, mas que não gosta de conversar com a Sara e a Raquel, pois ficam xingando os demais colegas de vagabundos. Pontuou que não possui livros em casa, mas que gosta de celular e computador, afirmou que a mãe já está providenciando um novo *tablet* para ela.

Comenta que quando está com o celular da mãe gosta de mexer no *whatsapp* e entrar na internet para assistir desenhos. Falou que na escola não possuem computadores, que os professores não costumam passar atividades para casa e que as atividades são feitas geralmente na escola.

¹⁸ Relato da Maria ao pontuar situações vividas durante o recreio escolar.

Relata que ainda não foi em uma biblioteca, que na escola não possuem, assim como não conhece as bibliotecas disponíveis virtualmente, mas que possui curiosidade por conhecer os livros digitais. Então a Maria, assim como o João, diante das suas falas providas de subjetividade demonstraram interesse em usufruir da leitura digital, interação essa que iremos conhecer durante os próximos parágrafos ao observar o comportamento das crianças ao serem apresentadas aos livros digitais.

8 COMPORTAMENTO DAS CRIANÇAS AO SEREM APRESENTADOS AOS LIVROS DIGITAIS

Os livros digitais apresentados às crianças tratam-se do Piter a Caminho do Espaço e o Gatinho que não sabia miar. Ambos são livros digitais interativos que proporcionam à criança manuseio e movimento aos personagens, sendo possível adequarem as histórias para escutá-las, formarem grupos de leitores ou harmonizarem os personagens de acordo com as características aspiradas. São livros encontrados na rede de modo prático e acessível.

O “Pitter a Caminho do Espaço” é encontrado na rede gratuitamente em PDF, é o primeiro da coleção Janela Mágica e o aplicativo para ter acesso aos movimentos da história é baixado a partir do Play Store. Foi especialmente desenvolvido para incentivar o comportamento leitor em crianças na fase da pré-alfabetização ou iniciando a alfabetização, proporcionando uma leitura agradável e divertida, unindo literatura e tecnologia através dos livros digitais. Trata-se de um projeto independente, apoiado pela lei nº 8.313/91, lei Rouanet de incentivo a cultura e foi desenvolvido pela Vanessa Soares, Pedagoga e especialista em educação infantil e pelo Matheus Borges, Cientista da computação. Vejamos a seguir na figura 4 a página ilustrativa do livro “Pitter a Caminho do Espaço.”

Figura 4 – Livro digital “Piter a caminho do espaço” da página Janela Mágica



Fonte: janelamagica.com

A Tecteca é um aplicativo de assinatura de livros digitais infantis, que oferece conteúdo educativo e cultural, na qual surgiu a partir de muito estudo e ao evidenciar que faltava algo que unisse literatura ao mundo tecnológico em que as crianças estão imersas. Os livros são abertos quando disponibilizados pelos administradores da página, mas é possível ter acesso aos demais livros quando se realiza cadastro e adere-se a assinatura dos pacotes, proporcionando ao público infantil conteúdo educativo e cultural.

O livro digital “O gato que não sabia miar” apresentado na figura 5, experimentado pelas crianças da pesquisa é de autoria do Natinho Costa Fênix e ilustração do Gabriel Coutinho e é encontrado online na plataforma TecTeca.

Figura 5 – Livro digital “O gatinho que não sabia miar” da página Tecteca



Fonte: tecteca.com

O aplicativo proporciona um avatar onde é possível mudar os personagens, a cor e suas características, que tem por objetivo fazer a criança se sentir fazendo parte daquela comunidade do Tec Teca. No entanto são livros que possibilitam a abertura para interação e criação entre as crianças.

O entusiasmo à criação do aplicativo Tecteca surgiu ao conversarem com familiares, crianças e educadores para entender quais as suas maiores aflições no uso da tecnologia. É um aplicativo de assinatura de livros infantis com livros interativos, a criança brinca com os personagens e com o texto, mensalmente um livro inédito fica disponível, o livro da TecTeca promove conexões entre os leitores e estimula a troca de interpretações sobre o texto, o perfil da criança pode ser modificado e deixá-lo a seu gosto, assim como é possível adicionar colegas e acompanhar suas leituras.

A TecTeca foi idealizada e construída por Jéssica Furtado, Mestre em Design e Multimídia, o Eugênio Furtado, Especialista em Gamificação e Jogos e pela Cássia Furtado, Doutora em Plataforma Digitais. Por conseguinte iremos acompanhar a seguir que tipo de relação foi estabelecida entre as crianças com estrutura psicótica após serem apresentadas aos livros digitais “Piter a caminho do espaço” e “O gato que não sabia miar” da plataforma TecTeca.

8.1 A experiência de João com o livro digital

No momento em que apresentei o livro “Pitter a caminho do espaço” à João ele logo

separou duas páginas parem serem vistas, porém, quando a história foi ganhando movimento logo fui adicionando as outras páginas e observando que o interesse da criança era proporcional às páginas em movimento que estavam sendo mostradas, vez ou outro intercalava o seu olhar entre as páginas de papel e o celular, demonstrando que de certo modo despertava-lhe curiosidade.

Após a apresentação do livro digital a criança citou o nome do personagem principal que é o Pitter, disse ter dificuldades inicialmente em utilizar o celular e que gostou de ver o movimento dos personagens, mas que gosta de ler pelo computador e também no físico, ou seja, para ele tanto faz.

Falou que gostaria de ter livros desse formato na escola, por ser bom e que iria contribuir bastante, pois disse ter dificuldades em acompanhar por vezes o que é passado pelos professores em sala de aula. Gostou das cores, falou que são favoráveis, que o livro o despertou interesse e que gostaria de ler mais histórias como essa, falou que nunca criou uma história assim, mas que seria bom, disse que não saberia contar sobre esse livro para outra pessoa, mas que achou legal mexer no livro pelo celular e que tanto faz ele mexer ou que mexam para ele, mas em se tratando de leitura, prefere que leiam para ele.

Citou que os pais não costumam ler para ele, assim como os professores também não, mas que gostaria de ter livros desse modelo na escola quando aponta que: “o livro é bom, porque como a senhora botou no celular, no papel e no computador, igualzinho como no tablet, pode ajudar as crianças com deficiência, porque as professoras ou cuidadoras ao lerem, vão cansar, vão ter saliva na boca, vão querer beber água toda hora, aí as crianças com deficiência vão ficar com dificuldade, mas elas olhando vão ficar somente com dúvidas e só vão perguntar. Como tenho transtorno bipolar, eu entendi mais e perguntei algumas coisas para a senhora e a senhora me explicou.” (informação verbal¹⁹).

João atenta que não possui esse momento de leitura com a família e professores, mas pontua que se sentiu interessado pelo livro digital ao falar que achou bom, o indicaria para ser utilizado entre os alunos que possuem sofrimentos psíquicos, pois além de ser um livro de fácil manuseio é capaz de auxiliar o professor na ministração das aulas, vão reduzir o cansaço entre eles e permitir que os alunos fiquem a vontade para perguntar quando tiverem dúvidas.

Entretanto, o diálogo sobre a leitura com a criança abriu espaço para falar sobre a sua bipolaridade, o que nos faz refletir que estão atrelados ao sintoma como parte da sua existência, não estão separados dele, não podem ser outra coisa, vivem o diagnóstico como se fossem parte dele, o que nos faz pensar sobre quais os melhores caminhos e medidas a

¹⁹ Comentário do João ao tratar da sua experiência com os livros digitais.

percorrerem para atender essa demanda sem fechar as possibilidades de serem outra coisa na vida para além do diagnóstico.

Vejamos os problemas ocasionados em um paciente, retratados pela Psicanalista Meyer (2007, p. 7), quando trabalhou na clínica da psicose e recebeu um adolescente diagnosticado pelo sistema como esquizofrênico no início da sua puberdade:

Foi em torno dos 12, 13 anos que Vítor foi internado pela primeira vez, “porque estava muito agressivo e subiu no telhado, varando as telhas lá de cima” (sic). O Corpo de Bombeiros foi chamado e levou-o para o atual IMAS-Nise da Silveira, antigo Centro Psiquiátrico Pedro II, onde ficou internado no serviço que trata de crianças e adolescentes. Assim iniciou-se sua inserção psiquiátrica, que ocupou grande parte de sua vida. Depois dessa internação vieram muitas outras, que marcaram sua adolescência. Foi por essa ocasião que recebeu o diagnóstico de “esquizofrênico”, o que determinou para ele um destino diferente dos outros jovens. Esse fato foi decisivo, pois tal diagnóstico lhe foi transmitido, marcando-o de forma definitiva, como se ele não pudesse ser outra coisa. Esse acontecimento nos dá uma indicação de como pensar os caminhos a seguir no trabalho com o psicótico – tal conduta, ao invés de abrir portas, fechou-as.

Quando o sistema utiliza-se desse artefato de transmitir um diagnóstico ao sujeito consequentemente lhe dar uma marca, o introduz na posição de alguém que é o transtorno e não um ser com subjetividade e alguém além dessa classificação. A criança ao pontuar que teve apreço pelo livro digital nos mostra que apesar do sistema defini-lo como bipolar, e ele mesmo adotar ou fechá-lo a esse diagnóstico a ponto de ser introjetado na família e na sua existência, retrata que é alguém muito além desse sofrimento psíquico, que tem gostos peculiares, tem sonhos, tem opiniões e tem uma vida fora do sintoma na qual é classificado.

8.2 A experiência de Maria com o livro digital

Apresentei os livros digitais superficialmente no primeiro encontro à Maria e para minha surpresa a criança ao pegar o celular já foi direto ao aplicativo da página janela mágica e o apontou para a tela do computador, portanto, ao fazer esse movimento, logo em seguida solicitou que eu segurasse o celular e passasse as páginas para ela. A proporção que as páginas passavam e que ela tocava na tela para dar movimento aos personagens, mantinha uma atenção fixa que se intercalava com o olhar entre o livro na tela do computador e o celular.

Durante a leitura do livro da página Tecteca sussurrou ao meu ouvido convidando-me para ir ao comércio comprar sorvete, demonstrou afeto beijando-me nos braços e por dois segundos manteve-se catatônica com olhar perdido no ar durante a experiência com o livro.

Então após a leitura do livro fizemos um intervalo para irmos ao comércio comprar

sorvete, algo que já havia me solicitado ao chegar na casa e durante a leitura. Nesse recreio ela me ofereceu água, bolo, foi em busca de um laço para amarrar meu cabelo, me mostrou um filme no Youtube que gosta chamado “Ana Conda 4”, mostrou-me também a banda de forró que gosta chamada “Mala sem alça” e logo em seguida fez uma pausa para lancha colocando as suas pernas por cima das minhas.

A criança com sofrimento psíquico encontra modos de se comunicar com o próximo, de demonstrar afeto e falar sobre si. A partir da sua subjetividade iniciou uma comunicação comigo apresentando-me aspectos da sua vida, indagações, seus gostos na cozinha, na música e nos filmes, levou-me para adentrar o seu espaço proporcionando um elo advindo da transferência. O que advém ressaltar que a experiência literária da criança com a família, professores ou pesquisadores pode ser uma mola propulsora para o diálogo, aproximação e aprendizagem.

Foi possível com essa experiência conhecer gostos da criança que podem ser utilizados como novos recursos para aproximá-los da sala de aula, do âmbito social e da cultura, desmitificando a ideia de que pessoas com deficiência são incapazes de participar do âmbito cultural de modo efetivo.

A Psicanalista Jurusalinsky (2018) disse certa vez no debate denominado Detecção precoce de problemas psíquicos na infância “que se não tiver um outro que valorize o balbuciar da criança, essa produção cai”. O balbuciar nesse caso é o comportamento de afeto da criança transferido à pesquisadora, que precisa de certo modo ser valorizado enquanto produção de fala e expressão.

Após experimentar o livro digital a Maria continuou em seu espaço de fala ao pontuar considerações acerca do livro. Relatou que o pai e os professores costumam ler para ela, mas que a mãe não e que gostaria de ter livros como esse na escola porque gostou da estória. Disse que teve dificuldades em mexer, mas que gostou da história se movimentando quando ao relatar que: “achei os personagens legais, gostei das cores, gostaria de ler mais estórias como essa, assim como gostaria de criar estórias assim com o tema de coração, gostei de mexer nos livros, mas prefiro que mexam para mim.” (informação verbal²⁰)

8.3 A interação exercida entre a criança e o texto literário

A experiência permitiu observar que o movimento de interação da criança com o livro digital possibilitou abertura de elos entre a criança e o livro e entre a criança e o meio social

²⁰ Considerações da Maria durante a sua experiência com os livros digitais.

permitindo mencionar que a vivência com o livro foi um signo representativo para a abertura de pistas, possibilitando conhecer aspectos subjetivos relacionados à criança, como profissão, gostos musicais, filmes, paladar, pessoas que se identificam e suas indagações. Assim pontua Barros (2019, p. 22):

Os elos são laços humanos vitais, conectam os homens entre si, o homem consigo mesmo e à vida de maneira geral. Os elos na vida de uma criança contribuem para o desenvolvimento da noção de si próprio e da noção de coletividade, possibilitando sua formação como sujeito social e como sujeito cidadão.

Segundo Ferreira (2010, p. 55) ao tratar sobre a teoria de Vygotsky diz que “(...) a relação entre o sujeito e o mundo não é direta senão mediada por instrumentos e signos”. E vale a ressalva sobre outro aspecto importante, para o estabelecimento da interação que ocorra transferência da criança com a figura do professor, cuidador e até mesmo pesquisador, segundo Freud (1917, p. 585) destaca que o fenômeno “trata-se de uma transferência de sentimentos para a pessoa do médico”, mas que podem ser atribuídos a qualquer pessoa direta que esteja em trabalho com a criança, sentimentos esses já existentes e projetados de modo negativo ou positivo.

Ambas as crianças citaram terem dificuldades na aprendizagem o que na maioria das vezes estão relacionadas a fatores internos como aos sintomas do transtorno, alguma doença crônica ou a fatores externos referentes ao ambiente familiar, escolar ou social, assim pontua Brum e et al (2011, p.1):

Crianças e adolescentes com transtorno bipolar, muitas vezes, tendem a apresentar problemas de aprendizagem. As dificuldades podem ser ocasionadas pelos sintomas da doença, causadas por outras condições psiquiátricas coexistentes ou, ainda, estar relacionadas a fatores não atrelados à saúde mental.

Foi observado que apesar das dificuldades psíquicas ocasionadas pelo transtorno isso não resultou em empecilho para que utilizassem dos recursos tecnológicos e interagissem com o livro digital, processo esse feito pelas crianças passando as páginas, tocando nos personagens, observando o movimento, atentando para a estória e logo após fazendo pontuações acerca das suas impressões com o livro.

No primeiro momento tivemos resistência por parte do João ao ver muitas páginas para serem lidas, pois já havia comentado que não gostava muito de ir à escola por se tratar de um espaço cansativo, mas o seu ânimo foi despertado na proporção em que interagiu com o livro digital proporcionando-lhe movimento e som. Enquanto que a Maria foi demonstrando entusiasmo quando pegou o aparelho celular e logo o apontou para a tela do computador demonstrando de antemão curiosidade pelo livro.

Percebeu-se que o livro digital funcionou como ferramenta interativa entre a criança e

o meio, proporcionando um espaço de abertura e comunicação das crianças, na qual foi possível conhecer acerca da subjetividade de ambas as partes e até mesmo sobre os seus sonhos.

Ao conhecerem o livro Pitter a caminho do espaço verificaram que ele quer ser astronauta e ao serem perguntados sobre o que querem ser quando crescer, João respondeu que quer passar na Universidade e trabalhar como criador de brinquedos ou *chef* de cozinha, enquanto que a Maria disse desejar ser doutora. Verifica-se então seres desejanter e com sonhos pulsando entre o coração, como disse a Maria, que desejaria criar uma estória chamada coração.

O diálogo com a Maria proporcionou espaço para falarmos no parágrafo a seguir com os professores que a acompanham no percurso educacional, o que trouxe considerações sobre o modo que percebem e vivem a educação especial na escola.

8.4 O livro digital como mediador no diálogo entre criança e professor do modelo educacional inclusivo

Encontrei com a mãe da criança por volta das 10:30h para irmos buscar a Maria na escola, ela estuda na U.E.B que fica a uns 30min da sua casa, caso decida por fazer esse trajeto andando, a mãe disse que o faz todos os dias, inclusive pela manhã leva a filha na escola, ao retornar executa as atividades domésticas e depois vai buscar sua filha no horário da saída para depois ir ao trabalho a tarde. Quando a mãe vai ao trabalho a Maria fica com uma cuidadora até sua mãe retornar.

Na escola, ao apresentar o livro digital Tecteca à professora da Maria, era hora da saída, os pais aguardavam na portaria, a sirene tocava e os alunos saíam agitados correndo pelos corredores, a Maria estava nesse meio, entrou no embalo, saiu correndo até a portaria. A criança se misturava por entre os colegas, se sentia pertencente ao meio, na outra turma a secretária me apresenta uma criança com autismo, ele mostra-se alegre, brincando entre os colegas. Enquanto as crianças correm até a saída eu também me misturo entre eles até a sala da professora e sou recebida por um abraço de uma criança na porta da sala. O que mostra que há um cuidado e troca de afetos entre eles.

A professora inicia dizendo que tem muitas dificuldades no tratamento e ministração de aulas com as crianças de desenvolvimento atípico. Na verdade considera que é uma inclusão que acaba excluindo. Diz que a Maria requer cuidados especiais, um currículo especial voltado para ela, mas fica de mãos amarradas e às vezes recorre à professora de

educação especial, porque não sabe como trabalhar com ela. É muito difícil para mim, relata a professora de educação infantil. Comenta que no dia em que a criança vai à escola a sua atenção é voltada toda para ela, pois precisa deixar a porta fechada, porque se deixá-la aberta a criança sai. A Maria não sabe ler e nem escrever, então retrata que tem passado atividade voltada apenas para o nome, mas ela faz uma e depois se cansa, perde o interesse, reforça a fala de que não sabe como trabalhar diante disso, que fica totalmente paralisada frente a essa situação.

A professora da Maria descreve uma realidade encontrada nas instituições públicas de ensino, que estão a trabalhar com as crianças sem saber como atendê-las a partir das suas reais dificuldades, colocando os alunos em níveis igualitários de aprendizagem, tentando utilizar a mesma metodologia de certa forma passiva aplicada à uma criança sem transtornos para aquela acometida por problemas psíquicos.

Ferreiro (2013) retrata que “se a criança imita a mão de alguém ao escrever, ela está escrevendo. Aponta que as crianças passam a se expressar através dos desenhos, coisas grandes são palavras grandes e coisas pequenas são palavras pequenas.” A Maria talvez não saiba ler ou escrever aos moldes tradicionais, mas de que forma ela está fazendo isso? O desenho não será uma forma de expressão da sua escrita? Expressa sobre a questão Colello (1991, p. 214):

Ao desconsiderar a psicogênese da língua escrita, isto é, os problemas enfrentados pela criança e as soluções que ela admite em cada estágio de evolução, os educadores tratam o indivíduo como ser passivo, incapaz de construir o seu próprio conhecimento. A consequência disso se faz sentir na pretensão de controlar o processo de aprendizagem pela serialização de dificuldades (do “fácil para o difícil”), numa sequência artificial e estranha a criança. É justamente por não coincidir com as conceitualizações naturais desta que os métodos de alfabetização estão longe de intervir satisfatoriamente na evolução da aprendizagem infantil.

A professora é enfática ao mencionar que não existe uma preparação por parte dos professores e retrata que: “o projeto de inclusão na teoria é lindo, e não é só o professor que precisa está preparado, a escola toda, a escola não tem cuidadora, as vezes quando a criança quer ir ao banheiro, a professora precisa parar a aula para ir com ela, porque tem medo de que ela vá sozinha, pois já aconteceu dela ficar nua, mostrando as partes íntimas e os colegas tiveram que chamar a professora para ajudá-la a se vestir.” (informação verbal²¹)

Segundo Vegas (2008, p.3) “o psicótico vive aquilo que o sintoma neurótico apenas figura”. No psicótico não existe a barreira do superego criada pelo neurótico que o equilibra frente aos seus desejos inconscientes, ele faz a atuação do seu gozo sem possuir sentimentos de culpa.

²¹ Fala da professora ao tratar sobre os desafios dos professores no âmbito da educação inclusiva.

Então a professora retrata o quanto é difícil lecionar na educação inclusiva o que a leva a expressar que: “pedimos auxílio para o pessoal da limpeza, não só eu, mas os outros professores, na verdade a gente se vira nos 30. Em relação às atividades da Maria, eu só passo uma, pois se passar mais de uma ela não quer, encontro-me despreparada. Tem dias em que ela está tranquila e têm dias em que ela está agitada, a criança tem uma sexualidade bastante aguçada e às vezes quer beijar os colegas de sala.” (informação verbal²²)

Descreve que é um trabalho na qual não ver evolução, pois já passou várias vezes atividade solicitando que ela escreva o nome dela, e ela continua dizendo que não sabe, o que faz a professora relatar: “não sei como despertar o interesse nela. A escola tem que ter um currículo voltado para eles e não tem. Eu peço socorro para minha coordenadora. Meu Deus, ela não está sendo incluída de fato, quando eu a coloco no meio da turma, ela provoca os meninos querendo beijá-los, por isso a deixo próxima de mim, os meninos não entendem, então os meninos dizem, tia ela está com saliência, já chegou a comentar em sala de aula que vai colocar uma criança na minha barriga.” (informação verbal²³)

Ao mencionar que quer colocar um filho na barriga da professora, estará a criança indagando sobre a origem das crianças? Costa (2010, p. 26) ao tratar sobre o assunto relata que:

Freud concluiu que o primeiro grande problema para as crianças é a origem dos filhos, suscitado, geralmente, na ocasião do aparecimento de uma nova criança na família. Com essa temática instaura-se o primeiro conflito psíquico, decorrente da contradição entre as explicações que os adultos oferecem às crianças, como, por exemplo, de que os bebês são trazidos pela cegonha, e a percepção delas sobre a natureza sexual da concepção.

Então observa-se na educação infantil uma professora em apuros que ainda não sabe como envolver a criança na sala de aula, que precisa pensar na dinâmica a ser utilizada com essas crianças e entender a partir das suas particularidades como alcançá-las.

Ao apresentar o livro digital a Maria e ao João, mostraram-se crianças atentas e curiosas pelas próximas páginas, interagiram comigo e com os personagens e ao apresentar à professora, ela também achou interessante e dinâmico, disse que pode ser uma alternativa para a sala de aula, visto que as crianças especiais da escola não recebem o material didático.

O João pontuou que o livro é bom, porque: “foi visto pelo celular, no papel e no computador, igualzinho como no *tablet* e ajudaria as crianças com deficiência, porque as professoras ou cuidadoras ao lerem para os alunos vão cansar, vão ter saliva na boca, vão querer beber água toda hora, então as crianças com deficiência vão ficar com dificuldade, mas

²² Relato da professora ao questionar acerca da sua preparação na educação inclusiva.

²³ Relato da professora acerca das suas indagações sobre a inclusão na educação especial.

elas olhando vão ficar somente com dúvidas e só vão perguntar. Como tenho transtorno bipolar, entendi mais e somente perguntei algumas coisas e você me explicou.” (informação verbal²⁴)

A Maria falou que gostaria de ter livros desse formato na escola por ser bom e que iria contribuir bastante, pois disse ter dificuldades em acompanhar por vezes o que é passado pelos professores em sala de aula. Gostou das cores, falou que são favoráveis, que o livro o despertou interesse e que gostaria de ler mais histórias como essa, falou que nunca criou uma história assim, mas que seria bom, disse que não saberia contar sobre esse livro para outra pessoa, mas que achou legal mexer no livro pelo celular e que tanto faz ela mexa ou que mexam para ela, mas em se tratando de leitura, prefere que leiam para ela.

Ambas as crianças ao experimentarem o material disseram ter afinidade com o recurso e que gostariam de ter livros como esses em seu ambiente. Porém, enquanto que com crianças de desenvolvimento típico o livro aponta para a probabilidade de melhorar o vocabulário ou ensiná-la a ler, no contexto da psicose, ele é possível de adentrar com essa possibilidade, mas por outra perspectiva, haja vista que muitas crianças com transtornos estão a mercê do sintoma o que dificulta a aprendizagem propriamente dita, mas ele surge como mediador passível de estabelecer um elo de comunicação entre a criança e o pesquisador ou entre a criança e o educador. Assim colabora Kupfer (p. 28):

No entanto, até há bem pouco tempo, a educação das crianças psicóticas era uma tarefa que permanecia em suspenso, aguardando os benefícios de um tratamento analítico, que sabemos ser longo e difícil. Hoje, o panorama está mudando: sabe-se que um psicótico pode estar funcionando como deficiente, mas isto não o impede de construir ilhas de inteligência. Por outro lado, uma educação tradicional, que busque apenas a introdução da leitura e da escrita em seu valor puramente instrumental e adaptativo, não resolve o problema. Caso isto fosse suficiente, bastaria colocar as crianças psicóticas em escolas, e a reversão espontânea de seu quadro estaria garantida.

Diferente da clínica dos adultos que é possível utilizar-se da associação livre, com as crianças os recursos precisam ser ampliados para adentrar no espaço delas. Kupfer (1996, p.1) acerca da utilização dos objetos com criança:

[...] não há nada mais comum, entre os analistas de crianças de hoje, do que introduzir objetos mediadores na cena analítica. Na análise de uma criança, por exemplo, o uso de um fantoche, através do qual o analista lhe falava, permitia-lhe responder a ele, o que não acontecera até o momento dessa introdução [...]

Portanto o desenvolvimento atípico possui peculiaridades que demandam de outra ordem, cada qual participa do contexto social com sua subjetividade, para cada transtorno um detalhe que não participa da subjetividade do outro, existem diferentes autistas e psicóticos,

²⁴ Relato do João durante sua experiência com os livros digitais.

mas algo lhes é comum, é necessário articular com o meio que são além do sintoma.

As crianças trabalhadas no estudo conseguem estabelecer comunicação através da fala e com elas foi possível manter um elo e perceber a receptividade que os livros digitais proporcionavam, mas a clínica da psicose é bastante ampla, existem crianças que não conseguem se comunicar, outras são agitadas, com nível de desatenção ampla, enquanto outros possuem a sexualidade aguçada e assim vão se constituindo de acordo com a particularidade de cada sintoma. Por isso fala-se das dificuldades existentes de muitos profissionais ao atender essa demanda. Vejamos o que diz Kupfer (1996, p.6):

A criança que se apresenta a nós não é apenas um sujeito em meio a uma crise, é também uma pessoa correndo o risco de não crescer nunca mais. Não há como negar, portanto, que a psicose infantil nos coloca diante de dificuldades que não encontramos no tratamento das psicoses no adulto. Outra dificuldade no tratamento analítico da psicose infantil está no fato de muitas dessas crianças não falarem. Pode-se, por exemplo, deduzir que uma criança esteja alucinando, quando se abaixa para pegar no chão um pedacinho de alguma coisa que não estamos vendo, ou quando seu olhar se dirige apavorado para um canto da sala. Os psicanalistas estão habituados a perseguir significantes verbais e não comportamentos, embora isso não impossibilite o tratamento. Dificulta-o, porém.

A Kupfer (1995) aponta para uma proposta que envolve um modelo de pré-escola terapêutica em que a perspectiva propõe oferecer educação regular e tratamento integrado. Incluindo esse aluno ao contexto social, sendo uma saída para seu sintoma. KUPFER (1995, p. 13 e 14) esclarece que “não se pretende de modo algum analisar um aluno, e sim entender que, sem educação, não haverá tratamento, e vice-versa. Ambos são esforços que visam atingir, através de práticas diferentes, o mesmo alvo: o sujeito”.

Kupfer (2017) relata que o professor é referência no processo de prevenção das psicopatologias da infância, haja vista que ele é capaz de observar detalhes nas crianças na maioria das vezes negado ou não atentados pelos pais. Frequentar a escola vai muito além do ensino da escrita ou aprender a ler, é de outra ordem para uma criança psicótica, que está envolta pelas dificuldades apresentadas devido ao transtorno.

A escola participa na sua ressignificação enquanto pessoa, ensina por uma outra dimensão, a partir da troca de afeto entre as outras crianças que acabam aprendendo dimensões como o respeito, solidariedade e amizade. A Maria quando quer ir ao banheiro na escola na maioria das vezes é acompanhada pelas amigas de classe, pois já aconteceu dela ir sozinha e retornar nua, mostrando as partes íntimas nos corredores da escola, assim esclarece Jerusalinsky (1997, p. 14):

Isso demonstra a estranha virtude que têm os psicóticos de nos revelar as coisas como elas são, enquanto nós, neuróticos, somos mestres em disfarçá-las. É por isso que o psicótico pode andar nu pela rua e o neurótico, a não ser que seja uma candidata a atriz no festival de Cannes, não. Além disso, só o faz se sua "roupagem" for das boas,

ou seja, se tem o que oferecer ao olhar do outro.

O psicótico por não ter a inscrição da lei fica a deriva dos seus sintomas e assim por vezes agem no cotidiano, ficam nus, sem a introdução de limites que os coíbam de comportamentos que para os neuróticos são considerados uma afronta a moral.

A professora da Maria atenta que a criança ainda não consegue escrever o seu nome, existe de fato um significante que não foi escrito na sua história, que é o nome do pai, há um vazio, há uma falta de difícil nomeação pela criança. Como nomear o inominável? Mas no momento em que utilizei da história do livro para dizer que o Pitter queria ser astronauta e o que ela desejaria ser, logo me respondeu que desejaria ser doutora, ela tem uma identificação com os profissionais da área da saúde onde faz seu tratamento, assim como está conseguindo falar sobre si.

Desse modo MEYER (2007, p.6) aponta que na psicose o alcance a esse ser se dá por meio das pistas fornecidas pelo próprio indivíduo, então “a construção se deve partir dos possíveis caminhos indicados pelo próprio sujeito.

A escola é para criança um local de referência, pois ela se envolve e estabelece laços com outras crianças de diversas classes sociais, etnias, religiões ou estruturas, o que possibilita crescer a partir das diferenças em uma via de mão dupla, que vai muito além do crescimento intelectual, parte do crescimento do ser e essa introdução é terapêutica.

Desse modo “educar é transmitir marcas simbólicas que possibilitem ao pequeno sujeito usufruir um lugar de enunciação no campo da palavra e da linguagem, a partir do qual seja possível se lançar às empresas impossíveis do desejo” (LAJONQUIERE, 2006, P. 95), em suma “a educação é o meio pelo qual o sujeito se constitui e é por meio da educação que as marcas se produzem” (KUPPFER, 2017).

Ao educar não se está apenas informando, transmitindo cultura ou conhecimento através da experiência ou literatura, está para, além disso, constituindo o sujeito. E para educar é indispensável que haja transferência e contratransferência entre os envolvidos, pois é a partir dela que os laços se estreitam no âmbito educacional, fenômeno esse que surgiu durante o trabalho de pesquisa e será tratado na sessão a seguir.

8.5 O surgimento da transferência e contratransferência no trabalho de pesquisa

Adentrar o espaço familiar para dialogar sobre experiências subjetivas exige que o sujeito se predisponha a aceitar ou não o pesquisador no seu ambiente, o contato inicial é imprescindível para o estabelecimento do elo entre os envolvidos na pesquisa.

Freud (1915, p. 92) descreve que o amor de transferência “compõe-se inteiramente de repetições e cópias de reações anteriores, inclusive infantis”, contribui com a perspectiva Januário (2008, p. 1) ao falar que “a transferência não é um fenômeno específico do processo psicanalítico, ela opera ao longo da vida, influencia as relações humanas e está presente desde o início da análise”. A transferência pode ser vista sobre dois pontos de vista, a transferência positiva e a negativa, a primeira detém-se de sentimentos amigáveis e amorosos enquanto a segunda é carregada de erotismo ou sentimentos hostis para com o analista.

No período de descoberta da contratransferência por Freud alguns casos clássicos aconteceram, dentre eles temos a transferência e contratransferência existente entre Freud e o Fliess que foi a pessoa na qual manteve contato sobre suas ideias, logo em seguida a relação é rompida por conta de divergências teóricas. Tem-se o Médico e Psicanalista Carl Jung que não cedeu aos encantos da transferência erótica proporcionados pela paciente Sabrina Spielrein e por seguinte Freud avista-se com a contratransferência de Breuer à transferência erótica de Anna O.

Mas Freud (1915) no seu capítulo sobre as observações do amor transferencial deixa recomendações aos analistas acerca da transferência, atentando que o enamoramento da paciente é induzido pela situação analítica e não deve ser atribuído aos encantos da própria pessoa, que o tratamento deve ser levado na abstinência, o que poderíamos oferecer nunca mais seria que um substituto e que deve-se recusar-lhe qualquer retribuição, não negá-lo como insignificativo, mas vê-lo como fenômeno ou mola indispensável para o fluxo do tratamento.

Na experiência literária com as crianças foi proporcionado um momento de fala, sem interrupções de gestos ou afetos, a criança ficou livre para ir e vir, para brincar e decidir em qual momento desejaria parar ou continuar a leitura. Como aponta MEYER (2007, p. 9) ao tratar que “na construção de um projeto de tratamento para o psicótico, fica claro a importância de escutarmos os limites e as aberturas que o próprio sujeito vai indicando”. Contribui LACAN (1955-56, p. 235) ao citar que “vamos aparentemente nos contentar em passar por secretários do alienado [...]. Pois bem, não só nos passaremos por seus secretários, mas tomaremos ao pé da letra o que ele nos conta”.

A transferência corresponde a uma projeção de afetos destinada ao próximo, neste caso em estudo foi para a figura da pesquisadora. Correspondem a sentimentos primitivos e inconscientes que encontram espaço para a atuação quando estão envoltos de uma situação que permita reviver ou fazê-los sentir novamente as mesmas emoções já ocorridas no passado. Freud (1889, p. 281) se deparou com o fenômeno da transferência na clínica quando uma

paciente pensou em beijá-lo no consultório, assim relatou:

Numa de minhas pacientes, a origem de um sintoma histórico específico estava num desejo, que ela tivera muitos anos antes e relegara de imediato no inconsciente, de que o homem com quem conversava na ocasião ousasse tomar a iniciativa de lhe dar um beijo. Numa ocasião, ao fim de uma sessão, surgiu nela o desejo semelhante a meu respeito. Ela ficou horrorizada com isso, passou uma noite insone e, na sessão seguinte, embora não se recusasse a ser tratada, ficou inteiramente inutilizável para o trabalho.

Geralmente são de afetos vividos com figuras importante na vida do indivíduo ou de realizações de desejos que encontram-se no inconsciente, podem ser revividos através dos sonhos, do ato falho ou atuando com o terapeuta. De acordo com o dicionário Laplanche e Pontalis (2000, p. 520) a transferência é percebível:

quando o sujeito lhe conta determinado acontecimento do seu passado, lhe relata determinado sonho (t), do que quando se volta para o analista em uma atitude. Tal como a “atuação”, o dizer do paciente é um modo de relação que, por exemplo, pode ter por fim agradar ao analista, mantê-lo a distância, etc.; tal como o dizer, a atuação é uma forma de veicular uma comunicação (ato falho, por exemplo).

Foi em meio a esse contexto que as crianças ficaram livres para se expressarem. Aguardei um momento de abertura para apresentar o livro, enquanto isso a Maria mexia em meu computador, abriu o *paint*, começava a fazer desenhos abstratos em formato de linhas, em seguida fechou o programa e abria algumas fotos encontradas na área de trabalho do computador, em cada foto que abria na tela me questionava sobre quem eram as pessoas, a primeira, disse a ela que se tratava de um amigo que já havia falecido, senti muito pelo ocorrido, a segunda foto foi em uma palestra no Hospital Nina Rodrigues, atentou para o meu cabelo que na época encontrava-se grande e a terceira foi a do ex Presidente Lula beijando a sua nova namorada.

A proporção que a pesquisadora adentrava em sua história de vida a criança também adentrava no espaço da pesquisadora, o que logo me remeteu a tratarmos nesse momento sobre a transferência e contratransferência nesse encontro de descobertas.

Assim aponta Nasio (2001, p. 77) acerca da transferência infantil:

A descoberta da técnica do brincar e da existência da transferência com as crianças. Na verdade, Melanie Klein afirmava que a análise da criança obedecia aos mesmos princípios da do adulto. Se a criança não produzia associações verbais como o adulto, ela brincava, mexia-se ou se imobilizava: manifestava-se através de diferentes modos de expressão, que Klein considerava simbólicos. No consultório da analista, essas demonstrações representavam “um discurso” que lhe era dirigido e que atestava um fenômeno transferencial. A brincadeira era uma atividade simbólica, que podia ser tratada como o sonho do adulto.

Portanto Melanie Klein (1929) aponta em seus escritos advindos da experiência clínica a exemplo do caso Dick, uma criança psicótica, que todo o material apresentado pela criança são decorrentes da transferência estabelecida. No caso da Maria a transferência se manifesta

quando ela se expressa a partir dos seus movimentos simbólicos durante o trabalho da pesquisa de campo, quando me dirigia perguntas, quando se aproximava para amarrar meu cabelo, quando me convidava para irmos ao comércio comprarmos cremosinho, ao se interessar pelo livro, ou seja, ao permitir que eu ocupasse determinada posição em seu espaço particular.

Durante a leitura do livro a criança endereçou-me alguns afetos, dentre eles um beijo nos braços, que deixou-me paralisada e com algumas indagações. Estará a criança reproduzindo com a pesquisadora comportamentos vividos em seu cotidiano? O beijo significa um modo de dizer o quanto está gostando daquele momento de leitura? Ou a criança reproduz comportamentos pelo viés da imitação, haja vista que olhou a foto do ex-presidente Lula beijando sua namorada na área de trabalho do computador? São perguntas que decorrem da sua atuação que podem ser vistas como um ato transferencial de afetos, colocando-me em alguma posição de representatividade em seu ambiente.

A transferência deve ser encarada como mola propulsa ao trabalho quando realizados com crianças ou adultos e não deve ser atribuída aos encantos da própria pessoa, colabora Freud (1917, p. 586) que “em primeiro lugar, deixemos claro que a transferência surge no paciente desde o início do tratamento e que, por algum tempo, representa a mola propulsora do trabalho”. E o educador pode utilizar-se desse fenômeno a seu favor, para despertar na criança, caso ela tenha interesse, o provimento de pistas para fomentar a leitura, a sua descoberta enquanto pessoa ou aprendizagem.

A criança em meio à experiência literária disse-me que não gosta quando a mãe faz tranças em seu cabelo, pois diz não se achar mais criança para utilizar-se desses penteados e logo após a nossa leitura foi à procura de um laço para amarrar o meu cabelo. Fez esse movimento sem perguntar se eu desejaria amarrar o meu cabelo, assim como o fez de modo brusco e com forças nas mãos. Estará a criança atuando comigo o mesmo comportamento feito pela mãe ao amarrar ou fazer tranças em seu cabelo sem perguntar a filha se desejaria fazê-lo?

A Maria desde muito cedo passa por médicos e durante essa convivência é interrogada por muitos profissionais, que vai do Psiquiatra ao Educador e as suas vivências partem de interrogações que acabam se tornando as suas próprias dúvidas quando as direciona ao outro? Fez-me muitas perguntas que talvez partam de dúvidas tidas pela própria criança relacionadas à sua própria existência e não necessariamente dúvidas correspondentes à vida do pesquisador.

Já disse Freud (1917) que durante a transferência não deve ter motivos para se vangloriar por tais afetos, pois não dizem respeito a sua pessoa e sim a história de vida do

sujeito. Dentre as suas dúvidas quis saber se o meu pai ainda estava vivo, se eu tinha namorado, se ele era branco ou preto, se eu tinha filhos, se tinha irmãos, onde estava a minha mãe e se o meu pai me amava. Então por não poder responder pela criança talvez as dúvidas transferidas a minha pessoa, são dúvidas que existem dentro dela referentes a sua própria existência.

Passar por essa experiência de transferência ocasionou-me afetos adversos que dizem respeito a outro fenômeno tratado por Freud que é a contratransferência. A contratransferência é quando o movimento da experiência faz surgir no terapeuta determinadas emoções, o que nesse caso foi ocasionado pela cena da pesquisa, ao me serem endereçadas perguntas referente ao sentimento de amor do meu pai por mim. Portanto fui afetada pelas perguntas dirigidas, esse momento ocasionou-me sentimentos já descritos por Winnicott (1954-5, p. 376-7):

Não tenho como deixar de sentir-me diferente de quem eu era antes de essa análise começar. Para os não-analista será impossível conhecer a tremenda quantidade de ensinamentos que essa experiência com a paciente é capaz de proporcionar, mas entre analistas posso esperar pela compreensão integral de que essa experiência submeteu a psicanálise a um teste todo especial, e ensinou-me muitas e muitas coisas. O tratamento e o manejo desse caso colocaram em xeque tudo que tenho enquanto ser humano, psicanalista e pediatra. Fui obrigado a crescer enquanto pessoa no decorrer do tratamento, de um modo doloroso que eu teria tido prazer em evitar. Particularmente, foi-me necessário aprender a examinar a minha própria técnica toda vez que surgiam dificuldades, e em todas as cerca de doze fases de resistências ocorridas ficou claro em seguida que a causa originava-se de algum fenômeno de contratransferência, tomando necessária uma autoanálise adicional do analista.

A pesquisa te proporciona se conhecer a partir do outro, é sair diferente, é sentir o peso da sua presença e o peso das suas perguntas ao te devolverem seus questionamentos. Quem pergunta tem dúvidas sobre si ou sobre o outro? De quem na verdade é a dúvida? A minha dúvida foi devolvida e ecoou no coração. A história de coração que a Maria tem vontade de criar, teve um início. Dói no coração rememorar lembranças da falta de desejo na infância. Teu pai te ama? - Não sei Maria, ele faleceu, é um segredo que agora encontra-se enterrado. Por outro lado a pesquisa cartográfica te proporciona ao fazer a pesquisa, também estamos, nós pesquisadores, fazendo a nós mesmos. Somos mobilizados no modo como percebemos e pensamos (BARROS, 2009).

A contratransferência corresponde aos sentimentos surgidos na pesquisadora por conta da transferência de afetos que me foram direcionados durante o campo de estudo. No vocabulário de Psicanálise Laplanche e Pontalis (2000, p. 101) é dito que a contratransferência:

Do ponto de vista da delimitação do conceito, encontram-se largas variações pois certos autores entendem por contratransferência tudo o que, da personalidade do

analista, pode intervir no tratamento, e outros limitam a contratransferência aos processos inconscientes que a transferência do analisando provoca no analista.

O manuseio da contratransferência é elaborado a partir da análise pessoal, pois os sentimentos causados pela transferência do outro fazem parte de conteúdos inconscientes que precisam ser trabalhados pela pesquisadora em sua análise. Na Psicanálise a formação do analista dar-se por um tripé que envolve análise pessoal, estudo teórico e supervisão, por isso a importância de ser analisado para analisar aquele que encontra-se em sofrimento psíquico.

Ao fazer os questionamentos acima sobre de quem pertence à dúvida, manifestei sentimentos que me levaram a sonhar nessa noite. No sonho encontrava-me em uma entrevista de emprego, o que me fez confirmar as considerações de Freud sobre a postura do analista frente à transferência. Que a pesquisa deve ser encarada com abstinência, atenção flutuante e como um trabalho.

9 CONCLUSÃO

Falar sobre o fomento de recursos que eliminam barreiras de desigualdades no contexto educacional consiste em compreender de que forma os recursos da leitura digital podem contribuir ao desenvolvimento das crianças acometidas por psicose. Pensa-se como proposta a redução das desigualdades no âmbito escolar, utilizando-se como contributos os instrumentos tecnológicos, haja vista que se trata de ferramentas lúdicas compostas por personagens que possibilitam movimento, animação, interação com o leitor e que, por sua vez, são capazes de estimular as capacidades superiores, como atenção, emoção, memória, interação ou criatividade.

O devido trabalho apresentou contribuições relevantes ao panorama da psicose infantil, perpassando pela Reforma Psiquiátrica, que emergiu a partir de lutas e resistências, até a contemporaneidade, época cercada por leis e políticas públicas que amparam o sujeito que sofre de transtornos mentais, possibilitando-os ter acesso à saúde, educação, direitos e deveres na sociedade, haja vista que o conceito de saúde mudou, não visto mais apenas como ausência de doença, mas tratando-se de um cenário cercado de contributos que forneçam bem-estar a sociedade. Compete aos estudiosos interessados na área pensar soluções e alternativas diante das dificuldades e até mesmo limitações encontradas no decorrer da história de vida do sujeito, o que remete novamente ao livro digital como instrumento capaz de reduzir as desigualdades de aprendizagem no contexto escolar infantil, colabora Vasques (2009, p. 17):

a discussão da Psicose Infantil no âmbito da educação é fundamental. A inserção escolar poderia contribuir para o aumento das possibilidades de circulação social desses sujeitos e, de certa forma, diminuir as listas de internação e invalidez social.

Partindo da perspectiva de que as tecnologias estão cada vez mais inseridas na vida das pessoas e inundam o seu cotidiano, hoje é difícil imaginar uma sociedade sem esses tantos aparelhos contendo informações, recursos e funcionalidades como *notebooks*, celulares, *smartphones*, *tablets*, entre outros, objetos comumente encontrados nas salas de aula das escolas e universidades. (PEREIRA *et al.*, [201?]).

Ao longo do que foi exposto no decorrer do trabalho, observou-se os benefícios da leitura no contexto da psicose infantil, pontuados pelas crianças que experimentaram o livro digital. A Maria pontuou que achou os personagens legais, gostou das cores, gostaria de ler mais histórias como essa, assim como gostaria de criar histórias com o tema de coração, gostou de mexer nos livros, mas prefere que mexam para ela e que gostaria de ter livros como esse na escola porque gostou da história. Enquanto que o João apontou que isso reduziria o

cansaço na hora da leitura, que as crianças leriam o material e caso tivessem dúvidas perguntariam ao professor, que esse exemplar iria auxiliar bastante as crianças especiais, assim como gostaria de ter livros desse modelo no seu contexto.

É observado no decorrer do estudo as dificuldades encontradas pelos professores do ensino infantil em atender essa demanda, a professora se sente despreparada para ensinar esse público, pois ainda está atrelada aos antigos paradigmas de ensino em que o professor é ativo e o aluno passivo.

É assertiva quando pontua que as crianças especiais necessitam de um currículo apropriado, mas também é viável pontuar que os profissionais e as instituições educadoras necessitam se qualificar para receberem esse público cada vez mais presente nas instituições públicas.

Não é a criança que precisa adaptar-se a escola é a escola que precisa adaptar-se a esse novo aluno que chega. Utilizar-se da pesquisa cartográfica foi de grande contribuição haja vista que o fenômeno da surpresa é uma via de mão dupla, pois chegar sem avisar proporcionou-me certo frio na barriga, é surpreendido quem te recebe e quem chega despreziosamente, ambos se espantam. É um ato que foge do convencional, foge do preparo, do improvisado, da casa arrumada é o espanto com o desarrumado, um encontro com o real, com os detalhes que são escondidos ao avisar que se está chegando.

O Livro digital atravessou nosso universo como uma mola propulsora para o diálogo, aproximação e aprendizagem, pois foi possível adentrar o espaço familiar, conhecer gostos da criança que podem ser utilizados como novos recursos para aproximá-los da sala de aula, do âmbito social e da cultura, desmitificando a ideia de que pessoas com deficiência são incapazes de participar do contexto cultural de modo efetivo. “A alfabetização não pode ser reduzida ao ensino da palavra, das sílabas ou das letras” (BARROS,2009), é preciso ser entendida “como um ato político e um ato de conhecimento, por isso mesmo, como um ato criador” (FREIRE, 1982).

O João e a Maria durante a vivência mostraram seus gostos musicais, a comida que apreciam, os filmes que estão assistindo, a profissão que querem seguir e os livros que gostam de ler. O que contribui para a prerrogativa de que o livro apresenta-se como um mediador para o envolvimento entre criança, professor e família. Proporcionou perceber que o livro interage como mediador, adentra no espaço como meio e não como fim.

Considera Martins (1994, p.31) quando retratam que a leitura “[...] é um espaço de interação consigo e com os outros cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos”.

Durante o trabalho fui afetada pela contratransferência, onde levei para a análise pessoal as resistências surgidas por conta de perguntas que envolviam aspectos familiares. A transferência por parte das crianças foi de fundamental importância para o progresso da pesquisa, pois sem esse fenômeno encarado como positivo não seria possível adentrar o universo particular delas.

No entanto, a partir da sua singularidade, a criança com desenvolvimento atípico encontra-se na sociedade para ensinar sentimentos primitivos de amor, inclusão, aceitação, solidariedade, respeito ao próximo, novos modos de comunicação e de que é possível conviver e desmistificar as crenças, paradigmas de normalidade estabelecidos pela sociedade, e que existe um ser humano em sofrimento, para além da patologização na qual os querem incluí-los.

Desse modo para a pesquisa em questão o livro digital mostrou-se como instrumento eficaz, a relação estabelecida entre o livro digital e a criança com estrutura psicótica apresentou-se como mediador, um instrumento que fomentou o diálogo entre pesquisadora, família e aluno. Deixando, portanto a ressalva de que os transtornos psíquicos são diversos e os sujeitos acometidos são subjetivos, o que admite na pesquisa abertura para novas experiências.

REFERÊNCIAS

- _____. Ministério da Saúde. Saúde mental no SUS: os centros de atenção psicossocial. Disponível em: <http://www.ccs.saude.gov.br/saude_mental/pdf/sm_sus.pdf>. Brasília: 2004. Acesso em: 5 de jul. de 2019.
- _____. RESOLUÇÃO CFP Nº 018/2000 DE 20 DE DEZEMBRO DE 2000. Disponível em: <<http://www.crprs.org.br/upload/legislacao/legislacao15.pdf>>. Acesso em: 15 de jul. de 2019.
- _____. CONSELHO ESTADUAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Disponível em: <[estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-versao-2019.pdf \(www.gov.br\)](http://www.gov.br/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-versao-2019.pdf)>. Acesso em: 18 de jul. de 2019.
- ABDON, Glaucy. **A dinâmica familiar**. Disponível em <<https://www.fasdapsicanalise.com.br/a-dinamica-familiar/>>. Acesso em: 10 de jul. de 2019.
- ALBUQUERQUE, Judith. **Declínio da autoridade: do nome-do-pai ao sintoma**. Revista do Tribunal Regional do Trabalho 3ª Reg, 2006. Belo Horizonte MG. Disponível em: <http://www.trt3.jus.br/escola/download/revista/rev_73/Judith_Albuquerque.pdf>. Acesso em: 10 de jul. de 2019.
- AMARAL, João J. F. **Como fazer uma pesquisa bibliográfica**. Disponível em: <<file:///C:/Users/Anne%20R.%20Mendes%20Gomes/Desktop/PESQUISA%20BIBLIOGRAFICA/Como%20fazer%20pesquisa%20bibliografica.pdf>> Acesso em: 5 de jul. de 2019.
- ARAÚJO, Márcia. O uso das tecnologias digitais de informação e comunicação para o desenvolvimento das competências de leitura, comunicação e produção da **comunidade escolar da rede pública da educação básica do Maranhão**. Disponível em: <www.revispsi.uerj.br>. Acesso em: 8 de jul. de 2019.
- ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro**. São Paulo: Geração Editorial, 2013.
- BARROS, Laura Pozzana de. **Leituras em Elos : o prazer em ler com crianças e adolescentes**. Ed. PUC-Rio: Instituto C&A : CIESPI, 2009.
- BALDWIN, Alfred L. **Teorias de desenvolvimento da criança**. Biblioteca pioneira de ciências sociais. São Paulo, Pioneira: 1973.
- BOTTENTUIT, João Batista; CARVALHO, Ernane; COSTA, Telma. **Educação básica e o uso das tecnologias digitais: percepções e perspectivas**. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeducare/article/view/13520>> Acesso em: 18 de jul. de 2019.
- BRASIL. **Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS/WHO) - 1946**. Disponível em <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-Organiza%C3%A7%C3%A3o-Mundial-da-Sa%C3%BAde/constituicao-da-organizacao-mundial-da-saude-omswho.html>>. Acesso em: 10 de jul. de 2019.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1988.
- BRASIL. **Decreto Nº 6.571, de 17 de setembro de 2008**. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/sites/_portalebc2014/files/atoms/files/decreto_n_6.571_de_17>

_de_setembro_de_2008.pdf>. Acesso em: 9 de ago. de 2019.

BRASIL. **Lei Nº 10.216, de 6 de abril de 2001.** Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110216.htm>. Acesso em: 15 de out. de 2021.

BRUML, Lanúzia Almeida; ZENILL, Cristian Patrick e TRAMONTINALLL, Silzá.

Aprendizagem e transtorno bipolar: reflexões psicopedagógicas. Rev. psicopedag. vol. 28 no.86 São Paulo 2011. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862011000200010>. Acesso em: 10 de ago. de 2019.

CAUDURU, Lenice. **Mídia e Educação: novos olhares para a aprendizagem sem fronteiras.** Pesquisa em mídia-educação no contexto escolar: do cruzamento de olhares o encontro de pistas. Raul Inácio Busarello, Patricia Bieging e Vania Ribas Ulbricht, organizadores. - São Paulo: Pimenta Cultural, 2013.

CELANI, Patricia Gomes e LAUREANO, Marcella.

Da foraclusão do nome-do-pai: a leitura lacaniana de Schreber. Universitas: Ciências da Saúde, Brasília, v. 8, n. 1, p. 79-109, 2010. Disponível em

<<https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/cienciasaude/article/view/1065>>. Acesso em: 10 de ago. de 2019.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Tradução de Viviane Ribeiro. - Bauru: EDUSC, 1999.

CALABRI, Suely. **Esquizofrenia: doença mental e seu processo no ensino e aprendizagem.** Publicado em 11 de September de 2010. Disponível em:

<<https://www.webartigos.com/artigos/esquizofrenia-doenca-mental-e-seu-processo-no-ensino-aprendizagem/46945>>. Acesso em: 02 de ago. de 2019.

CARTONI, Daniela Maria. **Anuário da produção acadêmica docente.** Anhanguera educacional S. A, 2009. Disponível em: <<https://www.docsity.com/pt/metodologia-2422/4767790/>>. Acesso em: 02 ago. de 2019.

CERETTA, Simone Beatriz e FROEMMING, Lurdes Marlene. **Geração Z: compreendendo os hábitos de consumo da geração emergente.** Disponível em:

<<http://www.spell.org.br/documentos/ver/1395>>. Acesso em: 10 de ago. de 2019.

COLELLO, Silvia de M. **Resenha: reflexões sobre a alfabetização, de Emílio Ferreira - São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1985.** Fac. Educ, São Paulo. Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/33473/36211>>. Acesso em: 3 de ago. de 2019.

COSCARELLI, C. V. **Leitura numa sociedade informatizada.** In: Mendes, Eliana Amarante M, Oliveira, Paulo M, Benn-Ibler, Veronika (Org.). Revisitações. Belo Horizonte: UFMG, 1999, p. 83-92. Disponível em:

<<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:kGEssdxsvagJ:ticspiox.blogspot.com/+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 2 ago. 2019.

COSTA, Débora Vargas Ferreira. COUTO, Marcos Paulo Ladeira e LILIAN, Bonsanto. **O conflito de gerações e o impacto no ambiente de trabalho.** IX Congresso nacional de excelência em gestão. 20, 21, e 22 de Junho de 2013. Disponível em:

<http://estacio.webaula.com.br/BiBlioTECA/Acervo/Basico/UN5460/Biblioteca_560073/Biblioteca_560073.pdf>. Acesso em: 20 de ago. de 2019.

COSTA, Teresinha. **Édipo.** Psicanálise passo a passo. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

- DANTAS, Larissa Rabelo. **Conceituação e tipificação da violência contra crianças e adolescentes**. Perícia psicológica de crianças e adolescentes vítimas de violência no Estado do Maranhão. Organizador: Richardson Gomes. Rio de Janeiro: Multifoco, 2017.
- DOR, Joel. **Estruturas e Clínicas Psicanalítica**. Belo Horizonte: Taurus. 1994.
- EMIDIO, Thassia Souza e HASHIMOTO, Francisco. **Reflexões sobre a função paterna e suas configurações no mundo contemporâneo**. Anais V CIPSI - Congresso Internacional de Psicologia. Disponível em: <www.eventos.uem.br>. Acesso em: 7 de set. de 2019.
- LACAN, Jacques. Seminário 5. **As formações do inconsciente**. Versão brasileira de Betty Milan. Texto estabelecida por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1957-58.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Introduction à l'oeuvre de Mareei Mauss**. In: MAUSS, Mareei, *Sociologie et Anthropologie*. Paris: PUF, 1950.
- FERREIRO, Emilia. **Importância da criança escrever conforme suas ideias**. 3 de Julde 2013. (00:08 min). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=y49tH8FWGT4>>. Acesso em: 11 de set. de 2019.
- FETT, Ana Maria Munhoz; Nébias, Cleide Marly. **As mediações tecnológicas no desenvolvimento das funções psicológicas superiores**. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br>>. Acesso em: 10 de set. de 2019.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1982.
- FREUD, Anna. **Infância normal e patológica**. Editora: Zahar, 1965.
- FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos**. Obras completas volume 18. Tradução: Paulo César de Souza. Companhia das Letras: (1930-1936).
- FREUD, Sigmund. **Textos Pré-Psicanalíticos**. Obras completas volume 1. Tradução: Paulo César de Souza. Companhia das letras: (1886-1899).
- FREUD, Sigmund. **Conferências introdutórias a Psicanálise**. Obras completas volume 13. Tradução: Paulo César de Souza. Companhia das letras: (1915-1917).
- FURTADO, Cassia Cordeiro ; Oliveira, Lidia. **BIBLON: plataforma a leitura literária para criança**. InCID: R. Ci. Inf. e Doc., Ribeirão Preto, v. 2, n. 1, jan./jun. p. 68-85 , 2011. Disponível em: <http://www.brapi.inf.br/_repositorio/2011/08/pdf_b985266168_0018248.pdf>. Acesso em: 4 de set. de 2019.
- FURTADO, Cássia Cordeiro. **Experiências da rede social literária on-line com crianças da língua portuguesa: Biblon** Disponível em: <<https://anaiscbd.emnuvens.com.br/anais/article/view/1340/1341>>. Acesso em: 2 dez. de 2019.
- FURTADO, Cassia Cordeiro. **O uso das tecnologias digitais de informação e comunicação para o desenvolvimento das competências de leitura, comunicação e produção da comunidade escolar da rede pública da educação básica do Maranhão**. Edital Fapema nº 031/2016 – Universal: 2017.
- HARPER et al. **Cuidado, Escola!: desigualdade, domesticação e algumas saídas**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

JANUÁRIO, Livia Milhomem. **A transferência na clínica psicanalítica com crianças em sofrimento psíquico grave.** UNDB. Programa de Pós-graduação em psicologia clínica e cultural. Disponível em

<https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1474/1/2008_LiviaMilhomemJanuario.pdf>.

Acesso em: 10 de set. de 2019.

JERUSALINSKY, Alfredo. **A escolarização de crianças psicóticas.** Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71281997000200008>.

Acesso em: 5 de Out. de 2019.

JERUSALINSKY, Julieta. **Centro de Estudos Psicanalíticos - Debate: Detecção precoce na infância.** 18 de mai de 2018. (2h 25 min). Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/centrodeestudospsicanaliticos>>.

Acesso em: 11 de out. de 2019.

KLEIN, M. **Os grandes casos de Psicose - um caso de M. Klein: Dick ou o sadismo.** Ed.

Zarah, 2000. Disponível em: <www.sbpma.org>. Acesso em: 9 de out. de 2019.

KROEFF, Paulo. **A pessoa com deficiência e o sistema familiar.** X congresso Brasileiro de terapia familiar, da ABRATEF. Curitiba - PR, Julho de 2012. Disponível em

<<http://www.abratef.org.br/backup-2012/anaiscongresso2012/>>. Acesso em: 2 de out. de 2019.

KUPFER, M. Cristina. **A presença da psicanálise nos dispositivos institucionais de tratamento da psicose.** Estilos clin. vol.1 no.1 São Paulo 1996. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71281996000100003>.

Acesso em: 8 de nov. de 2019.

KUPFER, M. Cristina. **Notas sobre o diagnóstico diferencial da Psicose e do autismo na infância.** Disponível em: <revistas.usp.br>. Acesso em 6 de out. de 2019.

KUPFER, Maria Cristina. **Fala sobre autismo, educação inclusiva e psicopatologias da primeira infância.** 31 de ago de 2017. (00:27 min). Disponível em:

<<https://www.facebook.com/saberincluir.com.br/videos/145928529343164/>>. Acesso em: 11

de out. de 2019.

LACAN, Jacques. O seminário 1, **Os escritos técnicos de Freud.** Versão brasileira de Betty Milan. Texto estabelecida por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1954.

LACAN, Jacques. **O Seminário 3, As psicoses.** Versão brasileira de Betty Milan. Texto estabelecida por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1956.

LACET, Cristine. **Da forclusão do nome-do-pai à forclusão generalizada: considerações sobre a teoria das psicoses em Lacan.** Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642004000100023&script=sci_abstract&tlng=pt)

[65642004000100023&script=sci_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642004000100023&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 8 de nov. de 2019.

LADEIRA, Lilian; COSTA, Débora e COSTA, Marcos. **Gerações x e y e o impacto no ambiente de trabalho.** Estação Científica - Juiz de Fora, nº 11, janeiro – junho / 2014.

Disponível em: <<https://portal.estacio.br/media/4449/artigo-04-1%C3%ADlian-bonsanto-c-n-ladeira-d%C3%A9bora-vargas-ferreira-costa-e-marcos-paulo-do-couto-costa.pdf>>. Acesso

em: 7 de nov. de 2019.

LAJONQUIÈRE, Leandro. **A infância, a escola e os adultos.** In: Anais do 5º Colóquio do

LEPSI IP/FE-USP. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032006000100003&lng=es&nrm=iso.

Acesso em: 27 nov. 2019.

LEITE, Zinole Helena. **Inclusão escolar de alunos com deficiência mental no ensino fundamental: entre o possível e o desejável**. UFMA: 2006, Mestrado em Educação.

Disponível em:

<<http://tedebc.ufma.br:8080/jspui/bitstream/tede/122/1/Zinole%20Leite.pdf>>. Acesso em: 5 de nov. de 2019.

LEVIN, Esteban. **A função do filho: espelhos e labirintos da infância**. Petrópolis: Vozes, 2001.

LIBERALESSO, Paulo. **Desenvolvimento típico e atípico da fala com crianças com TEA**. Rio de Janeiro: 200?. Disponível:<<https://www.institutopriorit.com.br/desenvolvimento-tipico-e-atipico-da-fala-em-criancas-com-tea-parte-1/>>

>. Acesso em: 15 out. de 2021.

MANNONI, Maud. **A criança atrasada e a mãe**. Editora: Moraes, 1981.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MEYER, Gabriela Rinaldi. **A clínica da psicose no campo da saúde mental: transferência e desejo do analista**. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, X, 2, 319-331. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142007000200319>. Acesso em: 09 de nov. de 2019.

MINETTO, Maria de Fátima. *et al.* **Práticas educativas e estresse parental de pais de crianças pequenas com desenvolvimento típico e atípico**. *Educ. rev.* [online]. 2012, n.43, pp.117-132. ISSN 0104-4060. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/er/n43/n43a09.pdf>>. Acesso em: 10 nov. de 2019.

MISHNE, Judith Marks . **A curva da aprendizagem: elevando a competência acadêmica e social**. Porto Alegre, Artmed: 1999.

MANTOAN, M.T.E. (org). **Caminhos pedagógicos da inclusão: como estamos implementando a educação (de qualidade) para todos nas escolas brasileira**. São Paulo: Memmon, 2011. Disponível em:

<http://www.lite.fe.unicamp.br/papet/2003/ep403/caminhos_pedagogicos_da_inclusao.htm>. Acesso em: 10 de out. de 2019.

MORAES, Cesar de; SILVA, Fábio Mello e ANDRADE, Énio de Rocha. **Diagnóstico e tratamento de transtorno bipolar e TDAH na infância: desafios na prática clínica**.

Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852007000500005>. Acesso em: 10 de nov. de 2019.

NASIO, J.D. **Os grandes casos de psicose**. Ed. Zarah, 2000. Disponível em:

<www.sbpma.org>. Acesso em: 9 de out. de 2019.

NOVAIS, Raquel Carvalho. **Baby Boomers na terceira idade, uma oportunidade de mercado: um estudo da indústria de cosméticos natura**. XXVIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - Uerj. Rio de Janeiro. 5 a 9 de Setembro de 2005. Disponível em:

<<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/72690764029806787269335045098670594074.pdf>>. Acesso em: 12 de nov. de 2019.

OLIVEIRA, Ildeu Baptista. **Ensaio sobre o Real, o Simbólico e o Imaginário**. Dezembro, 2010. Disponível em: <<http://sobramesmg.org.br/novo/ensaio>>. Acesso em: 7 de ago. de 2019

PAN, Maria Claudia de Oliveira; VILARINHO, Lúcia Regina Goulart. **LEITURA EM**

SUPORTES VIRTUAIS: novo desafio na formação de professores. Revista Ibero americana de Educación, n. 45/6, Abr. 2008.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia e ESCÓSSIA, Liliana. **PISTAS DOMÉTODO DA CARTOGRAFIA Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Editora: Sulina, 2009. Disponível em <<https://www.editorasulina.com.br/img/sumarios/473.pdf>>. Acesso em: 10 de nov. de 2019.

PAULINO, Suzana Ferreira. **LIVRO TRADICIONAL X LIVRO ELETRÔNICO: a revolução do livro ou uma reputação definitiva?** Hipertextus revista digital, n. 3, jun. 2009.

PEREIRA, L. R. et al. **O uso da tecnologia na educação, priorizando a tecnologia móvel.** [S.l]: [S.n.], [201?]. Disponível em: <http://www.senept.cefetmg.br/galerias/Anais_2012/GT02/GT02-014.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2019.

PERISSÉ, Gabriel. **O leitor criativo: a busca da leitura eficaz.** São Paulo: Ômega Editora, 2004.

PONTES, Martins. **Vocabulário da Psicanálise Laplanche e Pontalis.** São Paulo: 2000. Disponível em: <https://www.academia.edu/24575918/Vocabul%C3%A1rio_da_Psican%C3%A1lise_Laplanche_e_Pontalis>. Acesso em: 10 de nov. de 2019.

RAMAL, A. C. **Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

RAPOSO, Hamilton. **O Hospital Nina Rodrigues é a história da psiquiatria maranhense.** Disponível em: <www.polbr.med.br>. Acesso em: 15 de ago. de 2019.

REIS, Edilson Thialison da Silva. **Usuário infantil e ebook: um olhar para o PortalBiblon.** 2016. 123 f. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2016. Disponível em: <<https://tede2.ufma.br/jspui/handle/tede/644>>. Acessado em 10. Jan. 2021.

ROGERS, Yvonne; SHARP, Helen; PREECE, Jennifer. **Design de interação: além da interação humano-computador;** Tradução: Isabela Gasparini; Revisão técnica: Marcelo Soares Pimenta. 3. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Bookman, 2013.

RÊGO, Rafisa Moscoso. **Sou homem ou sou mulher?: sobre a sexualização na psicose.** Disponível em: <<http://teopsic.psicologia.ufrj.br/teses-e-dissertacoes/375>>. Acesso em: 22 de ago. de 2019.

SANTOS, Daniella Carvalho. **Mídias Dinâmicas em Book Apps Infantis: a experiência do usuário infantil enquanto a prática da leitura.** Disponível em: <<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:xIFIdiC7g3UJ:https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/1665+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 5 de jul. de 2019.

SILVA, Malileze Geralda. **Crianças diagnosticadas com TDAH: expectativas e acompanhamento dos pais.** São Luís: EDUFMA, 2009. Disponível em <<http://www.edufma.ufma.br/index.php/produto/criancas-diagnosticadas-com-tdah-expectativas-e-acompanhamento-dos-pais/>>. Acesso em: 6 de out. de 2019.

SIMÃO, Dalva Yara. **A construção do corpo e seus destinos.** Disponível em: <http://www.psiquiatriageral.com.br/psicoterapia/corpo_destinos.htm>. Acesso em: 10 de set. de 2019.

VANOLI, Enriqueta Nin; BERNARDINO, Leda Fischer. **Psicose infantil: uma reflexão sobre a relevância da intervenção psicanalítica**. Disponível em:

<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v13n25/a15v1325.pdf>>. Acesso em: 10 ago. de 2019.

VASQUES, Carla K. **Branco sobre o branco: psicanálise, educação especial e inclusão escolar**. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/167/97>>. Acesso em: 5 de ago. de 2019.

VERAS, Ana Cristina de. **Design e Psicologia: aplicando conceitos de Psicologia em Design**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Design, 2008.

Disponível em:

<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/3071/1/arquivo2177_1.pdf> . Acesso em: 08. fev. 2021.

VEGAS, Márcio e AGUIAR, Fernando. **A noção Freudiana de construção**.

Disponível em

<http://www.psicanaliseefilosofia.com.br/adverbum/Vol3_2/03_2_3freud_construcao.pdf>.

Acesso em: 5 de out. de 2019.

WINNICOTT, D.W. **A criança e o seu mundo**. 4 ed. Editora: Zahar, 1957.

APÊNDICES

APÊNDICE A - DIÁRIO DE CAMPO REFERENTE AO ENCONTRO COM A MÃE DO JOÃO EM 12 DE JULHO DE 2019

O João é da cidade de Bacabal e para conhecer o espaço e a escola em que compartilha seus dias, decidi por viajar até sua cidade, são quatro horas de viagem. Estava de malas prontas, reservei hotel, comprei a passagem e tentei me deslocar até sua cidade sem avisar que estava a caminho. Queria conhecer o processo, muito mais que a casa arrumada, um encontro com o real proporcionado pela pesquisa cartográfica, estou aberta para as surpresas e de fato fui surpreendida quando chego na cidade de Miranda. O ônibus parou para o motorista descansar e os passageiros irem ao banheiro ou fazerem um lanche. Então sentei no banco e encaminhei mensagem para a mãe da criança perguntando como estavam e ela me responde: - não estamos muito bem, o João entrou em crise e tive que retornar à São Luís em caráter de urgência para agendar nova consulta. Então fui surpreendida pela frustração de não conseguir ir até o destino esperado e pela dúvida que me assolava. Continuo o percurso até Bacabal e durmo na cidade, haja vista que já havia reservado o hotel ou aproveitei que o ônibus Bacabal – São Luís encontra-se a posto e retorno para a capital? Tinha exatamente cinco minutos para decidir e foram os cinco minutos mais difíceis que já vivi. Foi nesse momento que percebi que os instantes, os segundos e os milésimos fazem a diferença, mudam a trajetória, o percurso. Enquanto isso tenho quase certeza que deixo minha mãe em apuros ligando para o hotel de Bacabal na perspectiva de notícias e querendo saber se já havia chegado na cidade. Então decidi por voltar à São Luís, dormir no aconchego de casa, porém, fiquei pensando no caminho o quanto paguei a passagem para viver a experiência do percurso, do trajeto, dos ossos do ofício e das pistas São Luís – Bacabal.

APÊNDICE B - DIÁRIO DE CAMPO REFERENTE AO ENCONTRO COM A MÃE DO JOÃO EM 15 DE JULHO DE 2019

Ao retornar do percurso, do meio do caminho ou talvez o caminho completo era o retorno, às vezes é preciso retornar para continuar, e assim o fiz. Combinamos um novo encontro, às 8h no Hospital Nina Rodrigues. Cheguei pontualmente, encaminhei mensagem avisando que já havia chegado, ela demora a responder, mas avisa que já está a caminho. Aproximava-se das 9h e a mãe ainda não havia chegado ao local e horário combinado, já estava começando a sentir-me apreensiva, imaginando que por ventura havia desistido da nossa conversa pessoalmente. Enquanto isso dividia o tempo conversando com pacientes

que chegavam ao hospital para se consultar, conversava com um, depois conversava com outro, os pacientes começavam a chegar e logo o hospital era ocupado por muitas pessoas em sofrimento psíquico, inclusive eu em estado de angústia pela espera. O Hospital é composto pelas salas de atendimento, corredores e por áreas arborizadas. Sentei na área próxima as árvores e logo em seguida se aproxima uma garota com sua mãe, estão vindo do interior para o tratamento da filha, a mesma tem surtos psicóticos e utiliza-se de materiais pontiagudos para cortar os braços, tem pensamentos suicidas. Fiquei a escutar a história dessa mãe que também fica em sofrimento junto com a filha, me disse que tem insônia e que é muito árduo acompanhar a demanda da filha. Logo em seguida a chamaram para a consulta, olho para o relógio e já se aproxima das 10h e ainda encontro-me a esperar. Já estava vivendo o momento e dialogando com aqueles que se aproximavam do banco onde estava sentada. Nesse dia conheci o Carlos e sua mãe, adolescente de 12 anos, bastante calado, não pronuncia nenhuma palavra, mas a sua mãe inicia uma conversa dizendo que encontra-se com dores de cabeça e cansada, pois passa a noite trabalhando e as vezes precisa trazer o filho para tratamento durante o dia, fiquei a escutar sobre suas angustias e em seguida os chamaram para atendimento, mas senti que a minha escuta naquele momento, para aquela mãe cansada foi significativa de alguma forma. O cansaço começa a apertar, olho para a portaria e vejo a mãe do João descendo as escadas, meu coração ficou em estado de alívio e alegria. Novamente o momento me ensina que a experiência do percurso é tão significativa quanto alcançar o fim. E assim iniciamos nossa conversa, às 11h, antes tarde do que nunca.

APÊNDICE C - DIÁRIO DE CAMPO REFERENTE AO ENCONTRO COM O JOÃO EM 23 DE OUTUBRO DE 2019

Era 23 de Outubro, estávamos há dois meses sem contato, então encaminhei uma mensagem para mãe da criança perguntando-lhe se estavam em São Luís ou Bacabal, pois já estava pensando em uma possível viagem até a cidade novamente, mas dessa vez resolvi perguntar a localização. Disse que encontravam-se em São Luís, pois veio trazer a criança para as suas consultas realizadas de práxis no Hospital Nina Rodrigues, mas já estavam de viagem marcada para retornar no mesmo dia por volta de 1:30h da tarde. A mãe disse que se tivéssemos que nos encontrar teria que ser na rodoviária de São Luís por volta das 12:30h. Não tive muito tempo para pensar, era a oportunidade que possuía para conhecer e entrar em contato com a criança e assim lhe apresentar os livros digitais. Quando os avistei, a mãe segurava pelas mãos da criança em direção a plataforma de embarque, logo acenei

avisando-lhes sobre a minha presença nesse encontro que teve como representatividade o primeiro contato com a criança. JC mostrou-se curioso por saber quem eu era e o que estava fazendo na rodoviária aguardando-os, apresentei-me como aluna do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão e disse-lhe que estava desenvolvendo uma pesquisa com livros digitais e se ele tinha interesse em conhecer, no mesmo momento recitou que sim, então o convidei para irmos até a lanchonete mais próxima mostrar-lhe o material. Tive sentimentos de alegria ao observar a empolgação da criança ao mexer nos livros digitais. A mãe nesse momento tirava fotos, filmava, mostrava-se contente com o acontecimento desse encontro casual entre a gente.

APÊNDICE D - DIÁRIO DE CAMPO REFERENTE AO ENCONTRO COM A MARIA E SUA MÃE EM 04 DE OUTUBRO DE 2019

Era uma sexta feira, dia da família ir ao supermercado fazer as compras da semana. Foi nesse local que marcamos o primeiro encontro, avistei a Maria e sua mãe na fila do supermercado, acenei de longe mostrando que já estava a espera delas. A Maria deliciava-se das uvas e fazia esse desfrute caminhando de um lado para o outro. Fiquei timidamente observando a movimentação na porta do supermercado, era o nosso primeiro encontro e para todo primeiro encontro fui acometida por um frio na barriga que amenizou logo após nos apresentarmos. Fui até o caixa pegar as salocas e as coloquei no porta malas do carro e as levei até a residência. No caminho fomos conversando sobre o projeto, quais eram os objetivos e que nós iríamos construir juntas os resultados. Moram na periferia da Cidade, numa casa de canto com muitos vizinhos ao redor. Ao adentrar fui convidada para sentar na cozinha, me ofereceram um delicioso café com beijú, aceitei e o experimentei da mesma forma que degustei o nosso diálogo naquela manhã. Enquanto dialogava com a mãe a Maria vez ou outra entrava na conversa para participar do seu modo, ela falava dos colegas da escola, colocava a música preferida para tocar no celular, pedia para mãe um trocado para comprar cremosinho, visto que a mãe descartou a possibilidade, então me fez o pedido. Haja vista que também tenho apreço por cremosinho não descartei a possibilidade de irmos e fomos logo após a conversa que estava mantendo com a mãe da criança. Os vizinhos também participavam desse encontro, vez ou outra adentravam na casa, tomavam café e conversavam com a mãe da Maria. Aprendi neste dia que o ato de pesquisar nem sempre te leva a descobertas inusitadas, mas também te aproxima de dados singelos: ela gosta do cremosinho do bairro.

APÊNDICE E - DIÁRIO DE CAMPO REFERENTE AO ENCONTRO COM A MARIA EM 11 DE NOVEMBRO DE 2019

Hoje o meu encontro foi com a Maria, pensei em proporcionar-lhe um espaço de escuta, me conta um ponto que eu te conto um conto, e assim foi o nosso encontro, pautado em um diálogo que abria espaço para trocas. Na proporção em que a conhecia eu também me conhecia quanto aos meus limites enquanto pesquisadora aprendiz. No percurso encontrei resistência, erreí o caminho por duas vezes, pois chegar sem avisar proporcionou-me certo frio na barriga, percebi que a surpresa é uma via de mão dupla, é surpreendido quem te recebe e quem chega despretensiosamente, ambos se espantam. É um ato que foge do convencional, foge do preparo, do imprevisto, da casa arrumada, é o espanto com o desarrumado, um encontro com o real, com os detalhes que são escondidos ao avisar que se estar chegando. Encostei-me na janela da cozinha e logo a frente encontrei a mãe da Maria lavando as louças, ela esboçou um sorriso e me convidou para entrar. A Maria também veio me receber, disse ter acordado há pouco tempo, falei que queria apresentar-lhe alguns livros e perguntei em qual lugar da casa poderíamos ficar, sugeri ficarmos na cozinha, por ter melhor iluminação. A mesa possuía duas cadeiras que encontravam-se em posição frontal e ao iniciar nosso diálogo ela logo pegou uma caneta minha que havia ganhado de presente de uma professora que a trouxe de Portugal e a colocou na boca, fazendo movimentos de sucção, o mesmo feito na relação mãe bebê quando encontra-se na fase oral ao ser amamentado. Falei da origem da caneta, que tinha vindo de Portugal, me perguntou se era possível irmos de trem até Portugal, disse que talvez era possível fazer esse percurso entre as cidades vizinhas. Logo a sua entrevista continuou ao querer saber onde minha mãe estava, disse-lhe que estava no trabalho, pois trabalha em uma loja, quis saber se ela vende brinquedos e citou a boneca *Barbie*, respondi que sim e logo expressou felicidade, continuou perguntando se eu tinha filhos, disse-lhe que não, mas que pretendia, perguntou quantos irmãos eu possuía, por fim quis saber se meu pai me amava, disse-lhe que sim. A criança desde o primeiro encontro fazia-me perguntas e a seguir também lhes fazia outros questionamentos. Assim se prosseguia nosso diálogo entre um processo de transferência e contratransferência. Em seguida disse-lhe que também tinha algumas dúvidas e se poderíamos iniciar meus questionamentos, então, deu-me permissão.

APÊNDICE F - DIÁRIO DE CAMPO REFERENTE AO ENCONTRO COM A PROFESSORA DA MARIA EM 19 DE NOVEMBRO DE 2019

Encontrei com a mãe da Maria por volta das 10:30h para irmos buscar a Mariana escola, ela estuda na U.E.B que fica a uns 30min da sua casa, caso decida por fazer esse trajeto andando, a mãe disse que o faz todos os dias, inclusive pela manhã leva a filha na escola, ao retornar executa as atividades domésticas e depois vai buscar sua filha no horário da saída para depois ir ao trabalho a tarde. Quando a mãe vai ao trabalho a Maria fica com uma cuidadora até sua mãe retornar. Ao chegarmos na escola muitos pais já estavam aguardando seus filhos na porta, fui recebida pela secretária que me apresentou a sala de recursos e a professora da Maria, enquanto isso a sirene tocou e os alunos saiam agitados correndo pelos corredores, a Maria estava nesse meio, entrou no embalo, saiu correndo até a portaria. A criança se misturava por entre os colegas, se sentia pertencente ao meio, na outra turma a secretária me apresenta de longe uma criança com autismo, ele mostra-se alegre, brincando entre os colegas. Enquanto as crianças correm até a saída eu também me misturo entre eles até a sala da professora e sou recebida por um abraço de uma criança na porta da sala. O que mostra que há um cuidado e troca de afetos entre eles.

ANEXOS

ANEXO 1 – TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**Comitê de Ética da Universidade Federal do Maranhão**

Av. dos Portugueses, 1966 - Vila Bacanga, São Luís - MA, 65080-805

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título da Pesquisa: Psicose infantil e sua experiência com os livros digitais

Você está sendo convidado a participar de um estudo de pesquisa que se destina a compreender que tipo de relação é estabelecida entre crianças com estrutura psicótica e os livros digitais. Este estudo é importante porque consiste em contribuir aos moldes educacionais inclusivos, ao introduzir os recursos lúdicos disponibilizados pelos livros digitais, capazes de despertar estímulos cognitivos que cooperem para a abertura da socialização, atenção, interação, ensino-aprendizagem e criatividade desses sujeitos frente ao texto literário, o que, de certa forma, repercutirá no meio biopsicossocial na qual estão inseridos.

O estudo será feito da seguinte maneira: utilizará de entrevistas abertas e fechadas a serem aplicadas aos pais, professores e ao público alvo da pesquisa, que podem ser gravadas caso ocorra autorização, tendo como propósito levantar elaborações que contribuam para análise qualitativa dos resultados, assim como irá ater-se da escuta e observação como elementos imprescindíveis na colaboração do levantamento e construção de dados e mediando esse processo terá como ferramenta os Books Apps interativos para observação dos dados levantados nos objetivos da pesquisa.

Por se tratar de uma experiência nova, voltada ao contexto da psicose infantil, é possível, diante das limitações apresentadas por cada criança, que o risco se incida no surgimento de resistências, enquanto a utilização do recurso literário digital, haja vista, que

possui estímulos como imagem em movimento, cores, som e iluminação, que podem sofrer variáveis de aceitação por conta da subjetividade peculiar e biopsíquica do transtorno vivenciados de modo singular por cada criança.

Os benefícios que você deverá esperar com a sua participação, mesmo que indiretamente, será o de contribuir para progresso biopsicossocial das crianças psicóticas que compartilham do contexto educacional da rede pública de ensino.

Sempre que você desejar será fornecido esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo. A qualquer momento, você poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, poderá retirar seu consentimento, sem que para isto sofra qualquer penalidade ou prejuízo.

Será garantido o sigilo quanto a sua identificação e das informações obtidas pela sua participação, exceto aos responsáveis pelo estudo, e a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto. Você não será identificada em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

Anne Ramayhara Mendes Gomes

Pesquisadora Participante

Discente de Biblioteconomia

Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Roosevelt Lins Silva

Orientador Departamento de Biblioteconomia Universidade Federal do Maranhão

Consinto em participar desta pesquisa e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Participante da Pesquisa

São Luís, _____ / _____ / _____

ANEXO 2 - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Comitê de Ética da Universidade Federal do Maranhão

Av. dos Portugueses, 1966 - Vila Bacanga, São Luís - MA, 65080-805

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: Psicose infantil e sua experiência com os livros digitais.

Pesquisador Responsável: Prof (o). Dr. Roosevelt Lins Silva

Telefone para contato: (98) 988810709

Pesquisadores participantes: Anne Ramayhara Mendes Gomes

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro participante,

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “Psicose infantil e sua experiência com os livros digitais”.

A pesquisa se destina a compreender que tipo de relação você estabelece com os livros digitais. Para ser participante, o seu responsável deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você ou seu responsável poderá desistir da participação a qualquer momento, sem isso ser um problema ou causar qualquer prejuízo para você.

Esta pesquisa é importante por que consiste em contribuir aos moldes educacionais inclusivos, ao introduzir os recursos lúdicos disponibilizados pelos livros digitais, capazes de despertar estímulos cognitivos que cooperem para a abertura da socialização, atenção, interação, ensino-aprendizagem e criatividade, o que, de certa forma, repercutirá no meio biopsicossocial na qual está inserido.

O estudo será feito da seguinte maneira: utilizará de entrevistas estruturadas e semiestruturadas a serem aplicadas aos seus pais e a você, que podem ser gravadas caso ocorra autorização, tendo como propósito levantar elaborações que contribuam para análise qualitativa dos resultados, assim como irá ater-se da escuta e observação como elementos imprescindíveis na colaboração do levantamento e construção de dados, e mediando esse processo terá como ferramenta os Books Apps interativos para observação dos dados levantados nos objetivos da pesquisa.

Por se tratar de uma experiência nova, é possível, diante de certas limitações psíquicas, que o risco se incida no surgimento de resistências, enquanto a utilização do recurso literário digital, haja vista, que possui estímulos como imagem em movimento, cores, som e iluminação, que podem sofrer variáveis de aceitação por conta da subjetividade peculiar e biopsíquica do transtorno vivenciado de modo singular.

Os benefícios que você deverá esperar com a sua participação, serão o de contribuir para progresso biopsicossocial das crianças psicóticas que compartilham do contexto educacional da rede pública de ensino.

Sempre que você desejar será fornecido esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo. A qualquer momento, você poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, poderá retirar seu consentimento, sem que para isto sofra qualquer penalidade ou prejuízo.

Será garantido o sigilo quanto a sua identificação e das informações obtidas pela sua participação, exceto aos responsáveis pelo estudo, e a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto. Você não será identificada em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

Pesquisador responsável

Prof (o). Dr. Roosevelt Lins Silva

CONTATOS: (98) 988810709

São Luís, _____/_____/_____

Assinatura do (a) menor

Número do documento de identificação

ANEXO 3 – ENTREVISTA NORTEADORA REALIZADA COM OS PAIS

- 1 – Qual seu grau de parentesco? () Mãe () Pai () Outros
- 2 – Idade dos pais:
- 3 – Profissão:
- 4 – Idade da criança:
- 5 – Como se constitui a configuração familiar?
- 6 – Com quem reside a criança?
- 7 – Com qual familiar à criança se relaciona melhor?
- 8 – Tem irmãos? Quantos?
- 9 – Como é a relação da criança com os familiares?
- 10 – Com quem a criança passa mais tempo durante o dia?
- 11 – Tem contato com outros familiares e como é a relação?
- 12 – Fez Pré-Natal?
- 13 – A gestação foi planejada?
- 14 – Qual a participação do pai durante esse período?
- 15 – Apresentou doenças durante a gestação?
- 16 – Houve algum episódio marcante durante a gravidez?
- 17 – A gravidez foi de risco?
- 18 – Como foi o parto?
- 19 – Ocorreu alguma complicação pós-parto? Houve necessidade de cuidados especiais?
- 20 – A criança apresenta algum histórico de doença genética?
- 21 – Apresenta alguma doença crônica?
- 22 – A criança realiza algum acompanhamento médico?
- 23 – A criança faz uso de algum medicamento? Durante quanto tempo?
- 24 – A criança já foi hospitalizada? Por qual motivo? Por quanto tempo?
- 25 – A criança já passou por alguma cirurgia?
- 26 – A criança foi amamentada? Até quando?
- 27 – Como é a sua alimentação?
- 28 – Apresenta dificuldades nas refeições?
- 29 – Tem horários fixos para alimentação?
- 30 – Como é o sono? (agitado, tranquilo)?
- 31 – Possui rotina para dormir?

- 32 – Dorme em quarto separado dos pais? Com quem dorme?
- 33 – A criança acorda e vai para a cama dos pais?
- 34 – Apresenta enurese noturna? Qual frequência?
- 35 – Como foi o desenvolvimento inicial da criança?
- 36 – A criança sustenta a cabeça? Desde qual idade?
- 37 – Quando engatinhou pela primeira vez?
- 38 – Quando ficou em pé sozinha se apoiando em algo?
- 39 – Andou com quantos anos/meses?
- 40 – Como você observa a autonomia da criança?
- 41 – Esboçou os primeiros sorrisos com qual idade?
- 42 – Pronunciou a primeira palavra com qual idade? Qual foi?
- 43 – A linguagem é de fácil ou difícil entendimento?
- 44 – Apresenta alguma dificuldade na fala?
- 45 – Atende ao seu nome?
- 46 – Com quantos anos começou a frequentar a escola?
- 47 – A criança frequentou alguma vez a creche?
- 48 – Como foi o processo de adaptação escolar?
- 49 – Como a reação dos pais diante disso?
- 50 – Repetiu alguma vez de ano?
- 51 – Houve alguma reclamação de indisciplina na escola?
- 52 – Como são as interações com os professores, colegas e funcionários da escola?
- 53 – Qual a disciplina apresenta mais dificuldade e mais facilidade?
- 54 – Como é a rotina de estudo?
- 55 – Os pais auxiliam nas atividades da escola ou possui reforço escolar?
- 56 – Demonstra interesse pelos recursos tecnológicos? (Celular, Computador, Tablet).
Quais?
- 57 – A criança sabe ler?
- 57 – Demonstra interesse pela leitura?
- 58 – Costumam ler para a criança? Quais tipos de livros?
- 59 – A criança possui livros em casa? Quais?
- 60 – A criança tem algum personagem que gosta na literatura infantil?
- 61 – O que pensam sobre a introdução da literatura digital no contexto escolar da criança?
- 62 – Possuem aparatos tecnológicos em casa? Quais?

- 61 – Possuem internet em casa?
- 63 – A criança tem acesso à internet?
- 64 – A escola da criança possui computador com acesso a internet?
- 65 – A criança utiliza os recursos tecnológicos disponibilizados pela escola?
- 66 – O que pensa sobre a preparação dos professores ao transmitir o conteúdo escolar para a criança?
- 67 – Tem contato com outras crianças?
- 68 – Prefere brincar sozinha ou com amigos?
- 69 – Prefere brincar com crianças maiores ou menores que ela?
- 70 – Faz amigos com facilidade?
- 71 – Adapta-se facilmente ao meio?
- 72 – Como é o relacionamento da criança com os pais?
- 73 – Como é o relacionamento com os irmãos?
- 74 – Como reage a imposição de regras e limites?
- 75 – Quem os usa?
- 76 – Quais as reações da criança frente a essas medidas?
- 77 – Apresenta comportamento agressivo?
- 78 – Como é a rotina da criança? Costuma passar o dia com quem?

ANEXO 4 – ENTREVISTA NORTEADORA REALIZADA COM AS CRIANÇAS

Antes de apresentar o Livro Digital:

- 1 – Você gosta de ir à escola?
- 2 – Conhece as letras do alfabeto e as cores?
- 3 – Gosta dos professores?
- 4 – Qual aula você mais gosta e qual menos gosta?
- 5 – Possui dificuldades em entender o assunto passado pelos professores em salade aula?
- 6 – Tem muitos amigos na escola? Com quem mais gosta de conversar?
- 7 – Possui livros em casa? Fale-me sobre eles.
- 8 – Gosta de celular e computador?
- 9 – O que costuma fazer quando está usando o celular ou computador?
- 10 – Tem acesso ao celular ou computador na escola e em casa?
- 11 – Teus pais te ajudam a responder as tarefas da escola?
- 12 – Costuma usar a internet?
- 13 – Já frequentou alguma biblioteca na tua cidade?
Qual?
- 14 – Conhece alguma biblioteca virtual?
- 15 – Tens interesse em conhecer os livros digitais?

Após apresentação do Livro Digital:

- 1 – Conseguiu compreender a estória? Qual livro você mais gostou?
- 2 – Qual personagem você mais gostou e menos gostou na estória?
- 3 – Teve dificuldades em usar os recursos tecnológicos?
- 4 – O que achou da estória se movimentando? Prefere ler estórias com ou sem movimento?

- 5 – Gostaria de ter livros desse modelo na escola? Por quê?
- 6 – O que achou do som dos personagens? Atrapalha ou contribui?
- 7 – O que achou das cores dos personagens? Atrapalha ou contribui?
- 8 – Gostaria de ler mais histórias como essa?
- 9 – Gostaria de criar uma história como essa? Como seria?
- 10 – Se você tivesse que contar essa história a alguém, como contaria?
- 11 – Achou legal ou ruim mexer no livro pelo computador?
- 12 – Prefere mexer no livro ou que mexam para você?
- 13 – Prefere ler o livro ou que leiam para você?
- 14 – Teus pais costumam ler para você?
- 15 – Teus professores costumam ler para você?
- 16 – Gostaria de ter livros desse modelo na escola e em casa? Por quê?

ANEXO 6 – REGISTROS DA EXPERIÊNCIA DE CAMPO

Figura 1 – Entrevista realizada com o João



Fonte: Gomes (2019)

Figura 2 - Experiência do João com o Livro Digital



Fonte: Gomes (2019)

Figura 3 – Entrevista com a mãe do João



Fonte: Gomes (2019)

Figura 4 – Entrevista com a professora da Maria



Fonte: Gomes (2019)

Figura 5 – Entrevista com a mãe da Maria



Fonte: Gomes (2019)

Figura 6 – Experiência da Maria com o livro digital



Fonte: Gomes (2019)

Figura 7 – Degustação de cremosinho com a Maria



Fonte: Gomes (2019)

Figura 8 – Momento em que Maria amarra o cabeloda pesquisadora



Fonte: Gomes (2019)